

234

PROC.-	234
LIV.-	01
PAG.-	27
REG.-	854

Dois Perdidos numa Noite Suja

Plinio Marcos

16.8.18  
B  
B

0.37

AO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300/p.2

DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL

CENSURA FEDERAL

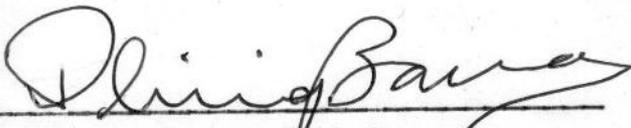
B R A S I L I A - D.F.

O abaixo assinado, Plinio Marcos de Barros, brasileiro, casado, residente á Avenida Turmalina, 175 - 4º andar apt. 44 - fone 278.50.66, São Paulo, Capital, vem mui respeitosamente, requer de V.S. se digne proceder a revisão de censura de minha peça teatral " Dois Perdidos Numa Noite Suja" por estar vencido o prazo da mesma.

Nestes Termos

P. Deferimento

São Paulo, 26 de janeiro de 1.970

  
\_\_\_\_\_  
Plinio Marcos de Barros



# SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Fundada em 27 de Setembro de 1917  
Sede: AV. ALMIRANTE BARROSO, 97 - 3.º andar.  
End. Teleg.: SBAT - RIO  
RIO DE JANEIRO — BRASIL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300 1p.3

## Direitos de Representação Autorização Nº 172964

A Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), reconhecida como utilidade pública federal, pelo decreto n.º 4.092, de 4-8-1920, mandatária de seus associados nacionais e estrangeiros, para todos os fins de direito, autoriza, nos termos do artigo 2.º do decreto n. 4.790, de 2-1-1924, combinado com os artigos 26 e seu parágrafo único, e 27, do decreto n.º 5.492, de 16-7-1928, art. 46 do decreto n.º 18.527, de 10-12-1928, e artigo 35 do decreto n.º 21.111, de 1-3-1932, Lei n.º 2.415, de 9-2-955, art. 42, do decreto n.º 20.493, de 24-1-1946, a representação da peça teatral: *Dois perdidos numa noite*

suja

Original de *Rino Marco*

Música de

Tradução de

No Teatro *Teatro* Cidade *S. Paulo*

Empresa *Rino Marco* Pela Cia.

nos dias *março* *Censura da peça*

sob a condição do pagamento dos respectivos direitos autorais, na base de

.....% da venda bruta de cada espetáculo, mediante a

garantia mínima de Cr\$ ..... obrigando-se a Em-

prêsa a fornecer à SBAT uma cópia do "bordereau" de receita, devidamente au-

tenticado, responsabilizando-se pela sua ..... pelo integral paga-

mento dos direitos autorais acima estipulados, em moeda corrente.

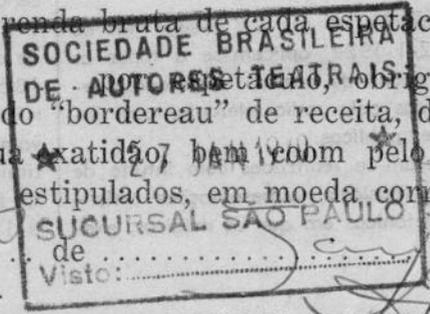
..... de 195.....

..... (pela SBAT)

Esta via de Autorização deve ser anexada ao programa respectivo e entregue às autoridades competentes.

— A quitação do direito autoral respectivo, só poderá ser dada na primeira via do recibo oficial da SBAT.

Isenta de selo - Art. 1.º do Dec. 7.957, de 17-9-945.



## Resumo dos textos de Leis invocadas nesta autorização

**Decreto n.º 4.092, de 4 de agosto de 1920:**

Art. 1.º — Fica reconhecida como de Utilidade Pública a **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** com sede no Rio de Janeiro.

§ 1.º — É facultado a esta Sociedade representar seus associados:

a) — Perante a Polícia ou em Juízo Civil e Criminal ativa e passivamente, em todos os processos referentes à propriedade literária e artística nos quais esses associados sejam parte.

b) — Perante as Empresas teatrais, para a cobrança das quotas ou percentagens de direitos de autor.

§ 2.º — Para o disposto no § 1.º a Sociedade se reputará mandatária de seus associados, para todos os fins de direito, pelo simples ato de filiação à Sociedade, salvo cláusula expressa em contrário.

§ 4.º — A prova de filiação à **Sociedade Brasileira de Autores Teatrais** ou às suas congêneres estrangeiras poderá ser feita pela relação oficial dos sócios, publicada pela imprensa ou em avulso, ou por certidão em cartório, passada por tabelião público, pela qual se verifique constar da relação o nome do autor teatral.

**Decreto n.º 4.790, de 2 de janeiro de 1924:**

Art. 2.º — Nenhuma composição musical, tragédia, drama, comédia, ou qualquer outra produção, seja qual for a sua denominação, poderá ser executada ou representada em teatros os espetáculos públicos, para os quais se pague entrada, sem autorização, para cada vez, de seu autor, representante ou pessoa legitimamente subrogada nos direitos daquele.

**Decreto n.º 5.492, de 16 de julho de 1928:**

Art. 26 — As disposições do art. 2.º e seguintes do Decreto n.º 4.790, de 2-1-1924, aplicam-se a todas as composições musicais e peças de teatro, executadas, representadas ou transmitidas pela radio-telefonía, com intuito de lucro, em reuniões públicas.

§ único — Consideram-se realizadas com intuito de lucro quaisquer audições musicais, representações artísticas ou difusões, radio-telefônicas em que os músicos, exe-

cutantes ou transmitentes tenham retribuição pelo trabalho.

Art. 27 — Os proprietários ou empresários de quaisquer estabelecimentos de diversões públicas, são responsáveis pelos direitos autorais das produções aí realizadas.

**Decreto n.º 18.527, de 10 de dezembro de 1928:**

Art. 46 — Ficam obrigados à apresentação de programas os proprietários, empresários, diretores ou quaisquer outros responsáveis pelas representações, exhibições, irradiações que se realizarem em teatros, cinematógrafos, dancings, cabarés, sociedades radio-telefônicas ou outros quaisquer estabelecimentos de diversões públicas.

**Decreto n.º 21.111, de 1 de março de 1932:**

Art. 35, § 1.º — A irradiação de quaisquer assuntos ou trabalhos, já divulgados ou não por outros meios, deverá respeitar os direitos autorais e ser igualmente precedida da indicação dos nomes dos autores.

**Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946:**

Art. 42 — Considera-se local de representação, execução, exibição e irradiação e de outras formas de espetáculo, reuniões e diversões públicas, inclusive competições desportivas, os teatros, os circos, arenas e pistas, parques, salões ou dependências adequadas, assim como quaisquer estabelecimentos onde se reserve espaço para algum daqueles fins e que sejam, de qualquer maneira, frequentados coletivamente, mesmo as que tenham a denominação de sociedades recreativas e desportivas.

**Lei n.º 2.415, de 9 de fevereiro de 1955:**

Art. 1.º — A outorga, no território nacional, da licença autoral para a realização de representações, execuções públicas e tele-transmissões, pelo rádio ou televisão, de que tratam os arts. 42 e 43, § 1.º, do Decreto número 18.527, de 10 de dezembro de 1928, e 88 do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946, compete exclusivamente ao próprio autor ou à Sociedade legalmente constituída para a defesa de direitos autorais, à qual o autor for filiado e que o tenha registrado na forma do artigo 105, § 1.º, do Decreto n.º 20.493, de 24 de janeiro de 1946.

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

autor: Plínio Marcos.

1ª cena

(Paco está deitado em uma das camas. Toca muito mal uma gaita. De vez em quando para de tocar, olha para seus pés que estão calçados com um lindo par de sapatos, completamente em desacôrdo com sua roupa. Com a manga do paletó limpa os sapatos. Paco está tocando, entra Tonho, não dá bola para Paco. Vai direto para sua cama, senta nela e com as mãos a examina.)

Tonho- Ei! pare de tocar essa droga.

(Paco finge que não ouve)

Tonho- (gritando) Não escutou o que eu disse? pare com essa zoeira!

(Paco continua a tocar)

Tonho- É surdo, é desgraçado?

(Tonho vai até Paco e o sacode pelos ombros)

Tonho- Você não escuta a gente falar?

Paco- (calmo) Oi! Você está aí?

Tonho- Estou aqui para dormir!

Paco- E daí, quer que eu toque uma canção de ninar?

Tonho- Quero que você não faça barulho.

Paco- Puxa, porque?

Tonho- Porque eu quero dormir.

Paco- Ainda é cedo.

Tonho- Mas eu já quero dormir.

Paco- E eu tocar.

Tonho- Eu paguei pra dormir.

Paco- Mas não vai conseguir.

Tonho- Quem disse que não?

Paco- As pulgas. Essa estrebaria está assim de pulgas.

Tonho- Disse eu sei. Agora quero que você não me perturbe.

Paco- Poxa. Mas o que você quer?

Tonho- Só quero dormir.

Paco- Então pare de berrar e dorme.

Tonho- Está bem. Mas não se meta a fazer barulho.  
(Tonho volta para sua cama, Paco recomeça a tocar.)

Tonho- Pare com essa música estúpida. Não entendeu que eu quero silêncio?

Paco- E daí você não manda.

Tonho- Quer encrenca? Vai ter! Se soprar mais uma vez essa droga, vou quebrar essa porcaria.

Paco- Estou morrendo de medo.

Tonho- Se duvida toca esse troço.  
(Paco sopra a gaita. Tonho pula sobre Paco, os dois lutam com violência. Tonho leva vantagem e tira a gaita de Paco.)

Paco- Filho da puta.

Tonho- Avisei não escutou se deu mal.

Paco- Dá essa gaita pra cá.

Tonho- Vem pegar.

Paco- Poxa, deixa de onda e dá essa merda.

Tonho- Se tem coragem, vem pegar.

Paco- Para que fazer força,? Você vai ter que dormir mesmo.

Tonho- Antes de dormir joga essa merda na privada e puxo a bomba.

Paco- Se você fizer isso eu te apago.

Tonho- Experimenta.

Paco- Se duvida, joga.

Tonho- Jogo e daí?

Paco- Então joga.

Tonho- Você só tem boca dura.

Paco- É melhor você me dar essa merda.

Tonho- Não enche o saco.

Paco- Ainda logo, me dá isso.

Tonho- Não vou dar.

(Paco pula sôbre Tonho. Esse mais uma vez leva vantagem. Joga Paco longe com um empurão.)

Tonho- Tá vendo, palhaço, comigo você só entra bem.

Paco- Eu quero minha gaita.

Tonho- Se você ficar bonzinho amanhã de manhã eu devolvo.

Paco- Quero a gaita já.

Tonho- Não tem acôrdo.

( P A U S A )

(Tonho deita e paco fica onde está olhando tonho.)

Tonho- Vai ficar aí me invocando?

Paco- Já estou invocado a muito tempo.

Tonho- Poxa, Paco vê se me esquece.

Paco- Então me dá a gaita.

Tonho- Você não toca?

Paco- Não vou tocar.

Tonho- Palavra?

Paco- Juro.

Tonho- Então toma. (Tonho joga a gaita na cama de Paco)  
Se tocar já sabe! Pego outra vez e quebro.  
(Paco limpa a gaita e guarda. Olha o sapato, limpa-o com a  
manga do paletó)

Paco- Você arranhou meu sapato. (Molha o dedo na boca e  
passa no sapato)

Paco- Meu pisante é legal pra xúxú. (examina o sapato)  
Você não acha bacana?

Tonho- Onde você roubou?

Paco- Roubou o que?

Tonho- O sapato.

Paco- Não roubei.

Tonho- Não mente.

Paco- Não sou ladrão.

Tonho- Você não me engana;

Paco- Nunca roubei nada.

Tonho- Pensa que sou bobo?

Paco- Você está enganado comigo.

Tonho- Deixa de onda e dá o serviço.

Paco- Que serviço?

Tonho- Está se fazendo de otário? Quero saber onde você  
roubou êsses sapatos?

Paco- Êsses?

Tonho- É!

Paco- Mas eu não roubei.

Tonho- Passou a mão.

Paco- Não sou disso.

Tonho- Conta logo. Onde roubou?  
Paco- Juro que não roubei.  
Tonho- Canalha, jurando falso.  
Paco- Não enche o saco, poxa!  
Tonho- Então se abre logo.  
Paco- Que você quer? Não roubei e fim.  
Tonho- Mentiroso. Ladrão. Ladrão de sapato.  
Paco- Cala essa boca.  
Tonho- Ladrão sujo.  
Paco- Eu não roubei.  
Tonho- Ladrão mentiroso.  
Paco- Não roubei! Não roubei!  
Tonho- Confessa logo, canalha.  
Paco- (bem nervoso) Eu não roubei! eu não roubei! Eu não roubei! (começa a chorar) Não roubei! Poxa, nunca fui ladrão! nunca roubei nada! juro !Juro! JUro que não roubei!  
Tonho- (gritando) Pare com isso.  
Paco- Eu não roubei.  
Tonho- Está bem! Está bem! mas fecha esse berreiro!  
(Paco para de chorar e começa a rir)  
Paco- Você sabe que eu não afanci nada.  
Tonho- Sei lá.  
Paco- O pisante é bacana mas não é roubado.  
Tonho- Onde achou?  
Paco- Não achei.  
Tonho- Onde conseguiu então?

Paco- Trabalhando.

Tonho- Pensa que sou trouxa?

Paco- Pareca (ri)

Tonho- Idiota.

Paco- (ri)

Tonho- Nós dois trabalhamos no mesmo serviço. Vivemos de biscate no mercado. Eu sou muito mais esperto e e trabalho muito mais do que você, e nunca consegui mais do que o suficiente pra comer mal e dor - mir nesta espelunca. Como então você conseguiu comprar êsse sapato?

Paco- Eu não comprei.

Tonho- Então roubou,

Paco- Ganhei.

Tonho- De quem?

Paco- De um cara.

Tonho- Que cara?

Paco- Você não manja?

Tonho- Nem você.

Paco- Não manjo, mas êle me deu o sapato.

Tonho- Por que alguém ia dar um sapato bonito dêsses para uma besta como você?

Paco- Ah! você também acha o meu sapato legal?

Tonho- Acho. E daí?

Paco- Já morci.

Tonho- O que?

Paco- Tôda a sua bronca.

- Tonho- Que bronca, seu?
- Paco- Você bota olho gordo no meu pisante.
- Tonho- Você é louco.
- Paco- Louco nada. ágora eu sei porque você sempre invoca comigo.
- Tonho- Você é uma besta.
- Paco- Você tem um sapato velho, todo jogado fora e inveja o meu, bacana pacas.
- Tonho- Eu não
- Paco- Invejoso!
- Tonho- Cala essa boca.
- Paco- De manhã, quando saio rápido com meu sapato novo e você demora aí fobrando sua droga com jornal velho, deve ficar cheio de bronca.
- Tonho- Palhaço.
- Paco- (gargalha) Por isso é que você é azedo. Coitadinho deve ficar uma vara quando pisa num cigarro aceso. (Paco representa uma pantomina)
- Paco- Lá vem o trouxão todo cheio de panca (anda com pôso) Daí um cara joga a bia de cigarro, o trouxão vê e pisa em cima. O sapato do cavalão é furado, êle queima o pé e cai da panca. (Paco pega seu pé e finge que assopra) Ri. Ri. Ri. (Paco começa a rir e cai na cama de tanto rir)
- Tonho- (bravo) Chega!
- (Paco aponta a cara de tonho e estoura de tanto rir)
- Tonho- Pare com isso, Pare.

(Paco continua a rir. Tonho pula sôbre êle e com fúria dá violentos socos na cara de paco. Este ainda rí. Depois perde as forças e para. Tonho continua batendo. Por fim, para cansado. Ofegante, volta para sua cama. Deita. Depois de algum tempo, levanta a cabeça e vendo que Paco não se move demonstra preocupação. Aproxima-se de paco e o sacode.)

Tonho- Paco!.Paco!

(Paco não dá sinal de vida)

Tonho- Desgraçado, será que morreu? (Tonho enche um copo d'água de uma moringa e o despeja na cara de Paco)

Paco- Ai! Ai!

Tonho- Ainda bem que não morreu.

Paco- Você me machucou.

Tonho- Quando dou é pra valer.

Paco- Você me paga.

Tonho- Quer mais?

Paco- Não sabe brincar, canalha?

Tonho- Eu não estava brincando.

Paco- Vai ter forra.

Tonho- Você não é de nada.

Paco- Você não perde por esperar.

Tonho- Deixa isso pra lá, não foi nada.

Paco- Não foi nada porque não foi na sua cara.

Tonho- (ri)

Paco- Mas isso não vai ficar assim não.

Tonho- Não, vai inchar pra xúxú. (ri)

Paco- Está muito alegre.

Tonho- Boxa, você não gosta de tirar um sarro?

Paco- Quem rí por último, rí melhor.

Tonho- Agora cale a boca. Fiqui cansado de bater em você. Quero dormir.

Paco- Se tem coragen de dormir, dorme.

Tonho- Que quer dizer com isso?

Paco- Nada dormo.

Tonho- Vai querer me pegar dormindo?

Paco- Não falei nada.

Tonho- Nem pense em me atacar. Não esqueça a surra que te dei.

Paco- Não esqueço fácil.

Tonho- Acho bon. E fique sabendo de que posso dar outra a hora que eu quizer.

Paco- Duvido muito.

Tonho- Fecha essa latrina de uma vez, paspalho.

Paco- Falo quanto quizer.

Tonho- Você só sabe resmungar.

Paco- Você sabe muita coisa.

Tonho- Mais do que você eu sei.

Paco- Muito sabido. Porque que em vez de carregar caixas no mercado, não vai ser Presidente da República.

Tonho- Quem pensa que eu sou? Um estúpido da sua láia? Eu estudei. Estou aqui por pouco tempo. Logo arranjo um serviço legal.

Paco- Vai ser lixeiro?

Tonho- Não sua besta. Vou ser funcionário público, ou outra droga qualquer. Mas vou, eu estudei.

- Paco- Bela merda, estudar para carregar caixa.
- Tonho- Só preciso é ganhar uma grana pra me ajeitar um pouco. Não posso me apresentar tôdo roto e com êsse sapato.
- Paco- Se eu tivesse estudado, nunca ia ficar assim jogado fora.
- Tonho- Fiquei assim, porque vim do interior. Não conseguia ninguém nessa terra, foi difícil me virar. Porém logo acerto tudo.
- Paco- Acho difícil. Você é muito trouxa.
- Tonho- Você é que pensa. Eu fiz até o ginásio. Sei escrever a máquina e tudo. Se eu tivesse boa roupa, você ia ver. Nem precisava de tanto, bastava eu ter um sapato... assim como o seu. Sabe, as vêzes eu penso que se o seu sapato fôsse meu, eu já tinha me livrado dessa vida. É é verdade. Eu só dependo do sapato. Como eu posso chegar em algum lugar com um pisante dêsses? Todo mundo a primeira coisa que fáz, é ficar olhando para o pé da gente. Outro dia me apresentei para fazer um teste num banco que precisava de funcionário, tinha um monte de gente querendo o lugar. Nóz entramos na sala para fazer o exame,, Osujeito que parecia ser o chefe bateu os olhos em mim, me mediu de cima a baixo, quando viu o meu sapato deu uma risadinha, me invocou. Eu fiquei nervoso pacas. Se não fôsse isso, claro que eu seria aprovado. Mas, poxa, daquele jeito encabulci e errei tudo. E era tudo coisa fácil que-

caiu no exame. Eu sabia responder aqueles problemas, só que, por causa de meu sapato, eu me afobei e entrei bem.

( P A U S A )

TONHO - Que diz, Paco ?

PACO - Digo que quando você começa a falar, você enche o saco.

TONHO - Com você a gente não pode falar sério.

PACO - Só sabe chorar.

TONHO - Estava me abrindo comigo.

PACO - Quem tem amigo é puta de zona.

TONHO - É...

P A U S A L O N G A

(Paco tira a gaita do bolso e fica brincandô com ela.)

TONHO - Quer tocar, toque.

PACO - Posso tocar ?

TONHO - Faça o que lhe der na telha.

PACO - Não vou perturbar o seu sono ?

TONHO - Não. Pode tocar.

PACO - Tocarei em sua honra.

(Paco começa a tocar. Tonho acende um cigarro e dá uma longa tragada)

(LUZ APAGA)

FIM DO PRIMEIRO QULDRO.

2ª CENA

(Paco está deitado tocando, entra Tonho. Paco para de tocar.)

TONHO - Pode continuar tocando.

PACO - Eu toco quando quero.

TONHO - Pensei que tinha parado por minha causa.

PACO - Páro só quando eu quero, ninguém manda em mim.

TONHO - Esqueceu de ontem ?

PACO - Eu não esqueço de nada.

TONHO - Então deveria saber que a hora que me encher, eu faço você parar na marra.

- PACO - Não pense que todo dia é dia santo. Ontem foi ontem.
- TONHO - E hoje é a mesma coisa.
- PACO - Se eu quizer eu toco. Você não faz nada.
- TONHO - Você é muito valnete. Mas porque parou quando eu cheguei ? ficou com m<sup>ê</sup>dp ?
- PACO - Eu ter m<sup>ê</sup>do de homem ? No dia que eu tiver m<sup>ê</sup>do de homem não uso mais calça com barguilha, nem saio mais na rua.
- TONHO - Então porque parou quando eu cheguei.
- PACO - Eu quero te dar um aviso.
- TONHO - Dar um aviso prá mim?
- PACO - Não pra sua vó.
- TONHO - O que é que você quer me avisar?
- PACO - Que o negrão mandou te avisar, poxa.
- TONHO - Que negrão ?
- PACO - Que negrão, aquele lá do mercado.
- TONHO - Como vou saber quem é? lá tem muitos negrões.
- PACO - Esse você manja. É um que usa gorrinho de meia de mulher para alisar o cabelo.
- TONHO - O que êle quer comigo ?
- PACO - Ele mandou avisar que vai te dar tanta porrada, que é até capaz de te apagar.
- TONHO - Mas o que eu fiz prá êle ?
- PACO - Sei lá! Só sei que êle disse que você é muito fresco, e que êle vai acabar com essa frescura. Que você é um cara que não aguenta nem um peido e que êle vai te ensinar a não atravessar na vida dos outros.
- TONHO - Quando êle falou isso ?
- PACO - Hoje, no bar, me chamou e disse tudo. Falou que eu era um cara legal, mas que você era o fim da pica-da.
- ( P A U S A )
- TONHO - Acho que você fez alguma fofoca.
- PACO - Poxa, logo eu, eu não sou disso.
- TONHO - Porque o negrão iria se invocar comigo? Não fiz nada pra êle.
- PACO - Se você não sabe eu saber ?

- TONHO - Alguém aprontou pra mim.
- PACO - Azar seu. O negrão é fogo numa briga.
- TONHO - Só queria saber porque êle ficou com brânca de mim.
- PACO - O que eu sei é que êle está uma vara com você.  
( P A U S A )
- PACO - Agora você não vai poder mais baixar no mercado.
- TONHO - Por que não ?
- PACO - Vai me enganar que você vai encarar o negrão? Êle come a tua alma, o negrão é espeto. Você não conhece êle. Briga pacas. Um vez êle pegou um chofer que dava uns de z de você, quase matou o desgraçado de tanta porrada que deu,  
( P A U S A )
- PACO - Você tem medo do negrão?
- TONHO - (Sem convicção) Eu não.
- PACO - Boa Tonho! Assim é que é. Homem macho não tem medo de homem. O negrão é grande mais não é dois.  
( P A U S A )
- PACO - Você vai encarar êle?
- TONHO - Sei lá. Êle não me fez nada. Nem eu pra êle.
- PACO - Poxa, êle disse que você é fresco. Vai lá e briga. Êle é que quer.
- TONHO - Você só pensa em briga.
- PACO - Eu não. Mas se um cara começa a dizer pra todo mundo que eu sou fresco e os cambaus, eu ferro o miserável. Comigo é assim, pode ser quem for, folgou - dou pau.  
( P A U S A )
- PACO - Como é vai fazer como eu ou vai dar pra trás ?
- TONHO - Você podia quebrar meu galho com o negrão.
- PACO - Eu não, em briga dos outros eu não me meto.
- TONHO - Bastava você saber o que eu fiz pra êle.
- PACO - Poxa, em que caminhão você trabalhou hoje?
- TONHO - No caminhão de peixas.
- PACO - Era o caminhão do negrão, êle sempre trabalha aí.
- TONHO - Mas o negrão nem estava no mercado.
- PACO - E dai, só porque êle não estava você foi pondo o bedelho ?

- TONHO - O chofer é quem quis.
- PACO - Deixa querer, quando é assim.
- TONHO - Eles não iam ficar esperando a vida toda pra descarregar.
- PACO - Isso não é problema seu.
- TONHO - Seu eu não pegasse outro pegava.
- PACO - E pegava também a bronca do negrão.  
(P A U S A)
- PACO - O que você vai fazer ?
- TONHO - Vou falar com êle.
- PACO - Olha que êle te capa, êle não é de dar arrôgo.
- TONHO - Que vou fazer, ontão ?
- PACO - Sei lá. O negrão sacaneado é espêto.  
(P A U S A)
- TONHO - O único jeito é falar com o negrão.
- PACO - Não vai dar pé.
- TONHO - Então não tem remédio.
- PACO - Quando você ver êle, antes de conversar, dá uma porrada.
- TONHO - Depois êle me mata.
- PACO - Mata êle primeiro, você não é macho ?
- TONHO - Mas não estou a fim de matar ninguém.
- PACO - Poxa, você é um cagão. O negrão não é bicho.
- TONHO - Disso eu sei.
- PACO - Então calça a moleira dôle.  
(P A U S A)
- PACO - Quer que eu avise o negrão que você vai topar êle?
- TONHO - Pra que isso? Não precisa avisar nada.
- PACO - Limpa a tua barra. O negrão pode ficar pensando que você é de alguma coisa. Eu duvido, mas às vêzes êle é até capaz de se afinar.
- TONHO - A única saída é bater um papo com êle.
- PACO - Você não está afin de briga, já vi tudo.
- TONHO - E não estou mesmo.
- PACO - Homem de merda o que você é.
- TONHO - Só porque não quero me pegar com o negrão?
- PACO - Pôxa, êle anda dizendo que você é fresco. Deixa barato, Vai deixando. Um dia a turma começa a passar

- PACO - a mão no teu rabo, daí, vai querer gritar, mas já é tarde, ninguém mais respeita.  
(P A U S A)
- TONHO - Eu não posso brigar com o negrão! Será que você não se manca? O negrão é um caíra sem eira nem beira, não tem onde cair morto, prá êle tanto faz como tanto fez nem conta com o azar, entendeu?
- PACO - Você está é com o rabo na mão.
- TONHO - Não é medo, é que posso evitar encrenca. Falo com o negrão e acerto os ponteiros. Poxa se eu faço - uma besteira qualquer, minha mãe é que sofre. Ela já chorou pacas no dia que saí de casa.
- PACO - Vai me enganar que você tem casa.
- TONHO - Claro, como todo mundo.
- PACO - Então, que veio fazer aqui? Só encher o saco dos outros? Poxa, fica lá na sua casa.
- TONHO - Eu bem que queria ficar. Mas minha cidade não tem emprêgo, quem quer ser alguma coisa na vida tem que sair de lá. Foi o que fiz. Quando acabei o exercito vim pra cá. Papai não pode me ajudar...
- PACO - Quem tem pai é bicha.
- TONHO - Você não tem pai por acaso?
- PACO - Claro que eu tive um pai. Não sou filho de chocadeira. Só que não sei quem é. Pai pode ser qualquer um, mãe é que a gente sabe quem é.
- TONHO - Eu sem quem é meu pai.
- PACO - Quem é teu pai?
- TONHO - Quem você queria que fôsse, meu pai é meu pai.
- PACO - Sei lá se é. Sua velha pode trepar com qualquer um.
- TONHO - Olha lá, miserável, minha mãe é uma santa e eu não admito que você fale mal dela.
- PACO - Guarda seus gritos pro negrão.
- TONHO - Não vou enfrentar negrão nenhum.
- PACO - Então volta pro rabo de saia da tua mãe.
- TONHO - Vou voltar, mas só quando me aprumar na vida.
- PACO - Então nunca mais vai ver sua coroa.
- TONHO - E por que não?

- PACO - Não força a paciência. Você nunca vai ser ninguém.
- TONHO - Eu só preciso de um sapato. Uma boa apresentação abre portas. Seicu tivesse sorte de me ajeitar logo que cheguei, a essas horas estava longe daqui. Mas dei azar. O sapato estragou. Eu não tenho coragem de ir procurar emprego com essa droga nos pés. Tenho que desafogar aqui no mercado. Quando escrevo prá casa, digo que está tudo bem, pra sossegar o pessoal. Sei que eles não podem me ajudar. Vou me aguentando, um dia me afirmo.
- PACO - Vou te dar um alô. Volta pra casa. Aqui você só vai entrar bem.
- TONHO - Vontade de voltar não me falta.
- PACO - Então vai logo que já vai tarde.
- TONHO - Não, meu negócio é aqui.
- PACO - Poxa, não escutou eu te dizer que aqui não vai te dar pé ?
- TONHO - Não sei porque não vou me dar bem?
- PACO - Você é muito escamoso. Tem medo de pedir emprego por causa do sapatão, tem medo de encarar o negrão. Dêsse jeito só pode tubular.
- TONHO - Você podia me ajudar.
- PACO - Ninguém me ajuda, por que vou te ajudar?
- TONHO - É só você me emprestar seu sapato, eu arranjo um emprego depois se eu poder fazer alguma coisa por você eu faço.
- PACO - Eu te emprestar o meu sapato? Não tenho filho do seu tamanho.
- TONHO - É só um dia.
- PACO - Sai prá lá. Se vira de outro jeito.
- TONHO - Poxa, Paco, me quebra êsse galho, amanhã mesmo ia procurar emprêgo. Não precisava mais voltar nessa merda dêsse mercado.
- PACO - Quem gosta de você é o negrão. Ela vai ficar muito triste se você não baixar mais no mercado.
- TONHO - Você até parece que quer ver minha caveira.
- PACO - Quero ver você se pegar com o negrão, isso é que eu quero ver.

( P A U S A )

- PACO - Se o negrão te pega não vai adiantar chamar pela  
mamão. Ele vai te arrebentar.
- TONHO - Amanhã a gente ve como vai ser.
- PACO - Vou cagar de rir.
- TONHO - Não vai acontecer nada.
- PACO - Vai fugir ?
- TONHO - Eu não.
- PACO - Poxa, o cara é machão.
- TONHO - Não sou mais valente que ninguém.
- PACO - Se pensa que vai engrupir o negrão está enganado,  
o negrão é vivo pacas, êle vai te enrubar, .
- OS DOIS FICAM QUIETOS. LUZ APAGA - FIM DA 2ª CENA.

3ª CENA

(Tonho está deitado, Paco vai entrando, senta na  
cama, fica olhando fixo para Tonho, só depois de  
muito tempo é que fala)

- PACO - Você é um trouxa.
- TONHO - Você não tem nada que ver com a minha vida.
- PACO - Afinou como um bicha, poxa que papelão.
- TONHO - Papelão não. Bati um papo com o negrão, ficou tudo  
certo.
- PACO - Você é que acha.
- TONHO - O negrão está legal comigo, até tomamos umas pingui  
nhas juntos.
- PACO - Muito bonito para sua cara. O sujeito te cafetina  
você ainda paga bebida para êle. Você é um otário  
deu a grana do peixe pro negrão. Quem trabalha pra  
homen é relógio ou bicha. Depois que você se arran  
cou êle tirou um bom sarro as tuas custas. Todo ni  
jou de rir.
- TONHO - O negrão contou que eu dei dinheiro prá êle?
- PACO - Claro, você é trouxa, e agora todo mundo sabe.
- TONHO - Só dei metade. Foi pra evitar briga. Eu estudei, não  
preciso me meter em encrenca.
- PACO - E acha que livrou sua cara ?
- TONHO - Então ? Agora está tudo certo.
- PACO - Só que todo dia êle vai te dar uma prensa.

- TONHO - Não sei porque?
- PACO - Porque você é um trouxa. Ele disse que não pega -  
 mais no pesado é só ver você em um caminhão, êle  
 chega como quem não quer nada e diz que era a car-  
 reta dêle, daí te acharca. Se você achar ruim te -  
 sapeca o braço e leva toda a grana. Se você ficar  
 bonzinho é tudo meio a meio.  
 (P A U S A)
- PACO - O negrão é um sujeito de sorte, arranjou uma mina.  
 O apelido dêle ficou "Negrão Carifa", bota as ne-  
 gras dêle pra se virarem enquanto êle fica no bem  
 bom enchendo a cara de cachaça.  
 (P A U S A)
- PACO - Você está frito e mal pago. Otário só entra ben.  
 (P A U S A)
- TONHO - O negrão está enganado comigo.
- PACO - Não sei porque. Êle é vivo, conhece o gado dêle.
- TONHO - Se êle pensa que vou trabalhar pra êle está muito  
 enganado.
- PACO - Você já trabalhou um dia.
- TONHO - Eu só quis evitar encrenca.
- PACO - E se deu mal. Por isso eu falei que você tinha que  
 encarar, não me escutou, é metido a malandro, caiu  
 do cavalo. Homem não corre do pau.
- TONHO - Eu não quero nada disso. Eu estudei, Paco. Amanhã  
 ou depois compro um sapato, arrumo um emprego de  
 gente e nunca mais quero saber do mercado.
- PACO - Não vai ser mole. Se antes de você trabalhar pra  
 homem não dava, agora então é que não dá mesmo.
- TONHO - O negrão não pode fazer isso comigo, não é direito.
- PACO - Quem mandou você afinar? Agora é dureza fazer a mo-  
 çada pensar que você é de alguma coisa. Seu apeli-  
 do lá no mercado agora é "Boneca do Negrão".
- TONHO - Boneca do negrão é a mãe.
- PACO - (avançando) a mãe de quem ?
- TONHO - Sei lá a mãe de quem falou.
- PACO - Veja lá, boneca do negrão, não folga comigo não. Já  
 tenho bronca sua porque você inveja meu sapato. Se

- PACO - me enche o saco te dou umas porradas. Depois não adianta contar pro teu macho, que eu não tenho medo de negrão nenhum.
- TONHO - Cala essa boca.
- PAGO - Está confiando na sorte, boneca do negrão.
- TONHO - Não quero mais conversa com você.
- PACO - Agora a boneca só fala com o negrão. Mina certinha é assim. O negrão está bem servido.
- TONHO - Poxa, Paco, vê se me esquece.  
(P A U S A)  
(Tonho deita de costas para Paco)
- PACO - Volta para a casa do papai, boneca. Lá o negrão não pega você.  
(P A U S A)
- PACO - Lá no mercado você está de barra-suja. Se eu fôsse você não ia mais lá.  
(P A U S A)
- PACO - Amanhã vai ser fogo para você. Todo mundo vai te tomar o pelo.
- TONHO - Amanhã não vou no mercado.
- PACO - Vai procurar emprêgo com êsse sapatão jogado fora?
- TONHO - Não, tenho um troço pra vender. Vou andar por aí. Se passar prá frente pego um bom dinheiro.
- PACO - O que é ?
- TONHO - Um troço que o chofer deu pra vender prá êle.
- PACO - Mas que troço é.
- TONHO - Não é da sua conta.
- PACO - Mas você pode falar poxa.
- TONHO - Pra que falar? Pra você da azar?
- PACO - Não sou que nem você que seca o sapato dos outros.
- TONHO - Eu não seco nada.
- PACO - Vive invejando o neu pisante.
- TONHO - Não é nada disso. Só queria emprestado seu sapato por um ou dois dias. Isso não é secar.
- PACO - Não, não é. Você se invoca todo o dia comigo, por que ? Inveja!
- TONHO - Me invoço porque você só sabe encher o saco.
- PACO - Tentar te abrir o olho é encher o saco? Tá bom, da qui pra frente não aviso mais nada.

- TONHO - Você pra avisar faz uma onda do cassete.
- PACO - Onda não. Você é que custa pra se mancar das coisas.
- TONHO - Você que estica tudo. Um trocinho assim você deixa dêsse tamanho.
- PACO - Está bem, eu que estico. Aparece amanhã no mercado pra você ver. Todo o mundo vai chamar você de boneca do negrão.
- TONHO - Deixa chamar.
- PACO - Você vai gostar.
- TONHO - Claro que não.
- PACO - Então o que você vai fazer?
- TONHO - Finjo que não é comigo.
- PACO - Bela coisa, não vai adiantar nada.
- TONHO - Então o que você pensa que eu devo fazer ?
- PACO - Eu não penso nada.
- TONHO - Mas você não acha nada?
- PACO - Acho que você devia brigar com o negrão.
- TONHO - Já te disse que não posso.
- PACO - Só porque ele é grande? Quanto mais alto maior o tombo.
- TONHO - Não é isso, poxa. Eu estudei. Uma briga com o negrão não acaba nunca. Se eu acertar hoje, ele me pega de faca amanhã. Se escapo amanhã ele me pega depois. Só acaba com um morto.
- PACO - Mata ele.
- TONHO - Eu estudei meu chapa. Não estou afin de apodrecer na cadeia por causa de um desgraçado qualquer.
- PACO - Então volta pra casa do papai.
- TONHO - Também não posso. Preciso acertar minha vida aqui. Lá naquela cidade não tenho o que fazer. Os emprêgos já estão ocupados ou pagam menos que aí no mercado. Preciso acertar logo pra ajudar minha família. Já fizeram um puta sacrificio pra eu estudar. Não sei como fui ficar nessa fossa.
- PACO - É você está perdido e mora longe.
- TONHO - Pra você ver, minha situação não é mole. Por isso que às vezes perco a esportiva com você.

(21)

- PACO - Não me venha com essa. Seu negocio comigo você já falou outro dia. é a bronca do meu pisa, que você acha legal pacas. Até começou a dizer que eu tinha roubado.
- TONHO - Não é nada disso.
- PACO - É inveja. Por isso que você me invoca quando eu toco gaita.
- TONHO - Deixa de bobagem, Paco.
- PACO - Bobagem? Inveja é um troço que atrapalha a vida dos outros.
- TONHO - Meu problema é outro, eu fico pensando em minha casa no meu pessoal.
- PACO - Corta essa onda. Essas suas histórias me dão um putosono. Só sabe falar papai, mamãe. Poxa, que papo furado êsse seu. Depois não quer que a moçada, te ache fresco.
- TENHO - É, acho que você tem razão...  
(PAUSA)
- TONHO - Eu acho que isso é mesmo. Implico com você por causa do sapato.
- PACO - Confessou que tem inveja de mim. Eu já sabia desde outro dia.
- TONHO - Não é inveja de você, que é um coitado. É por causa dos meus sapatos que são velhos. Eu tenho vergonha deles.
- PACO - O meu pisante é novo e bonito.
- TONHO - Um pouco grande pra você.
- PACO - Boto um pouco de kornal e êle fica uma luva.
- TONHO - Para mim, que sou mais alto que você, êle deve servir direitinho.
- PACO - Mas é meu.
- TONHO - Eu sei... Eu sei...  
PAUSA LONGA. PACO COMEÇA A TOCAR A SUA GAITA. TONHO FUMA. DEPOIS PEGA DO SEU PALETÓ QUE ESTÁ DEBAIXO DO TRAVESSEIRO, UM REVOLVER.
- TONHO - Sabe, Paco, às vezes eu até penso que você é um bom chapa.
- PACO - Está afinando, paspalho.

- (TONHO APONTA O REVOLVER PARA PACO.)
- TONHO - Estou pensando sèriamente em conseguir um sapato igual ao seu.
- PACO - (RINDO) Pode pro negrão.
- (PACO VE O REVOLVER NA MÃO DE TONHO, PARA DE RIR)
- PACO - Que é?...Poxa, não vem com idéia de gerico prá cima de mim... Que é?...Quer roubar meu pisante ?
- TONHO - Não precisa ficar com mêdo. Não vou te roubar. O berro está sem bala.
- PACO - Pra que isso, então?
- TONHO - Foi o que o cara lá do mercado dou pra mim passar nos cobres.
- PACO - Poxa, pensei...Poxa, você é um bom cara. Fiquei en cagaçado, pensei que você ia afanar o meu sapato.
- TONHO - Não tinha pensado nisso, mas até que é boa idéia.
- PACO - O revolver está sem bala, lembra?Você mesmo que falou,
- TONHO - É, está sem bala.
- PACO - É bom não esquecer disso. Que sem arma, ninguém bota a mão no meu sapato.
- TONHO - Pode ficar sossegado, não vou tentar.
- PACO - (PEGA UM ALICATE) Agora fique sabendo de uma coisa, se vier com parte besta, vai levar ferro.
- TONHO - Você é muito valente.
- PACO - Não tem Negrão nenhum pra tirar dinheiro de mim.
- TONHO - Corta esse papo.
- PACO - Então não se meta comigo.
- (PAUSA)
- TONHO - Só queria saber onde você conseguiu êsse sapato.
- PACO - Já falei, um cara me deu.
- TONHO - A troca de nada ?
- PACO - Ele me viu tocar, gostou e me deu.
- TONHO - Poxa, não mento.
- PACO - Não estou mentindo.
- TONHO - Você vai querer que eu engula essa conversa?
- PACO - Se não quiser acreditar, se dane.

- TONHO - Poxa, você toca mal pacas.
- PACO - Gaita eu toco mal, paspalhão. Eu estou tentando aprender. Mas na flauta eu sou cobra.
- TONHO - Você toca flauta?!
- PACO - Eu tiro tudo quanto é "chorinho".  
(P A U S A L O N G A)
- TONHO PEGA O MAÇO DE CIGARROS, ACENDE UM
- TONHO - Quer fumar ?
- PACO - Vai me dar um?
- TONHO - Pega! (JOGA UM CIGARRO)
- PACO - Puta milagre!  
(OS DOIS FUMAM EM SILÊNCIO)
- TONHO - Onde você aprendeu a tocar flauta ?
- PACO - No asilo, lá eles ensinam pra gente!
- TONHO - Onde foi parar a sua flauta?
- PACO - Passaram a mão nela!
- TONHO - E o otário deixou. Onde estava o alicate?
- PACO - Eu estava chapado pacas, me apaguei na calçada mes-  
mo. Quando acordei, cadê a flauta? Algum desgraça-  
do tinha passado a mão nela. Daí me estrepei do  
primeiro ao quinto.
- TONHO - Porque não compra outra ?
- PACO - Como ? Ganhava grana com a flauta, tocando aí pe-  
los bares. Sem ela tubulei. Me virando aí pelo mer-  
cado, estou perdido e mal pago.
- TONHO - É...
- PACO - Mas quando aprender gaita, adus mercado. Dou pino  
te, Me largo na vida de novo. Não quero outra coisa.  
Só alí no come bom. Pelos bares, enchendo a caveira  
de cachaça, as custas dos trouchas. Você precisa -  
ver, seu. Arrunava cada jogada! Sentava na mesa dos  
bacnas. Bebia, bebia, bebia, tocava um ppuquinho -  
só; e metia o olho na coxa da mulherada. Era de las-  
car. Poxa, vida legal eu levava.
- TONHO - Se quiser treinar nessa gaita, treino.
- PACO - O negócio é êsse.  
PACO COMEÇA A TOCAR.

(24)

- TONHO - Eu só preciso de um par de sapatos. Eu, às vezes, fico morto de vergonha quando na rua olho para os pés das pessoas que passam. Todos calçam um pisante legal, só eu é que uso essa porcaria, toda furada. Isso me deixa na fossa...Chego até em pensar - em me matar.
- PACO - (Tira um som monstruoso da gaita)  
PACO PÁRA DE TOCAR E FICA OLHANDO FIXO PARA TONHO. DEPOIS CAI NA GARGALHADA.
- TONHO - Qual é a graça ?
- PACO - Poxa, você é cheio de piada.
- TONHO - Você é uma besta.
- PACO - Posso ser uma besta, mas tenho um puta sapato bacana.
- TONHO - Toca essa merda aí. Enquanto toca, você não fala - besteira.  
(PACO RI E COMEÇA A TOCAR BALANÇANDO O PÉ PROVOCADORAMENTE.)
- TONHO - Pare com essa pata.
- PACO - (RINDO) Você manda, chefe.  
(P A U S A)
- TONHO - (COMO DESCULPA) Eu ando bronqueado...E por causa: dêsses sapatos. (PACO VOLTA A TOCAR)
- TONHO - Se eu tivesse os sapatos, tudo seria fácil. Eu arranjava um bom emprego (PAUSA) Sabe, Paco, eu estive pensando que você podia me emprestar o seu sapato.
- PACO - Ficou goiaba ?
- TONHO - Só até eu arrumar emprego.
- PACO - Olha para a minha cara. Vê se eu tenho cara de trouxa.
- TONHO - É só pra me ajudar. Depois que eu tiver trabalhando, te ajudo comprar a flauta.
- PACO - Olha para você (FAZ GESTO)
- TONHO - Poxa, você não entende nada.
- PACO - Te manjo, vagabundo. Te empresto meu pisante, você se manda e eu fico ali no hora veja.
- TONHO - Não é nada disso. Só pensei...

- PACO - Pensando morreu um burro.
- TONHO - Que devia ser seu pai.
- PACO - Que dormia com a sua mãe.
- TONHO - Chega, Pombas.
- PACO - Chega uma ova.
- TONHO - É melhor calar a boca.
- PACO - Cala a sua primeiro.
- TONHO - Está bem.
- PACO - Po, só sabe agourar meu sapato.
- TONHO - Chega, poxa.
- PACO - É isso mesmo, tôda a noite é o mesmo papo furado. Ando até apavorado de tirar o pé do sapato. Tenho môdo de dar sopa e você afanar.
- TONHO - Eu não sou ladrão.
- PACO - Sei lá!
- TONHO - É melhor mixar êsse assunto.
- PACO - Você que começou.
- TONHO - Então acaba.
- PACO - Acaba.  
(Os dois ficam quietos).
- TONHO - Só preciso de um sapato. Eu estudei, poxa. Podia ser até alguém na vida. Sou inteligente, podia ter uma chance. Não precisava viver nessa bosta como vagabundo qualquer. Tenho que aturar desafôro.
- PACO - Você fala bonito.
- TONHO - Só preciso de um sapato.
- PACO - E daí. Eu só precisava da flauta.  
(Tonho acende um cigarro. Está nervoso.)
- TONHO - Estou pensando...
- PACO - Você pensa muito, vai acabar queimando a mufa.  
(PAUSA)
- TONHO - Já dormiu, Paco ?
- PACO - Não.
- TONHO - Tá pensando em que ?
- PACO - Se eu tivesse a minha flauta, me mandava agora mesmo. Não ia te aturar nem mais um pouco. Você é chato pacas.
- TONHO - Você pensa que eu te adoro? Se tivesse sapato, já tinha me mandado. (Paco começa a tocar)

(26)

- TONHO - Poxa, você precisa mesmo da flauta. Na gaita você é uma desgraça.
- PACO - Sem sapatos você não vai longe. Não vai fugir do negrão. Só vai entrar bem.
- TONHO - (gritando) Eu preciso de um sapato. Hum preciso de um sapato novo.
- PACO - Boa, durão, gritar como uma númia resolve pacas.
- TONHO - É... Não sei o que fazer.
- PACO - Você está bem estrepado. Não tem sapato. Não pode mais dar as caras no mercado. Não quer voltar para casa do papai.
- TONHO - Não quer voltar, não. Não posso aparecer dêsse jeito lá em casa.
- PACO - Eu sei uma saída pra você.
- TONHO - Qual é?
- PACO - Você não vai topar.
- TONHO - Fala.
- PACO - Compra uma bala e apaga o negrão.
- TONHO - Você é louco. Não sou assassino. Eu estudei...
- PACO - Eu sei, tem família e prefere ser a boneca do Negrão.
- TONHO - Prefiro nada.
- PACO - Então mete um caroço na testa do bobruto.  
( P A U S A )
- TONHO - O crime não resolve.
- PACO - Pelo menos, o Negrão não te torrava a paciência nunca mais.
- TONHO - Eu não quero matar ninguém. Só queria me livrar dessa joça da vida.
- PACO - Dá um tirn na orelha.
- TONHO - Você só diz besteira.
- PACO - Poxa, as saídas que eu encontro você nunca quer.
- TONHO - Tem de haver um jeito direito de eu me aplumar na vida.  
( P A U S A L O N G A )
- PACO - Oi !
- TONHO - Que é?  
( P A U S A )
- PACO - Sabe o que você podia fazer, para se acertar?

- TONHO - Fala?
- PACO - Você tem um berro, os outros tem o sapato.
- TONHO - E daí ?
- PACO - A razão pode estar do seu lado, poxa.
- TONHO - Não entendo. Fala claro.
- PACO - Você é um trouxa. Não manja nada. Vai morrer sendo a Boneca do Negrão. Tem a faca e o queijo na mão e não sabe acertar. Poxa, já vi muito cara louco, mas você é o rei. Quero que você se dane .  
(Paco vira para dormir. Tonho fica pensativo. Acende um cigarro e fuma. LUZ APAGA DEVAGAR.)

1ª CENA

(Tonho está deitado, entra Paco.)

- PACO - Poxa, você fez bem em não beixar no mercado. Todos mundo procurou pacas a Boneca do Negrão. (ri) O Negrão então ficou uma vara, não pegou no batente - contando com o achaque que ia dar em você, se estrepou. Não arrumou grana tem pra tomar uma pinga. A moçada gozou a cara dele às pampas. Todo mundo \* tirou sarro. Falavam, poxa Negrão, cadê a Boneca? secou ? A mina te passou pra trás? O Negrão não dizia nada, mas se via que ele estava uma vara.  
(P A U S A)
- PACO - Como é, vendeu o revólver ?
- TONHO - Não. Eu não sai daqui o dia todo.
- PACO - Nem pra comer ?
- TONHO - Não tenho fome.
- PACO - Assim você vai tubular.
- TONHO - Que se dane.
- PACO - Poxa, mas você não ia sair pra vender a arma ?
- TONHO - Desisti.
- PACO - Por que ?
- TONHO - Com essa pinta aqui, com êsse sapato de merda, sair oferecendo o revólver por aí, além de ninguém querer comprar, era capaz de acabar indo prêso.
- PACO - Preso!?
- TONHO - Eram capaz de pensar que eu era um ladrão que arrumou essa droga em algum assalto. Eles sempre pensam pior de um cara mal vestido.

- PACO - Tem disso.
- TONHO - Pra você ver.
- PACO - Quem tem que ver é você que está perdido e mal pago.  
(P A U S A)
- PACO - Do jeito que vai a coisa, a única saída sua vai -  
ser voltar para a casa do papai.
- TONHO - Pensei bastante nisso hoje. Só não me mandei porque  
não tenho dinheiro para a passagem.
- PACO - E não vai ser mole arrumar. O que você arranjar no  
Mercado o Negrão vai te tomar. Ainda mais agora que  
a moçada só te chama de Boneca do Negrão, êle está  
cheio de razão.
- TONHO - Não apareço mais na droga do mercado. Se for lá -  
sou capaz até de fazer uma besteira.
- PACO - Devia ir e fazer. Homem macho por muito menos des-  
graça um. E tem que ser assim. Ou segura as pontas  
firme, ou então a canalhada monta. Se eu fosse vo-  
cê, ia lá hoje mesmo e botava pra jambrar. Começa  
va no Negrão. Chegava nêle e dizia: Quero bater um  
papo com você, ninguém pode escutar. Enrolava, en-  
rolava e quando êle estivesse entrando na minha,  
eu mandava êle pro inferno. Se alguém ciscasse, da  
va uma igual.  
(P A U S A)
- PACO - Também tem um negócio. Eu entrava de sola., mas tam-  
bém não sou Boneca de nenhuma Negrão. Agora, você  
não sei. Os caras lá me perguntaram o que eu achava  
de você, Eu disse que não sabia, que comigo você  
nunca desmunhecou. Também disse que vai ver que vo-  
cê se enrustia comigo por que sabia que eu só vou  
de mulher,
- TONHO - Você disse isso? Você é nojento.
- PACO - Nojento é você, Boneca do Negrão.
- TONHO - Como você pode dizer uma coisa dessa de mim?
- PACO - Eu digo mesmo. Não ponho a mão no fogo por ninguém.
- TONHO - Vida desgraçada. Tem que sempre assim. Cada um por  
sí e se dane o resto. Ninguém ajuda ninguém. Se um  
sujeito está na merda, não encontra um camarada pra

- TONHO - lhe dar uma colher de chá. E ainda aparece uns miseráveis para pisar na cabeça da gente. Depois quando um cara dêsses se torna um sujeito estrepado, todo mundo acha ruim. Desgraça de vida.
- PACO - Poxa, mas é assim mesmo. Que é que você queria? Que alguém fosse se virar para você? Se quiser isso está louco. Vai acabar batendo a cuca no poste. Poxa, você acha que eu é que vou andar dizendo por aí que você não é bicha? Quero que você se dane. Se não é a boneca do Negrão vai lá e limpa sua barra.
- TONHO - É assim mesmo.  
(P A U S A)
- TONHO - Paco, uma vez na vida você podia fazer uma coisa decente. Podia ajudar um cara que está estrepado mesmo.
- PACO - Não dou arrêgo. Mesmo que possa, não dou bandeja pra sacana nenhum. Nunca ninguém me deu nada.
- TONHO - Esse cara que te deu o sapato não te ajudou?
- PACO - Ajudou nada. Ele deu o pisa porque queria que eu andasse soprando flauta. Se não fôsse isso, estava descalço até hoje. Você acha que alguém dá alguma episa de graça prá alguém? Só você mesmo que foi da grana pró Negrão.  
(P A U S A)
- TONHO - Você deve ter levado uma vida desgraçada pra não acreditar em ninguém.
- PACO - Poxa, que onda é essa? Vida desgraçada é a sua. A minha sempre foi legal. Nunca ninguém folgou com minha cara. Vida azarada é a sua. Não pisa, não tem coragem de botar os peitos com o Negrão. É bicha e tudo. Agora não enche o saco com a minha vida. Ela até que está bem legal. E ainda pode melhorar. É só eu aprender a tocar gaita.  
(P A U S A)
- TONHO - Hoje pensei muita coisa.
- PACO - E daí!?
- TONHO - Eu sei como você pode conseguir uma flauta.
- PACO - Por que você não pensa pra você-?

- TONHO - Pensei. E como eu posso conseguir o sapato, você pode conseguir sua flauta.
- PACO - Como ?
- TONHO - Com dinheiro.
- PACO - Poxa, você é bidú pacas, boneca.
- TONHO - Acontece que sei onde tem dinheiro.
- PACO - Eu também sei. No Banco do Brasil.
- TONHO - Dinheiro fácil de pegar.
- PACO - Então conta pro Negrão.
- TONHO - Estou falando sério, paspalhão.  
(P A U S A)
- PACO - Se abra de uma vez. Onde está a grana ?
- TONHO - No parque.
- PACO - Ele nasce nas árvores, né, boneca?
- TONHO - Não, imbecil. No bolso dos trouxas.
- PACO - É só pedir que eles são prá gente.
- TONHO - É só pedir o apontar isso.  
(Tonho mostra o revólver. Os dois ficam em silêncio)
- PACO - Um assalto ?
- TONHO - É! Um assalto.  
(Pausa. Os dois se olham fixos nos olhos)
- PACO - Pode ser sua saída.
- TONHO - E sua também.
- PACO - Não estou no mato.
- TONHO - Não precisa da flauta?
- PACO - É... isso é.  
(P A U S A)
- TONHO - Como é ?
- PACO - Como é o que ?
- TONHO - Você topa ?
- PACO - Topo!  
(P A U S A)
- PACO - Você está me gosando, poxa ?
- TONHO - Não, falei sério.
- PACO - Pode ser boa pedida.
- TONHO - É minha saída.
- PACO - Devia ter pensado nisso antes.
- TONHO - Não gosto disso. Só vou entrar nessa porque não vejo outro jeito de me arrumar. Se não fôsse aquele

(31)

- TONHO - maldito Negrão eu acabava me ajeitando à custa de trabalho. Também, se der certo, não me meto em outra, pode crer.
- PACO - Chega de ficar aí chorando como uma múmia, vamos apanhar logo o trouxa.
- TONHO - Devagar com o andar.
- PACO - Devagar, nada. Vamos firme, que não tem mosquito.
- TONHO - É preciso bolar o plano.
- PACO - Mas, poxa, pra que perder tempo com frescura? Do jeito que vier a gente estraçalha e fim.
- TONHO - Espera aí, Paco. Não se afobe.
- PACO - Poxa, mas você é cheio de frescura.
- TONHO - Frescuram não. Só que não vou entrar a olho.
- PACO - Vá, então, desembucha logo sua bolação de uma vez.
- TONHO - Nós vamos assaltar um casal de namorados.
- PACO - Até aí é legal.
- TONHO - É o que tem de mais fácil. A gente fica em lugar escuro, os namorados vão ali para belinar, a gente ataca.
- PACO - Poxa, como você é bidusão. Juro que nunca ia pensar que um troço tão legal dösse ia sair de sua cachola. Juro por Deus, poxa, êsse negécio que você bolou é barbaro.
- TONHO - Entendeu a jogada ?
- PACO - Estou inteirinho por dentro. A gente limpa o sujeito, espanta êle, e passa a mulher na cara.
- TONHO - Ei!... Nada disso.
- PACO - Não morei nessa.
- TONHO - Nada de fazer maldade com a moça.
- PACO - Mas que maldade, sua ?
- TONHO - Essa de espantar o sujeito e judiar da moça.
- PACO - Essa que é a sua ?
- TONHO - Natural. Só estou afin de arrumar dinheiro.
- PACO - E daí ? Se podemos tirar um sarro, não vamos dispensar.
- TONHO - Assum mixa o assalto.
- PACO - Boneca é uma desgraça.
- TONHO - Boneca, não. Vê lá como fala. Já me encheu o saco essa história.

- PACO - Deixa de onda. É boneca mesmo. Agora tive a prova. Não querer mulher é o fim da picada.
- TONHO - Não sou tarado.
- PACO - É bicha.
- TONHO - Eu nunca vou agarrar mulher à força.
- PACO - Não vai agarrar de jeito nenhum. É bicha.
- TONHO - Corta êsse papo.
- PACO \* Vai mijar pra trás?
- TONHO - Não faço acordo com tarado.
- PACO - Nem eu com boneca de Negrão.
- TONHO - Então cale a boca e fim.
- PACO - Eu falo quanto quero. Não vai ser uma bichana que vai mandar em mim.
- TONHO - Então fala sôzinho.
- PACO \* Se me der na telha, falo mesmo.  
(P A U S A)
- PACO - Como é ?
- TONHO - Nada feito.
- PACO - Poxa, mas é sua saída.
- TONHO - Mas já vi que não vai dar certo.
- PACO - Não seja afinado.
- TONHO - Não adianta, já percebi.
- PACO - Percebeu o que ?
- TONHO \* Que com você nada dá pé.
- PACO - Comigo ? Não sei porque ?
- TONHO - Você é tarado.
- PACO - Você que é bicha.
- TONHO - Eu só quero um sapato. Não vou desgraçar ninguém.
- PACO - Não quer mulher ?
- TONHO - Na marra, não.
- PACO - E você é apanha do outro jeito ?
- TONHO - Claro. Sempre apanhei. Lá na minha cidade eu tinha uma namorada que era um estouro.
- PACO - Lá na sua cidade todo mundo é fresco como você. Aqui nunca te vi com mulher.
- TONHO - Natural. Quem é que vai querer namorar com um sujeito assim? Com um sapato que é uma droga.
- PACO - Isso é desculpa, mas em mim não gruda. Eu te manjo.

(33)

- TONHO - Você fala muito, Mas eu também nunca te vi com mulher,
- PACO - Mas eu... (encabula, depois fica bravo) Eu pego mulher sempre. Quando eu tocava flauta, eu sempre me dava bem, Pergunte prá qualquer um.
- TONHO - Mentira sua. você é até cabaço.
- PACO - Eu sempre tenho mulher. Estou te dizendo. Tenho a hora que quiser, Está bem!
- TONHO - Tem nada.
- PACO - Não sou boneca de Negrão.
- TONHO - Não muda de assunto.
- PACO - Eu quero saber de assalto. Isso é que quero saber.
- TONHO - Não vai ter assalto nenhum paspalho.
- PACO - Então quem se dana é você.
- TONHO - Problema meu. Agora, que você nunca teve mulher eu sei bem.
- PACO - Juro que tive.
- TONHO - Teve coisa nenhuma.
- PACO - Filho da puta.
- TONHO - O pessoal do mercado precisa saber dessa história.
- PACO - Vai ter coragen de aparecer lá? Vai, Boneca do Negrão?
- TONHO - Vou lhe avisar uma coisa. Não me chame mais por apelido. Se chamar vai ter.
- PACO - Então não faz onda comigo.
- TONHO - Se você me encher o saco, eu encho o seu.  
(P A U S A)
- PACO - Esqueceu o assalto ?
- TONHO - Vai assaltar sòzinho, tarado.
- PACO - Você não quer uma pisa ?
- TONHO - Pode deixar que eu cuido de mim.
- PACO - Então, cuida. Mas no mercado você não pode aparecer.  
(ri) (luz fecha devagar)

5ª CENA

(Paco está deitado tocando gaita, entra Tonho)

- PACO - Poxa, onde você se meteu ?
- TONHO - Não tenho que te dar satisfação.

- PACO - Você não apareceu no mercado, eu vim aqui, não te achei, eu precisava falar com você.
- TONHO - O que você quer?
- PACO - A gente precisa bater papo sôbre o assalto.
- TONHO - Nada feito.
- PACO - Poxa, a gente pode acertar o pé.
- TONHO - Ou se estrear de uma vez.
- PACO - Mais embananado do que você já está, não vai poder ficar.
- TONHO - Quando se está de azar, tudo dá errado.
- PACO - Mas, que nada, Tudo sai direito.
- TONHO - Não conte comigo.
- PACO - Poxa, mas você está cheio de minhoca na cabeça. Vai ser moleza.
- TONHO - Então vai sòzinho.
- PACO - Mas você que está em perigo. O Negrão não te esquece. Hoje êle queria vir aqui te apertar. Eu é que tirei êle da onda. Disse prá êle que você era legal, falei do assalto e tudo. Êle achou boa pedida. Vai até fazer um igual.
- TONHO - Então vai com êle.
- PACO - Êle me sacaneou. Vai levar o carocinho no meu lugar, Poxa, aquêle Negrão é cheio de chaveco, me pas sou prá trás direto.
- TONHO - Poxa, êle não é seu amigo?
- PACO - Amigo o cassete. Eu não sou amigo de homem.
- TONHO - Tomara que a policia pegue êle.
- PACO - Pega nada. O Negrão dá uma sorte bárbara. Sempre tem uma cara dando moleza prá êle. Arrumou você prá cafetinar... E hoje o filha da puta me levou no bico. Dei toda a ficha do assalto pro desgraçado e êle não me deixou ir junto. Vai levar aquele besta do carocinho, um miserável que não é de coisa nenhuma.
- TONHO - Bem feito prá você aprender. Mas porque não deixaram você ir junto ?
- PACO - Foi o negrão. Disse que eu sou muito porra louca.
- TONHO - Nisso êle está certo.

(35)

- PACO - Está certo o que ? Ele é uma besta e aquê le carocinho vai entrar bem comigo. Não tinha nada que botar o nariz nessa jogada.
- TONHO - Você é metido à malandro, mas todo mundo te leva.
- PACO - Deixa isso pra lá. Vamos fazer o assalto, poxa. Um troço legal pra gente fazer está aí.
- TONHO - Vai sòzinho.
- PACO - Sòzinho não dá pé. Se o cara resolve encarar, é contra um e engrossa tudo. Vamos nós dois. A gente fica mais perigoso que o Negrão e a besta do Carocinho. Daí o negrão tem que te respeitar.
- TONHO - Eu não quero nem ouvir falar nesse negrão.
- PACO - Poxa, mas como você vai se livrar dêle? Só pegando nome de cara estrepado.
- TONHO - É... si lá... Esse negrão é a minha desgraça.
- PACO - Você podia apagar êle. Se você quiser, eu tomo conta do carocinho.
- TONHO - Não, meu negocio não pode ser êsse.
- PACO - Então tem que ser o assalto.
- TONHO - Também não.
- PACO - Vai querer voltar pra casa do papai como uma bicha na?
- TONHO - Que merda!  
(Tonho anda nervoso de um lado para outro)
- PACO - Sua saída tem que ser o assalto. Você pode conseguir o pisante que quiser. Pode até fazer o cara ficar nú e pegar a roupa dêle pra você. É sua chance, pôxa.
- TONHO - Olha, Paco, meu terno, se eu mandar no tintureiro, ainda quebra um galho. Só preciso mesmo é de um sapato. Você podia me emprestar o seu.
- PACO - Neca! Pode tirar isso da cachola.
- TONHO - Só por umas horas.
- PACO - Não, sua saída é o assalto. Você limpa sua cara, ninguém vai te chamar de Boneca de Negrão, nem nada.  
(P A U S A L O N G A)
- PACO - Poxa, quem bolou o negócio foi você mesmo.  
(P A U S A)

- PACO - Não precisa do pisante?
- TONHO - E você da flauta.
- PACO - Então vamos por a cara.
- TONHO - Podia ir. Mas se tivesse certeza de que você não ia bancar o tarado.
- PACO - Logo eu? Mas que é isso?  
(P A U S A)
- PACO - Você está com bronca minha à toa.  
(P A U S A)
- PACO - A gente deixa a mulher pra lá.  
(P A U S A)
- PACO - Juro que não faço nada prá mulher.
- TONHO - Você jura?
- PACO - Juro por Deus.
- TONHO - Jura que só faz o que eu mandar?
- PACO - Pela alma de minha mãe. Quero que ela se dane de verde e amarelo no inferno, se eu sacanear.  
(P A U S A)
- PACO - Deixa de frescura e vamos logo.
- TONHO - Ainda não sei se vou.
- PACO - Então resolve logo.
- TONHO - Pode dar azar.
- PACO - Vamos firme. O Negrão e o Carocinho já devem estar lá.
- TONHO - Não tenho nada a ver com êles. Quero que êles se danem.
- PACO - Eu também. E o Carocinho que se dane mais pra deixar de ser abelhudo.  
P A U S A
- TONHO - Está bom. Vamos meter a cara e seja o que Deus qui ser.
- PACO - Bom, Tonho. Vamos nós.
- TONHO - Mas tem um porém...
- PACO - Se abre.
- TONHO - Eu que mando mesmo.
- PACO - Já falei que topo, poxa.
- TONHO - E se você se fizer de besta, te apronto um chaveco.
- PACO - Está ben, seu.

- TONHO - Assaltamos os namorados e é só. Eu aponto o revólver, ôles se apavoram, limpamos o cara e damos no pé.
- PACO - Mas o revólver está sem bala. Você mesmo disse.
- TONHO - Quem vai saber? Só se a gente contar.
- PACO - E se o cara não puser o galho dentro? Pode ser um cara de briga e cair no pau. E a mulher pode gritar pacas.
- TONHO - Não grita, não. Vai por mim.
- PACO - Se ôles espernearem, dou uma paulada na cabeça do desgraçado.
- TONHO - Nada disso.
- PACO - Se complicar, dou.
- TONHO - Só faz o que eu mandar.
- PACO - Mas, poxa, se a mulher botar a boca no trombone! Quer que todo mundo frague a gente com a boca na botija! Dou uma na cuca do cara e fim. Calam o bico na hora.
- TONHO - Não precisa nada disso.
- PACO - Se se assanharem, precisa.
- TONHO - Está bem. Se eu mandar, você dá.
- PACO - Se gritarem, levam pau.
- TONHO - Só se gritarem, então.
- PACO - Poxa! Claro que é. Se ficarem bonzinhos, não precisa porrada.
- TONHO - Veja lá o que vai aprontar.
- PACO - Deixa de frescura e vamos logo.  
(Paco vai sair. Tonho fica sentado.)
- PACO - Poxa, você vai ficar aí parado.  
(Tonho vacila.)
- TONHO - Acho que não tem remédio. Vamos nós.
- PACO - Positivo, vamos pras cabeças.  
(Paco vai sair. Tonho o segura)
- PACO - Mas que é agora?
- TONHO - Eu que mando! Entendeu? Você só faz o que eu mandar! Entendeu bem? Eu que mando.
- PACO - Claro. Chefe. Você quem manda. Mas vamos logo, chefe.  
(OS DOIS SAEM. PANO FECHA).

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

AUTOR: PLINIO MARCOS

2ª ATO

PIANO ABRE, VÃO ENTRANDO TONHO E PACO, O PRIMEIRO TRAZ UM PAR DE SAPATOS NA MÃO E NOS BOLSOS AS BUGINGANGAS ROUBADAS. ESTÁ BASTANTE NERVOSO. PACO TRAZ UM PORRETE NA MÃO E ESTÁ ALEGRE.

- PACO - Belo serviço!
- TONHO - Você é um miserável.
- PACO - Não começa a encher o saco.
- TONHO - Não precisava bater no cara.
- PACO - Bati e pronto.
- TONHO - Agora a policia vai pegar no teu pé.
- PACO - Os tiras não sabem quem foi.
- TONHO - O sujeito que levou a porrada sabe.
- PACO - Ele está estarrado.
- TONHO - Vai sarar daí te entrega.
- PACO - Que nada! Aquele sacna se acabou de vez:
- TONHO - Deus queira que não.
- PACO - Poxa, meu! Naquele nem Deus dá jeito. Mandei o desgraçado direto pra picas.
- TONHO - E a mulher? Esqueceu da mulher ?
- PACO - Que tem ela ?
- TONHO - Ela também viu seu focinho.
- PACO - E daí? Eu também vi o dela.
- TONHO - Ela te entrega pros tiras.
- PACO - Eu quero que ela se dane. Ela não sabe onde eu moro.
- TONHO - Ela descreve o seu tipo, e a policia te acha.
- PACO - Poxa, tira não é bidú. Não acham ninguém.
- TONHO - Não ná! Quero quando eles te pegares.
- PACO - Não se aporrinha, seu. A mulher tinha uma cara de fuinha. Deve ser uma burrona. De corpo ainda quebrava um galho. Mas de cara era um bofe. Não vai descrever ninguém.
- TONHO - O único sabido é você.
- PACO - Eu sou mesmo.

- TONHO - Espera pra ver. Vai em cana direto.
- PACO - Se eu for em cana quem se estrepa é você.
- TONHO - Quem derrubou o cara é que se dana.
- PACO - E foi legal pra xuxú. Poff... e o cara caiu que nem balão apagado.
- TONHO - Podia ser muito fácil. Não precisava bancar o valente.
- PACO - Bancar o valente o cassete. Doi prá valer. Sou mal pacas. Pra mim não tem bon. Você viu um parque. O cara se fez de besta, tomou o dêle.
- TONHO - O cara não fez nada. Tomamos o que queríamos, era só vir embora. Não precisava bater.
- PACO - Bati! E daí? Vai se doer por êle?
- TONHO - Eu não, mas a polícia vai.
- PACO - Você me torra o saco com essa história de polícia.
- TONHO - Natural.
- PACO - Natural o que? Você está é cagado de mêdo.
- TONHO - Claro. Eu não quero ser preso.
- PACO - Cadeia foi feita pra honem.
- TONHO - Não pra mim.
- PACO - Você é melhor que os outros.
- TONHO - Eu estudei.
- PACO - Bela merda. Pra levar a vida que você leva, tanto faz está preso como solto.
- (P A U S A)
- PACO - E tem outro negocio. Se um cara fresco como você vai em cana, está perdido e mal pago. A turma se serve às tuas custas. Logo vira Boneca de todos. Mas diso acho que você vai gostar por que é bicha mesmo.
- TONHO - Tomara que a policia te pegue logo.
- PACO - Já te falei que se me pegarem o azar é seu.
- TONHO - O meu negócio é leve. Uns três mêses. Agora você fica apodrecendo lá.
- PACO - Não sei porque eu vou ficar mais tempo que você.
- TONHO - Eu sei. Você usou violência. É perigoso. fica guardado.
- PACO - Você é o chefe.

- TONHO - Quem tem chefe é índio.
- PACO - No assalto do parque você era o chefe.
- TONHO - Não era chefe de coisa nenhuma.
- PACO - Claro que era, poxa. Você ficou aí berrando um cas-  
setão de tempo. (Imita Tonho) Eu é que mando! Eu é  
que mando! Na minha terra quem manda é o chefe.
- TONHO - Canalha!
- PACO - É a mãe.
- TONHO - Nojento!
- PACO - Nojento é você, que quer tirar o ló da seringa.  
(PAUSA)
- TONHO - Deus queira que você não tenha machucado muito o ca-  
ra.
- PACO - Não fica secando. Aquele morreu e fin.
- TONHO - Você quer que o cara morra?
- PACO - Claro, poxa. A porrada que eu dei foi pra matar.
- TONHO - Você é um animal.
- PACO - Vá a merda.
- TONHO - Eu vou dar o fora. Agora que eu tenho o meu sapato,  
posso me arrumar. Posso, não, vou. Arrumo um empre-  
go de gente e ajeito a vida.
- PACO - E eu?
- TONHO - Quero que você se dane.
- PACO - Você se arranja e eu fico jogado fora?
- TONHO - Problema seu.
- PACO - Poxa, você não vai se arrumar às minhas custas.
- TONHO - Deixa de onda. Eu nunca mais vou querer escutar fa-  
lar de você. Não te aturo mais.
- PACO - Mas vai ter que engolir. Vai escutar muito falató-  
rio de min.
- TONHO - Essa, não.
- PACO - Não? Você vai ver. Você não me conhece. Eu sou mais  
eu. Eu sou Paco. Cara estrepado. Ruim como a peste.  
Agora vou ser mais eu. Se o desgraçado do parque se  
danou, melhor. Minhas fuças, vão sair em tudo que é  
jornal. Todos vão se apavorar de saber que Paco, o  
perigoso anda solto por aí.
- TONHO - Você é maluco.

- PACO - Boa, Paco maluco, O Perigoso. Assim que eu quero - que os jornais escrevam de mim. Vai ser fogo. Os - namorados do parque não vão ter sossego. E a tira- gem nunca me apanha. Pode espalhar por aí que Paco o Maluco, O Perigoso, disse que não nasceu policia pra pegar êle. Daqui pra frente vai ser broca. Como chefe você era uma droga. Cheio de grito, cheio de bafo, mas não era de nada. Mas tem um porém. Só pra você não dizer que eu sou sacanageiro; vou te bo- tar de segundo chefe. Você vai ajudar a manear a noçada.
- TONHO - Que noçada, paspalho ?
- PACO - Dobras lingua, filho de uma vaca. Paspalho é tua mãe. Com Paco, Maluco, O Perigoso, você tem que ter cuidado ou cai do burro. Vou te dar uma colher de chá mas abre teu olho; se folgar leva ferro. Você vai ser o segundo chefe prá ajudar a tomar conta - da noçada que eu vou botar no nosso gango. Paco Ma- luco, o perigoso, quer ser chefe de muita gente.
- TONHO - Acabou ?
- PACO - Não. Tem mais. Daqui pra frente não vamos assaltar só por dinheiro. Mas eu quero a mulher também. Vai ser um negócio legal. Eu vou ter uma faca, um re- volver e meu alicate. Limpo o cara, daí mando êle ficar nú na frente da mulher, daí digo prá êle: Que prefere miserável? Um tiro, uma facada ou um belis- ção? O cara, tremendo de môdo escolhe o beliscão . Daí eu peço o alicate, e aperto o saco do bruto até êle se arrear. Paco maluco, o perigoso, fala macio pra mulher: agora nós, belezinha. Começo a bulinar a piranha, beijo ela pacas, deixo ela bem tarada, e derrubo ela alí mesmo no parque. Legal.
- TONHO - Agora acabou ?
- PACO - Quer mais ?
- TONHO - Escuta ben, então, Paco maluco de merda. Você é no- jento. E não pensa que eu sou o cara do parque. Se você se fizer de besta comigo eu te acerto. E pra seu governo, não estou disposto a te aturar. E an

- TONHO - tes que eu me esqueça, nunca mais entro noutra fria dessas.
- PACO - Vai mijar pra trás? Já sabia. Bicha é assim mesmo.
- TONHO - Já te avisei.
- PACO - Que é? Vai engrossar porque? É bicha mesmo.
- TONHO - É melhor você deixar de frescura comigo.
- PACO - Quem tem frescura é você que é bicha.
- TONHO - (Avança para Paco) Cahalha!
- PACO - (Pega o porrete) Ven! Ven, viado!  
(TONHO PÁRA)
- PACO - Zomba) Como é? Afinou?
- TONHO - (Se contém) Vamos dividir a moamba. Quero ir embora.
- PACO - Vai cair fora?
- TONHO - Já vou tarde. Cansei de aturar você. (Põe todas as bugigangas na cama de Paco) Está tudo aí. Vamos repetir de uma vez.
- PACO - Vira o bolso.
- TONHO - Está tudo aí. Vamos repartir de uma vez.
- PACO - Vira o bolso e não estica o papo. Não adianta querer se engrupir. Tenho noventa anos de janela.
- TONHO - (Vira o bolso) Está contente?
- PACO - Não venha com truque.
- TONHO - Vai ser tudo meio a meio.
- PACO - Assim é que é.
- TONHO - Metade da grana prá cada um. (Conte o dinheiro e dá a parte do Paco)
- TONHO - A carteira pra mim, o relógio pra você (Cada um pega o seu) O anel pra mim, o isqueiro pra você. (Cada um pega o seu) O broche pra mim, a pulseira pra você. (Cada um pega o seu.) Os brincos pra você, a caheta pra mim. (Tonho vai pegar. Paco segura a não dêle) Que é ?
- PACO - A caneta vale mais.
- TONHO - E daí? O relógio que ficou pra você vale mais que a carteira.
- PACO - É igual.
- TONHO - Não é não. O relógio vale mais.
- PACO - A caneta é minha. O brinco é seu.

- TONHO - Mas o que você vai fazer com a caneta, Paco ? Você não sabe esfever.
- PACO - Vou vender.
- TONHO - Vende o brinco.
- PACO - Prá quem ?
- TONHO - Sei lá!
- PACO - Só se for pra alguma bicha.
- TONHO - E daí? Então vende.
- PACO - Como a única bicha que conheço é você; Fica com o brinco e eu com a caneta.
- TONHO - Não faz onda, miserável.
- PACO - Não é onda e não tem arrego.
- TONHO - Vou topar pra evitar encrenca.
- PACO - Melhor pra você.
- TONHO - Você fica com o cinto e eu com o sapato.
- PACO - E o teu rabo não vai nada?
- TONHO - Que é agora?
- PACO - Pensa que vai me levar no bico?
- TONHO - Não penso nada. Só quero o sapato.
- PACO - Fica querendo.
- TONHO - Mas só fiz o assalto por causa do sapato.
- PACO - E eu pela flauta.
- TONHO - E você não ia querer que o cara estivesse namorando com a flauta na mão.
- PACO - De longe eu pensei que a mulher estivesse pegando a flauta do cara (RI) quando cheguei perto é que vi - que não era flauta. (RI)
- TONHO - Muito engraçado.
- PACO - E agora como vai ser?
- TONHO - O sapato é meu.
- PACO - E a minha flauta ?
- TONHO - Sei lá.
- PACO - Você pensa que eu spu trouxa? Você arruma o seu pi sante e eu fico sem a minha flauta? Banana prá você.
- TONHO - Poxa, vende tudo e compra a flauta.
- PACO - Assim ainda vá lá.
- TONHO - Tá vendo, falando a gente se entende.

- PACO - Sempre digo isso, mas parece que eu falo gringo, vo  
cê custa pra morar no assunto.
- TONHO - Ben, está tudo certinho.  
(PACO COMEÇA A PEGAR TUDO)
- TONHO - Você está pegando as minhas coisas.
- PACO - Que suas coisas?
- TONHO - Pegou minha carteira e meu broche.
- PACO - Seu uma ova.
- TONHO - Mas não ficou acertado tudo?
- PACO - Claro que ficou.
- TONHO - Então deixa as minhas coisas aí.
- PACO - Só o sapato que é seu. O resto é meu.
- TONHO - Não se faz de besta.
- PACO - Foi você mesmo quem quis.
- TONHO - Eu, não.
- PACO - Como não? Você falou: Vende tudo e compra a flauta.
- TONHO - Tudo que é seu.
- PACO - Muito malandro você. Mas comigo não. Escutei bem.  
Não sou surdo.
- TONHO - Vamos passa pra cá minhas coisas.
- PACO - Está brincando!
- TONHO - Não força a paciência.
- PACO - Vou dar arrôgo só pra encurtar o assunto. Mas não  
vai ser como você está pensando. Vai ser tudo mano  
a mano mesmo.
- TONHO - Anda logo então.
- PACO - Metade da grana pra cada um. Relógio, isqueiro, ca  
neta e carteira, pra mim. Pulseira, anel, broche e  
cinta prá você. Topa ?
- TONHO - O brinco pra você. O sapato pra mim.
- PACO - Não! Um brinco pra você outro pra mim. Um pé de sa  
pato pra você, outro pra mim.
- TONHO - O sapato é meu.
- PACO - Um pé pra cadaum.
- TONHO - Não seja burro. O que é que eu vou fazer com um pé  
de sapato ?
- PACO - Não sei nem quero saber.
- TONHO - O sapato é meu. Eu já falei mais de mil vezes. Eu só  
entrei neste assalto por causa dêle e vou ficar com  
êle.

- PACO - Então o resto é meu.
- TONHO - O resto meio a meio.
- PACO - Ah, aqui pra você. (FAZ GESTO) Ninguém me leva no tapa.  
(P A U S A)
- TONHO - Está bem, Paco. Fique com tudo. Você me levou no bico mas não foz mal.
- PACO - Tapeei nada. O sapato vale mais.
- TONHO - Vale mais um ova.
- PACO - (RINDO) Está bem, Te levei no bico. Mas não precisa chorar, não. Qualquer um é passado pra trás por Paco Maluco, o perigoso.  
PACO EXAMINA AS COISAS E TONHO COMEÇA A SE PREPARAR PARA IR EMBORA. PEGA UM JORNAL DEBAIXO DA CAMA, ESTICA E COMEÇA A EMBRULHAR AS SUAS COISAS.)
- PACO - Olha, pega os brincos pra você.  
(PACO JOGA OS BRINCOS EM CIMA DA CAMA)
- PACO - Quando for sair de brinco avisa. Quero ver a bicho na toda enfeitada. Vou morrer de rir.  
(P A U S A)
- PACO - Está juntando suas drogas?  
(TONHO NÃO RESPONDE)
- PACO - Pensa que vai embora ?
- TONHO - Penso não, vou.
- PACO - Você não pode ir.
- TONHO - Quem falou ?
- PACO - Eu!
- TONHO - Bela merda!
- PACO - Pois é, mas você não vai se mandar.
- TONHO - E por que não ?
- PACO - Porque nós temos que ficar juntos.
- TONHO - Você é besta. Não te aguento nem mais um minuto.
- PACO - Mas vai ter que aguentar. Onde vai um vai o outro.
- TONHO - Não me faça rir. Só de olhar pro seu focinho me dá vontade de vomitar.
- PACO - Poxa, você quer se largar pra entregar pra policia?  
Pensa que não sei?
- TONHO - Eu nunca faria isso.
- PACO - Não confio em bicha,

- TONHO - Bicha é você, E se não confia vai ter que confiar. Vou me arrancar agora e não quero nem saber.
- PACO - Você está com pinta de entregador. Veja lá vagabundo.
- TONHO - Pode ficar sossegado. Só vou mesmo porque não te aturo mais.
- PACO - Nem eu aturo você.
- TONHO - Melhor assim. Cada um vai pro seu lado.
- PACO - E se você me caguetar ?
- TONHO - Você faz o mesmo comigo.
- PACO - E faço mesmo.
- TONHO - Então pronto.
- PACO - Pronto.  
(P A U S A)
- PACO - Você vai se mandar já?
- TONHO - Agora mesmo.
- PACO - Dorme aí hoje. Já pagou o quarto mesmo.
- TONHO - Não quero nem saber. Vou já.
- PACO - Poxa, mas você não tem lugar pra ficar.
- TONHO - Me viro.
- PACO - Para onde você está querendo ir ?
- TONHO - Não é da tua conta.
- PACO - Eu sei que não é, mas você pode dizer.
- TONHO - Pra que ?
- PACO - Pra mim, ir lá de vez em quando bater um papinho com você.
- TONHO - Pra você me encher o saco ? Nunca!
- PACO - Não é isso. É que alguém pode me dar algum recado pra mim te dá, e eu vou lá te falar. Você não lembra daquele dia que aquele crioulo lá no mercado falou que ia te arreentar de tanta porrada que ia te dar e que eu vim te avisar e você foi lá e limpou a tua cara com êle. Se não fôsse isso êle ia te apagar.
- TONHO - Aquilo era naquele tempo. Agora não quero saber nem de negrão, nem de mercado, nem de droga nenhuma.
- PACO - Sorte sua, então. (PACO SENTA NA CAMA)  
(P A U S A)
- TONHO - Escuta, Paco. Eu vou cuidar da minha vida. Agora que tenho sapato, vou me acertar. Estou cansado de cur-

(47)

- TONHO - tir a pior aqui na rampa. Vê se você também se ajei-  
ta, Compra a tua flauta e se arranca daqui. Aqui -  
não dá futuro.
- PACO - Eu vou comprar um revolver e uma faca, pra poder -  
ser o perigoso dos namorados.
- TONHO - Sua cabeça é seu guia. Mas é melhor você comprar a  
sua flauta.
- PACO - Só se for pra atochar em você. Meu negócio é o re-  
volver que bota a razão do meu lado.
- TONHO - Você é que sabe.
- PACO - Sei de mim. Isso é que é. (COMEÇA A TOCAR GAITA)  
(P A U S A)
- TONHO ACABA DE FAZER SEU EMBRULHO E COMEÇA A CAL-  
ÇAR SEU SAPATO, QUE NÃO ENTRA POR SER PEQUENO.)
- TONHO - Poxa, é pequeno pra mim.
- PACO - Que é? Não quer entrar?
- TONHO - É pequeno.
- PACO - (RI) Poxa, molha o pé?
- TONHO - Pra que ?
- PACO - Talvez teu pé encolha! (RI)
- TONHO - Já chega essa droga. Vê se não me enche o saco.
- PACO - Poxa, quem manda ter a patola do tamanho de um bon-  
de. (RI)
- (TONHO ENSIESTE MAS NADA CONSEGUE)
- TONHO - Só comigo acontece essas coisas.
- PACO - Você é pé frio.
- TONHO - (BATE NA MADEIRA) Pé frio o cassete.
- PACO - Usou tanto tempo a pata dentro daquele casco furado  
que esfriou o pé.
- TONHO - Pombas!
- PACO - Pior é que vai ter que continuar usando o pisante  
velho.
- TONHO - Que azar.
- PACO - No próximo assalto, pergunta o número que o desgra-  
gado calça.
- (TONHO TENTA MAIS UM VEZ NADA CONSEGUE. PACO DIANTE  
DO NOVO FRACASSO, DELIRA DE ALEGRIA.)
- PACO - Corta o bico do pisa. Vai de dedão de fora mas vai(RI)
- TONHO - Não enche, pôxa!

- PACO - Está brava, bichona. Por causa do péssimo?
- TONHO FICA EM SILÊNCIO, OLHANDO COM TRISTESA PARA SEU SAPATO)
- PACO - Não vai se mandar?
- TONHO - Com essa droga não dá.
- PACO ESTOURA DE RIR, COMEÇA A DANÇAR E CANTAR.
- PACO - A bichona tem pata grande  
A patola da bicha é grande  
Grande, grande, grande  
A pata da bichona é grande  
Ou o sapato é pequeno?
- TONHO - (CONTÉM-SE) Escuta, Paco.
- PACO - Fala, patola.
- TONHO - Você vê que azar que eu dei?
- PACO - Agora você tem que fazer outro assalto.
- TONHO - Não quero mais saber desse negócio. Eu só entrei  
nessa jogada porque precisava do sapato.
- PACO - Poxa, chorar não adianta nada. Vamos sair pra ou-  
tra.
- TONHO - Pra mim não dá mais. Não tenho estômago pra essas  
coisas. Eu estudei, Paco. Só tive aquela infeliz  
idéia do assalto porque precisava mesmo do sapato.  
Eu quero ser como todo mundo, ter um emprêgo de gen  
te, trabalhar.
- PACO - Poxa, se você quer ser otário como todo mundo vai,  
Mas não começa a chorar que isso me enche o saco.
- TONHO - Mas como é que eu vou se essa droga não me serve?
- PACO - Só tem uma saída.
- TONHO - Qual é?
- PACO - Fazer outro assalto.
- TONHO - Assalto não é saída. A gente faz um agora, sai bem,  
Amanhã faz outro acaba se estrepando. Quando sai da  
cadeia está ruim de vida novamente tem que apelar  
novamente, mais uma vez. Assalto não resolve. As-  
salto é uma roda viva que não pára nunca.
- PACO - Então você está estrepado de verde e amarelo.
- TONHO - Estou. Mas sei o remédio. Você pode me ajudar.
- PACO - Já vou te avisando que não sou camelo.
- TONHO - Eu sei. Nem quero que você pense que eu estou que-  
rendo te enrolar.

- PACO - Então desembucha de uma vez.
- TONHO - Está ben, Olha, êsse sapato aqui é pequeno pra mim.
- PACO - Já sei disso.
- TONHO - Eu sou mais alto que você, tenho o pé um pouco maior que o seu.
- PACO - Pouco maior o cassete. Sua patola só entra numa lancha.
- TONHO - O que interessa é que você é mais baixo. Êsse sapato deve servir.
- PACO - Quer vender ? Mas eu já tenho pisa.
- TONHO - Eu sei. Mas o seu sapato é um pouco grande pra você. Pra mim que sou mais alto, êle deve servir direitinho.
- PACO - E daí ?
- TONHO - A gente podia trocar de sapato.
- PACO - Você é louco ? Poxa, eu acho que você ficou goiaba.
- TONHO - Mas que ten? É uma troca legal. Você me ajuda, nós dois ficamos com sapato e eu posso ir cuidar da minha vida.
- PACO - Eu quero que sua vida se dane.
- TONHO - Mas Paco, êsse sapato serve direitinho em você!
- PACO - E daí ? Eu sou Paco Maluco, o perigoso; uso o sapato que eu quero.
- TONHO - Mas é só pra me dar uma colher de chá.
- PACO - Mas que colher de chá ? Não sou igreja!
- TONHO - Poxa, não custa nada trocar de sapato.
- PACO - Você pensa que é muito malandro, mas na escola que você andou eu fui expulso, Quando você está indo eu estou voltando. Sou vivo, pacas.
- TONHO - Ninguém quer te enganar.
- PACO - E mesmo que quisesse não ia conseguir bichona. Você é malandro lá pros teus machos mas comigo, - não!
- TONHO - Em que você acha que eu quero te enganar?
- PACO - Está na cara, Bichona. A gente troca o pisante, você se manda, quando os tiras te pegam você sai

- PACO - ben, não tem nada com o assalto. E eu vou andando pela rua com essa droga, a mulher com cara de fuinha vê o pisa, bota a boca no trombone e é o fim do Paco maluco o perigoso.  
(P A U S A)
- PACO - O que diz, bichona ? Queria me levar no bico, nas não deu, né ?  
(TONHO FICA SENTADO NA CAMA OLHANDO PARA O CHÃO)
- PACO - Só tem uma saída. É fazer novo assalto. (PACO ENCHE BEM O SACO DE TONHO) Agora se a bichona não quiser, se tiver medo dos tiras, vai acabar andando descalço por aí. Poxa, vai ser gosado pacas, ver a bichona descalça de brinco na orelha, rebolando o bundão. Quando ela passar no mercado ontão é que vai ser legal. Para tudo. A moçada - vai se divertir. Eu então vou cagar de rir e ver a bichona. Todo mundo vai gritar: (FALA COM VOZ FINA) Tonha, Tonha bichona. Maria Tonha, bichona louca. (RI) Tonha bichona, arruna um coronel velhusco, éle pode te dar um sapatinho de salto alto (RI) Poxa, está aí uma saída prá você Tonha - bichona. (PACO SACODE TONHO) Estou falando com você bichona. Falei que você pode arrumar um coronel velhusco e éle te dá um sapatinho de salto alto. (RI) Não vai arrumar ? Você vai ficar uma boneca de salto alto e brinco a orelha. Poxa, Maria Tonha Bichona Louca, você não agradece ?  
(TONHO CONTIDO MAIS BEM NERVOSO)
- TONHO - Pelo amor de Deus, Paco, me deixa em paz! Me deixa em paz!
- PACO - Ai, ai, como a bicha é nervosa! .
- TONHO - (NERVOSO) Estou te pedindo, Paco. Pelo anôr de Deus me deixe em paz. (CHORANDO) Minha vida é uma merda eu já não aguento mais. Me esquece. Não quer trocar o sapato não troca. Mas cala essa boca. Será que você não compreende ? Eu estudei, posso ser alguma coisa na puta da vida. Estou - cansado de tudo isso. De coner mal, de dormir mes

(51)

- TONHO - sa joça, de trabalhar no mercado, de te aturar, estou farto me deixa em paz. É só o que te peço. Pelo amor de Deus, me deixa em paz. (Esconde a cabeça entre as mãos e chora nervosamente)
- PACO - Ai, ai, como a Tonha Bichona está nervosinha.
- TONHO - Por favor, Paco. Chega, Chega.
- PACO - Chega, uma ova! Não tenho que aturar sua choradeira! pára de chorar, anda! (Tonho se contém e tá lívido. Olha fixamente para Paco.)
- PACO - Assin, Bicha tem que obedecer. Não gosto de chora deira de bicha. Não gosta da sua droga de vida, se dane. Dá um tiro nos cornos e não encha mais o saco dos outros. Quer continuar respirando continua, mas ninguém tem nada com a sua aperrinhação. Precisa de alguma droga, desapareta de arma na mão. Para que serve êsse revolver que você tem aí? Usa essa porcaria. Ou se mata, ou aponta para o focinho de alguém e tona o sapato. Mas eu não quero mais escutar choradeira.  
(P A U S A)
- TONHO - Você tem razão (Pega o revolver e fica olhando fixamente para a arma) Você nunca mais vai escutar eu chorar. Nem você nem ninguém. Pra ninguém tem escolha. O que tem de ser é (continua olhando a arma.)  
(P A U S A)
- PACO - Êsse revolver não tem bala.
- TONHO - Eu sei. Mas é fácil meter uma bala no tambor. (Tira do bolso de níquel da calça uma bala e olha fixamente, depois a coloca no tambor) Como vê Paco, agora não falta nada.  
(Paco está sentado na cama, meio assustado)  
(P A U S A)
- PACO - Que vai fazer ?
- TONHO - Estou pensando.
- PACO - Você vai se matar ?  
(P A U S A)

- PACO - Você vai se matar ?  
(P A U S A)
- PACO - Vai acabar com você mesmo ?
- TONHO - (Bem pausado) Vou acabar com você, Paco.
- PACO - Conigo ? Poxa, conigo ? Mas eu não te fiz nada.
- TONHO - Você disse que eu era bicha.
- PACO - Estava brincando.
- TONHO - Pois é. Mas seu brinquedo me enchia o saco.
- PACO - Poxa, se você não gosta, mixa a brincadeira e pronto.
- TONHO - Você é muito chato, Paco.
- PACO - Eu juro. Juro por Deus que corto a onda. Juro.
- TONHO - Também preciso de um par de sapatos. O que eu te te nho não serve prá mim.
- PACO - O meu lhe serve. A gente troca o sapato.
- TONHO - Eu não preciso disso, Paco. Basta eu apontar o berro pra algum cara e ôle vira o rabo. É só eu querer.
- PACO - Poxa, Tonho, nós sempre fomos parceiros. Você sem pre foi um cara legal, não vai fazer papelão conigo agora.
- TONHO - Paco, você é um monte de merda, você fede. Você é nojento.
- PACO - (forçando riso) Você quer me gozar.
- TONHO - Vou acabar com a sua raça, desgraçado.
- PACO - Mas poxa... poxa...
- TONHO - Vou te apagar, canalha.
- PACO - Escute Tonho... Eu... poxa... eu... não te fiz nada.
- TONHO - Vai se acabar aqui, Paco.
- PACO - Tonho, você não pode me sacanear... não pode,,, (Tonho vem avançando lentamente para junto de Pa co)
- PACO - Mas, poxa, Tonho... Nós sempre fomos amigos...
- TONHO - Quem tem amigo é puta da zona.
- PACO - Tonho, escuta...
- TONHO - Cala a boca.

(P A U S A)

- TONHO - Assin. Agora acabou a sua bôca dura. Vamos ver como está a sua malandragen. Cadê o dinheiro, a caneta, o isqueiro, a cinta, o relógio, o anel, o broche, a pulseira ? Anda, quero tudo. Não escutou ?
- PACO - (Paco põe tudo sôbre a cama)
- TONHO - Tira o sapato, vamos.
- PACO - Meu... sapato...
- TONHO - Passa prá cá.  
(Paco tira o sapato)
- TONHO - Agora vamos dividir tudo. Meio a meio.
- PACO - Claro. Poxa... assin que tem que ser.
- TONHO - Tudo prá min. O brinco prá você.  
(Tonho joga o brinco em cima de Paco)
- TONHO - Acabou sua malandragen! Bota essa droga na orelha.
- PACO - Poxa, Tonho... Isso é sacanagen.
- TONHO - (Tonho encosta o revolver na testa de Paco)
- TONHO - Não conversa e faz o que eu mando.  
(Paco põe o brinco)
- TONHO - Agora anda pra lá e prá cá. Anda! É surdo, desgraçado?  
(Paco anda)
- TONHO - Rebola! Rebola, miserável, rebola!
- PACO - Escuta, Tonho. Isso não!
- TONHO - Rebola! Rebola! filha da puta!  
(Paco anda rebolando. Está quase chorando)
- TONHO - Bicha! Bicha sem vergonha. Ria, bicha! Ria!  
(Paco ri. A sua risada mais parece choro)
- TONHO - (Sem rir) Estou cagando de rir de você bicha louca.  
(Paco começa a chorar)
- PACO - Poxa, Tonho, não faz isso comigo. Poxa, Tonho. Pelo amor de Deus. Não faz isso comigo.
- TONHO - Cala a bôca !

- PACO - Tonho... eu...
- TONHO - Fecha o bico,  
(P A U S A)
- TONHO - Cadê o alicate ?  
(Paco trene)
- TONHO - Dá o alicate !  
(Paco entrega o alicate)
- TONHO - (Frio) Vou acabar com você. Mas te dou uma chance. Prefere um tiro nos cornos ou um beliscão? Só que o beliscão vai ser no saco com o alicate E enquanto eu aperto, você vai ter que tocar gaita.  
(P A U S A)
- TONHO - Anda, escolhe logo.  
(Paco cai de joelhos)
- PACO - Pelo amor de Deus, não faz isso comigo. Pelo amor de Deus... Juro... Eu juro... eu não te encho mais o saco, Nunca mais... Pelo amor de Deus, Deixa eu me arrancar, Eu... eu juro...
- TONHO - Cala a bôca, Você me dá nojo.  
(Tonho cospe na cara de Paco)
- TONHO - (Encosta o revolve em Paco e fuzila) Se acabou, malandro, Se apagou foi prá<sup>s</sup> picas.  
(Paco vai devagar até cair de vez. Tonho fica algun tempo em silêncio, depois começa a rir e pega as coisas do Paco)
- TONHO - Por que você não ri agora, paspalho? Por que não ri? Eu estou estourando de rir. (Toca a gaita e dança) Até danço de alegria, eu sou mau e eu sou o Tonho maluco, o perigoso, mau pacas (Pega as bugigangas e sai dançando).

PANO FECHA

lls.

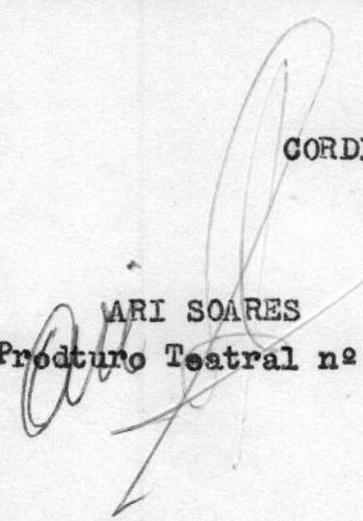
Ilustríssimo Senhor Chefe do Serviço de Censura federal

BRASILIA - Distrito Federal

ARI SOARES, Produtor Teatral registrado nêsse Serviço de Censura, sbo número 970/68, vem mui respeitosamente solicitar em nome da Cia. Graça Mello, a RECENSURA da Peça " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de autoria de Plínio Marcos, juntando para tanto, a documentação necessária e esperando, nos seja enviada as cópias para a Delegacia de Censura do Estado da Guanabara.

Certo do pronto atendimento, aproveitam os o ensejo para lhe enviar meus votos de um feliz 1970, mui

CORDIALMENTE

  
ARI SOARES  
Produtor Teatral nº 970/68



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Séde: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1970

Sr.

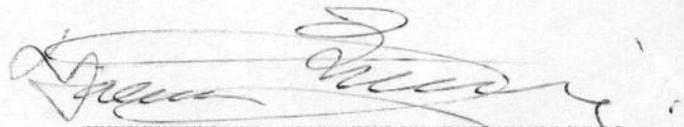
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
BRASILIA - D.F.

Saudações

Com a presente, temos a honra de encaminhar a V.S.,  
para fins de CENSURA, <sup>TRES</sup> ~~duas~~ cópias da peça:

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA - De Plinio Marcos  
próxima apresentação da Companhia Graça Mello  
no Teatro Em Excursão.-  
com estreia marcada para o dia 24 de Janeiro de 1970

Sem outro assunto, subscrevemo-nos, com a maior  
consideração,

  
Djalma Bittencourt  
Superintendente



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 03001861

# CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 854/68

PEÇA / DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA /

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

-APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 26 de NOVEMBRO: de 19 69

CLASSIFICAÇÃO

**IMPRÓPRIO  
ATÉ 18 ANOS**

Brasília, 26 de NOVEMBRO de 19 68

*Aloysio Muhlethaler de Souza*

\_\_\_\_\_  
Chefe do S. C. D. P. -ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

**COM CORTES**





SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

Documentação

- a) Título em Português: DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA
- b) Título original: \_\_\_\_\_
- c) Autor: Plínio Marcos
- d) Tradutor: \_\_\_\_\_
- e) Diretor: \_\_\_\_\_
- f) Produtor: \_\_\_\_\_
- g) Companhia: \_\_\_\_\_
- h) Classificação da Censura: Opino no sentido de que o autor substitua tôdas as por-  
nografias constantes do texto. Caso contrário deverá ser INTERDITADA, de acôrdo com  
o que estabelece o Decreto-lei n. 1.077/70 (Art. 7º).

Análise

a) Gênero: A presente peça já se encontrava liberada e só retorna à Censura por ter  
expirado o prazo de validade do seu Certificado. Anteriormente, depois de marchas  
e contra-marchas, ela teve a aprovação, com algumas restrições, do Diretor Geral  
do D.P.F., então o Coronel Florimar Campêlo, conforme despacho de 17.1.68, exara  
do no processo P.234, Reg. 1214, Livro I, Folha 38. Após veio a Lei n. 5536, de  
21 de novembro de 1968, que tolhia à Censura o direito de promover cortes ou in-  
terditar peças teatrais, passando a censura a ser apenas classificatória de ida-  
des. Daí justificar-se a liberação de "Dois Perdidos Numa Noite Suja", de Plínio  
Marcos.

Agora, porém, está em vigor o Decreto-lei n. 1.077, de 26 de janeiro de  
1970 que, no seu artigo 7º, proíbe para os espetáculos públicos as exterioriza-  
ções contrárias à moral e aos bons costumes.

Ora, como bem afirmou o Coronel Florimar Campêlo no seu despacho já cita-  
do, "suja, nesta coisa, não é somente a noite. Toda ela não passa de um amontoado  
de sujeira". Assim, não vemos como propôr a sua liberação. Seria preciso que o  
autor retirasse tôdas as sujeiras que contém a sua peça (grifadas pelo signatário  
no texto lido). Se isso fôr possível, o que não acredito, a peça poderá ser libe-  
rada com impropriedade para menores de DEZOITO (18) ANOS. Caso contrário, só vejo  
um caminho a ser seguido: a sua Interdição, por contrariar o que estabelece o  
artigo 7º do Decreto-lei n. 1.077, já citado.

e) Cenas: \_\_\_\_\_

f) Personagens: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

g) Valor educativo: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

III) Conclusão \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

Brasília, 17 de março de 1970.

Técnico de Censura - Cart. nº \_\_\_\_\_

Wilson de Queiroz Garcia.

Sr. Chefe da Seção de Censura,

Anexo, encaminho a peç a abaixo indicada com o voto do Técnico de Censura WILSON DE QUEIROZ GARCIA, que a examinou:

TÍTULO :- DOISE PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

AUTOR :- PLINIO MARCOS

REST. :- SUG.SUBSTITUIÇÕES DE PALAVRAS

EM, 17-03-70

*officiand*  
DCTC-SC-SCDP

O censor sugere a substituição de palavras. SMX.

Em 17/3/70

*[Handwritten signature]*



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

b) Título original: \_\_\_\_\_

c) Autor: plínio MARCOS

d) Tradutor: \_\_\_\_\_

e) Diretor: jairo de andrade

f) Produtor: \_\_\_\_\_

g) Companhia: GRUPO DE TEATRO INDEPENDENTE

h) Classificação da Censura: 18 anos

II) Análise

a) Gênero: DRAMA

b) Argumento: Conversa entre dois empregados de mercado que moram no mesmo quarto de uma pensão. Discutem porque um tem alguma instrução, mas não tem sapato para completar a vestimenta para conseguir emprêgo melhor. O outro tem sapato e não empresta. Resolvem assaltar para satisfazer suas necessidades e na divisão se desentendem e um cai morto.

c) 1 - Mensagem: ...

2 - Impressão final: BOA.

d) Diálogos: Normais em se tratando de empregados de mercado.

e) Cenas: Ensaio geral.

f) Personagens: Desorientados.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

g) Valor educativo: RELATIVO

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

III) Conclusão O autor apresenta um assunto real com um palavriados pessimo mas que é exatamente o que acontece em uma pequena camada esquecida da população. Sugiro sua impropriedade para menores de 18 anos.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Brasília, 15 de janeiro de 1971

Técnico de Censura - Cart. nº 062

*Carlos Braz*

CARLOS ALBERTO BRAZ DE SOUZA

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM OS PARECERES DOS TÉCNICOS DE CENSURA ROBERTO GOUTINHO, CORIOLANO FAGUNDES E CARLOS ALBERTO BRAZ, QUE A EXAMINARAM.

TÍTULO- DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

AUTOR - PLÍNIO MARCOS

RESTR.- INTERDIÇÃO\*\*\*\*\*ROBERTO  
18-DEZOITO-ANOS\*\*\*\*\*CORIOLANO E BRAZ

EM 18 DE JANEIRO DE 1971

*Manoel Miranda*  
MANOEL MIRANDA FERREIRA  
CHEFE DA TCTC

TONHO- Mas eu já quero dormir.

PACO- E eu, tocar.

TONHO- Eu paguei pra dormir.

PACO- Mas não vai conseguir.

TONHO- Quem disse que não?

PACO- As pulgas. Essa estrebaria está assim de pulgas.

TONHO- Disso eu sei. Agora quero que você não me perturbe.

PACO- Poxa! Mas o que você quer?

TONHO- Só quero dormir.

PACO- Então pára de berrar e dorme.

TONHO- Está bem. Mas não se meta a fazer barulho.

(TONHO VOLTA PARA SUA CAMA, PACO RECOMEÇA A TOCAR.)

TONHO- Pára com essa música estúpida! Não entendeu o que eu quero silêncio?

PACO- E daí? Você não manda.

TONHO- Quer encrência? Vai ter! Se soprar mais uma vez essa droga, vou quebrar essa porcaria.

PACO- Estou morrendo de medo.

TONHO- Se duvida, toca esse troço.

(PACO SOPRA A GAITA. TONHO PULA SOBRE PACO. OS DOIS LUTAM COM VIOLÊNCIA. TONHO LEVA VANTAGEM E TIRA A GAITA DE PACO.)

PACO- Filho-da-puta!

TONHO- Avisei, não escutou, se deu mal.

PACO- Dá essa gaita pra cá.

TONHO- Vem pegar.

PACO- Poxa! Deixa de onda e dá essa merda.

TONHO- Se tem coragem, vem pegar.

PACO- Pra que fazer força? Você vai ter que dormir mesmo.

TONHO- Antes de dormir, joga essa merda na privada e puxo a bomba.

PACO- Se você fizer isso, eu te apago.

TONHO- Experimenta.

PACO- Se duvida, joga

TONHO- Joga. E daí?

PACO-Então joga

TONHO-Você só tem boca-dura

PACO- É melhor você me dar essa merda.

TONHO- Não enche o saco

PACO- Anda logo. Me dá isso.

TONHO- Não vou dar.

(PACO PULA SOBRE TONHO. ESSE MAIS UMA VEZ LEVA VANTAGEM. JOGA PACO / LONGE COM UM EMPURRÃO.)

TONHO- Tá vendo, palhaço? Comigo você só entra bem.

PACO- BELA merda. Estudar, pra carregar caixa.

TONHO- Só preciso é ganhar uma grana para me ajeitar um pouco.

Não posso me apresentar todo roto e com esse sapato.

PACO- Se eu tivesse estudado, nunca ia ficar assim jogado fora.

TONHO- Fiquei assim, porque vim do interior. Não conhecia ninguém nessa terra, foi difícil me virar. Mas logo acerto/tudo.

PACO- Acho difícil. Você é muito trouxa.

TONHO- Você é que pensa. Eu fiz até o ginásio. Sei escrever a máquina e tudo. Se eu tivesse boa roupa, você ia ver. Nem precisa tanto, bastava eu ter um sapato... assim como o seu. Sabe, às vezes eu penso que, se o seu sapato fosse/meu, eu já tinha me livrado dessa vida. É verdade. Eu só dependo do sapato. Como eu posso chegar em algum lugar com um pisante desses? Todo mundo, a primeira coisa/que faz é ficar olhando para o pé da gente. Outro dia, me apresentei pra fazer um teste num banco que precisava de um funcionário. Tinha um monte de gente querendo o lugar. Nós entramos na sala pra fazer o exame: O sujeito que parecia ser o chefe bateu os olhos em mim, me mediu decima a baixo. Quando viu o meu sapato, deu uma risadinha, me/invocou. Eu fiquei nervoso paca. Se não fosse isso, claro que eu seria aprovado. Mas, poxa, daquele jeito, encabulei e errei tudo. Era tudo coisa facil que cai no exame. Eu sabia responder aqueles problemas. Só que, por causa do meu sapato, eu me afobei e entrei bem. (PAUSA). Que diz Paco?

PACO- Digo que quando você começa a falar, você enche o saco.

TONHO- Com você a gente não pode falar sério.

PACO- Você só sabe chorar.

TONHO- Estava me abrindo com você, como um amigo.

PACO- Quem tem amigo é puta de zona.

TONHO- É...

(PAUSA LONGA. PACO TIRA A GAITA DO BOLSO E FICA BRINCANDO COM/ELA.)

TONHO- Quer tocar, toque.

PACO- Posso tocar?

TONHO- Faça o que lhe der na telha.

PACO- Não vou perturbar o seu sono?

TONHO- Não pode tocar

PACO- Tocarei em sua honra.

PACO- Deixa querer, quando é assim.

TONHO- Eles não iam ficar esperando a vida toda pra descarregar.

PACO- Isso não problema seu.

TONHO- Se eu não pegasse, outro pegava.

PACO- E pegava a bronca do negrão.

(PAUSA)

PACO- O que você vai fazer?

TONHO- Vou falar com ele.

PACO- Olha que ele te capa. Ele não é de dar arreglo.

TONHO- Que vou fazer, então?

PACO- Sei lá! O negrão sacaneado é esperto.

(PAUSA)

TONHO- O único jeito é falar com o negrão.

PACO- Não vai dar pé.

TONHO- Então não tem remédio.

PACO- Quando você ver ele, antes de conversar, dá uma porrada.

TONHO- Depois ele me mata.

PACO- Mata ele primeiro. Você não é macho?

TONHO- Mas não estou afim de matar ninguém.

PACO- Poxa, você é um cagão. O negrão não é bicho.

TONHO- Disso eu sei.

PACO- Então calça a moleira dele. (PAUSA) Quer que eu avise que você vai topiar ele?

TONHO- Prá que isso? Não precisa avisar nada.

PACO- Limpa a tua barra. O negrão pode ficar pensando que você é de alguma coisa. Eu duvido, mas às vezes é até capaz / de afinar.

TONHO- A única saída é bater um papo com ele.

PACO- Você não está a fim de briga, já vi tudo.

TONHO- E não estou mesmo.

PACO- ~~Homem~~ de merda que você é.

TONHO- Só porque não quero me pegar com o negrão?

PACO- Poxa, ele anda dizendo que você é fresco. Deixa barato, vai deixando. Um dia a turma começa a passar a mão no teu rabo, daí vai querer gritar, mas já é tarde, ninguém vai mais respeita.

TONHO- (PAUSA) Eu não posso brigar com o negrão! Será que você não se manca? O negrão é um cara sem eira nem beira, não tem onde cair morto. Para ele tanto faz como tanto fez, Não conta com o azar, entendeu?

PACO- Você está com o rabo na mão.

TONHO- Não é medo. É que posso evitar encrenca. Falo com o negrão e acerto os ponteiros.

Poxa, se eu faço uma besteira qualquer, minha mãe é que sofre. Ela já ~~xxxx~~ chorou paco no dia que saí / de casa.

PACO- Vai me enganar que você tem casa?

TONHO- Claro, como todo mundo.

PACO- Então, que veio fazer aqui? Só encher o saco dos outros? Poxa, fica lá na sua casa.

TONHO- Eu bem que queria ficar. Mas minha cidade não tem emprego. Quem quer ser alguma coisa na vida tem que sair de lá. Foi o que fiz. Quando acabei o exército, vim pra cá. Papai não pode me ajudar...

PACO- Quem tem papai é bicha.

TONHO- Você não tem pai, por acaso?

PACO- Claro que eu tive um pai. Não sou filho de chocadeira. Só que não sei quem é. Pai pode ser qualquer um. Mãe é que a gente sabe quem é.

TONHO- Eu sei quem é meu pai.

PACO- Quem é teu pai?

TONHO- Quem você queria que fosse? Meu pai é meu pai.

PACO- Sei lá se é. Sua velha pode trepar com qualquer um.

TONHO- Olha lá, miserável. Minha mãe é uma santa e eu não admito que você fale mal dela.

PACO- Guarda seus gritos pro negrão.

TONHO- Não vou enfrentar negrão nenhum.

PACO- Então volta pro raba da saia da tua mãe.

TONHO- Vou voltar, mas só quando me aprumar na vida.

PACO- Então nunca mais vai ver sua coroa.

TONHO- E por que não?

PACO- Não força a paciência. Você nunca vai ser ninguém.

TONHO- Eu só preciso de um sapato. Uma boa apresentação abre as portas. Se eu tivesse sorte de me ajeitar logo que cheguei, a essa horas estava longe daqui. Mas dei azar. O sapato estragou. Eu não tenho coragem de ir procurar emprego com essa droga nos pes. Tenho que desagregar aqui no mercado. Quando escrevo pra casa, digo / que está tudo bem, pra sossegar o pessoal. Sei que eles não podem me ajudar. Vou me aguentado. Um dia me firmo.

PACO- Vou te dar um alô. Volta pra tua casa. Aqui Você vai entrar bem.

TONHO- Vontade de voltar não me falta.

- PACO- Então vai logo, que já vai tarde.
- TONHO- Não, Meu negócio é aqui.
- PACO- Poxa, não escutou eu te dizer que aqui não vai dar pé?
- TONHO- Não sei porque não vou me dar bem.
- PA CO- Você é muito escamoso. Tem medo de pedir emprego por /  
causa do sapatão. Tem medo de encarar o negrão. Desse  
jeito, só pode tubular.
- TONHO- Você podia me ajudar.
- PA CO- Ninguém me ajuda. Por que vou te ajudar?
- TONHO- É só você me emprestar seu sapato. Eu arranjo um em-  
prego, depois, seu eu puder fazer alguma coisa por vo  
cê, eu faço.
- PACO- Eu, te emprestar meu sapato? Não tenho filho do seu ta-  
manho.
- TONHO- É só um dia.
- PACO- Saí pra lá. Se vira de outro jeito.
- TONHO- Poxa, Paco. Me quebra esse galho. Amanhã mesmo ía pro-  
curar emprego, Não precisava mais voltar nessa merda /  
desse mercado.
- PACO- Quem gosta de você é o negrão. Ele vai ficar muito tris  
te se você não baixar mais no mercado.
- TONHO- Você até parece que quer ver a minha caveira.
- PACO- Querõ ver você se pegar com o negrão. Isso é que eu que-  
ro ver. (PAUSA) Se o negrão tepega, não vai adiantar cha-  
mar pela mamãe. Ele vai te arrebentar.
- TONHO- Amanhã a gente vai vê como vai ser.
- PACO- Vou gagar de rir.
- TONHO- Não vai acontecer nada.
- PACO- Vai fugir?
- TONHO- Eu, não.
- PACO- Poxa, o cara é machão.
- TONHO- Não sou mais valente que ninguém.
- PACO- Se pensa que vai engrupir o negrão, está enganado. O ne-  
grão é vivo paca. Ele vai te enrabar.
- (OS DOIS FICAM QUIETOS. LUZ APAGA. FIM DO SEGUNDO QUADRO.)

TERCEIRO QUADRO

(TONHO ESTÁ DEITADO, PACO VAI ENTRANDO. SENTA-SE NA CAMA, FI-  
CA OLHANDO FIXO PARA TONHO. SÓ DEPOIS DE MUITO TEMPO É QUE FA-  
LA.)

PACO- Você é um trouxa.

TONHO- Você que estica tudo. Um trocinho assim, você deixa desse tamanho.

PACO- Tá bom, eu que estico. Aparece amanhã no mercado pra você ver. Todo mundo vai chamar você de Boneca do Negrão.

TONHO- Deixa chamar.

PACO- Você vai gostar?

TONHO- Claro que não.

PACO- Então que você vai fazer?

TONHO- Finjo que não é comigo.

PACO- Bela coisa! Não vai adiantar nada.

TONHO- Então o que você pensa que eu devo fazer?

PACO- Eu não penso nada.

TONHO- Mas você não acha nada?

PACO- Ahho que devia brigar com o negrão.

TONHO- Ja te disse que não posso.

PACO- Só porque ele é grande? Quando mais alto, maior o /  
tombo.

TONHO- Não é isso, poxa. Eu estudei. Uma briga com o negrão não acaba nunca. Se eu acerto ele hoje, ele me pega de faca amanhã. Se escapo amanhã, ele me pega depois. Só acaba com a morte.

PACO- Mata ele.

TONHO- Eu estudei, meu chapa. Não estou a fim de apodrecer na cadeia por causa de um desgraçado qualquer.

PACO- Então volta para casa do papai.

TONHO- Também não posso. Preciso acertar minha vida aqui. Lá naquela cidade não tenho o que fazer. Os empregos já estão ocupados, ou pagam menos que aí no mercado. Preciso acertar logo pra ajudar minha família. Já fizeram um puta sacrifício pra eu estudar. Não sei como fui ficar nessa fossa.

PACOS- É. Você está perdido e mora longe.

TONHO- Pra você ver. Minha situação não é mole. Por isso que às vezes perco a esportiva com você.

PACO- Não me venha com essa. Seu negócio comigo você já falou outro dia. É a bronca do meu pisa, que você acha/ legal paca. Até começou a dizer que eu tinha roubado.

TONHO- Não é nada disso.

PACO- É inveja. Por isso que você se invoca quando toca gaita.

TONHO- Deixa de bobagem, Paco.

TONHO- Não tinha pensando nisso, mas até que é boa idéia.

PACO- O revólver está sem bala, lembra? Você mesmo falou.

TONHO- É está sem bala.

PACO- É bom não esquecer isso. Quem sem arma, ninguém bota a mão no meu sapato.

TONHO- Pode ficar sossegado, não vou tentar.

PACO- (PEGA O ALICATE)- Agora fique sabendo de uma coisa: se vier com parte de besta, vai levar ferro.

TONHO- Você é muito valente.

PACO- Não tem negrão nenhum pra tirar dinheiro de mim.

TONHO: Corta esse papo!

PACO- Então não se mete comigo.

(PAUSA)

TONHO- Só queria saber onde você conseguiu esse sapato.

PACO- Já falei. Um cara me deu.

TONHO- A troco de nada.

PACO- Ele me viu tocar, gostou e me deu.

TONHO- Poxa, não mente.

PACO- Não estou metindo.

TONHO- Você vai querer que eu engula essa conversa?

PACO- Se não quiser acreditar, se dane.

TONHO- Poxa, você toca mal paca.

PACO- Gaita, eu toco mal, pappalhão. Eu estou tentando aprender. Mas naflauta eu sou cobra.

TONHO- Você toca flauta?

PACO- Eu tiro tudo quanto é chorinho.

(PAUSA LONGA. TONHO PEGA O MAÇO DE CIGARROS, ACENDE UM.)

TONHO- Quer fumar?

PACO- Vai me dar um?

TONHO- Pega. (JOGA UM CIGARRO)

PACO- Puta milagre!

TONHO- (OS DOIS FUMAM EM SILÊNCIO) Onde você aprendeu a tocar flauta.

PACO- No asilo. Lá eles ensinam pra gente!

TONHO- Onde foi parar a sua flauta?

PACO- Passaram a mão nela.

TONHO- E o otário deixou. Onde estava o alicate.

PACO- Eu estava chapado paca. Me apaguei na calçada mesmo. quando acordei, cadê a flauta? Algum desgraçado tinha passado a mão nela. Daí, me estrepiei do primeiro ao quinto.

TONHO- Por que não compra outra?

(PAUSA)

PACO- Como é?

TONHO- Nada feito.

PACO- Poxa, mas é sua saída.

TONHO- Mas já vi que não vai dar certo.

PACO- Não seja afinado.

TONHO- Não adianta, já percebi.

PACO- Percebeu o quê?

TONHO- Que com você nada dá pé.

PACO- Comigo? Não sei por que.

TONHO- Você é tarado. Eu só quero um sapato. Não vou desgraçar ninguém.

PACO- Não quer mulher?

TONHO- Na marra, não.

PACO- E você apanha de outro jeito?

TONHO- Claro. Sempre apanhei. Lá na minha terra eu tinha uma namorada que era um estouro.

PACO- Lá na sua cidade todo mudo é fresco como você. A--qui nunca te vi com mulher.

TONHO- Natural. Quem é que vai querer namorar com um su jeito assim? Com um sapato que é uma dorga.

PACO- Isso é desculpa, mas em mi não gruda. Eu te conheço.

TONHO- Você fala muito, mas eu também nunca te vi com mulher.

PACO- Mas eu... (ENCABULA, DEPOIS FICA BRAVO.) Eu pego mulher sempre. Quando eu tocava flauta, eu sempre me dava bem. Pergunte pra qualquer um.

TONHO- Mentira sua! Você é até cabaço.

PACO- Eu sempre tenho mulher. Estou te dizendo. Tenho a hora que quizer, está bem?

TONHO- Tem nada.

PACO- Não sou Boneca de Negrão.

TONHO- Não muda de assunto.

PACO- Eu quero saber do assalto. Isso é que quero saber.

TONHO- Não vai ter assalto nenhum, paspalho.

PACO- Então que se dane é você.

TONHO- Problema meu. Agora, que você nunca teve mulher, eu sei bem.

PACO- Juro que tive.

TONHO- Teve coisa nenhuma.

PACO- Filho-da-puta!

I I A T O

(PANO ABRE, VÃO ENTRANDO TONHO E PACO. O PRIMEIRO TRAZ UM PAR DE SAPATOS NA MÃO E, NOS BOLSOS, AS BUGICANGAS ROUBADAS. ESTÁ BASTANTE NERVOSO. PACO TRAZ UM PORRETE NA MÃO E ESTÁ ALEGRE.)

PACO- Belo serviço!

TONHO- Você é um miserável

PACO- Não começa a encher o saco.

TONHO- Não precisava bater no cara.

PACO- Bati e pronto.

TONHO- Agora a policia vai pegar no teu pé.

PACO- Os tiras não sabem quem foi.

TONHO- O sujeito que levou a porrada sabe.

PACO- Ele está estarrado.

TONHO- Vai sarar e te entrega.

PACO- Que nada! Aquele se acabou de vez.

TONHO- Deus queira que não.

PACO- Poxa, meu! Naquele nem Deus dá jeito. Mandei o desgraça do direto prás picas.

TONHO- E a mulher? Esqueceu da mulher?

PACO- Que tem ela?

TONHO- Ela também viu seu focinho.

PACO- E daí? Eu também vi o dela.

TONHO- Ela te entrega pros tiras.

PACO- Eu quero que ela se dane. Ela não sabe onde eu moro.

TONHO- Ela descreve o seu tipo e a polícia te acha.

PACO- Poxa, tira não é bidu. Não acha ninguém.

TONHO- Não, é? Quero ver quando eles te pegarem.

PACO- Não me aporrinha, seu! A mulher tinha cara de fuinha, / deve ser uma burrona. De corpo ainda quebrava um galho Mas de cara era um bofe. Não vai descrever ninguém.

TONHO- O único sabido é você.

PACO- Eu sou mesmo.

TONHO- Espera pra ver. Vai em cana direto.

PACO- Sem eu for em cana, quem se estrepa é você.

TONHO- Quem derrubou o cara é que se dane.

PACO- E foi legal pra chuchu. Poff...E o cara caiu que nem um balão apagado.

TONHO- Podia ser muito fácil. Não precisava bancar o valente.

PACO- Bancar o valente, o cacete! Dei pra valer. Sou mau paca Pra mim, não tem bom. Você viu no parque. O cara se fez de besta, tomou o dele.

Eu vou ter uma faca, um revólver e meu alicate. Limpo o cara, , daí mando ele ficar na frente / da mulher. Daí, digo pra ele: Que prefere miserável? Um tiro, uma facada ou um beliscão. Daí eu pego o alicate e aperto o saco do bruto até ele se arrear. Paco Maluco, o Perigoso, fala / macio pra mulher: Agora nós belezinha. Começo a bolinar a piranha, beijo ela paca, deixo ela bem tarada e derrubo ela ali no parque. Legal!

TONHO- Agora acabou?

PACO- Quer mais?

TONHO- Escuta bem, então, Paco Maluco de merda. Você é nojeto. E não pensa que eu sou o cara do parque. Se você se fizer de besta comigo, eu te / acerto. E pra seu governo, não estou disposto a te aturar. E antes que eu me esqueça, nunca mais entro noutra fria dessas.

PACO- Vai mijar pra trás? Já sabia. Bicha é assim / mesmo.

TONHO- Já te avisei.

PACO- Que é? Vai engrossar por que? É bicha mesmo.

TONHO- É melhor você deixar de frescura comigo.

PACO- Quem tem frescura é você. que é bicha.

TONHO- (AVANÇA PARA PACO.) Canalha!

PACO- (PEGA O PORRETE.)- Vem! Vem, viado!

(TONHO PARA.)

PACO (ZOMBA)- Como é afinou?

TONHO- (SE-CONTENDO) - Vamos dividir a moamba. Quero ir embora.

PACO- Vai cair fora?

TONHO- Já vou tarde. Cansei de aturar você. (PÕE AS BUGIGANGAS NA CAMA DE PACO.) Está tudo aí. Vamos repartir de uma vez.

PACO- Vira o bolso.

TONHO- Está tudo aí. Vamos repartir e pronto.

PACO- Vira o bolso, e não estica o papo. Não adianta querer me engrupir, Tenho noventa anos de janela.

TONHO- (VIRA OS BOLSOS PARA FORA)- Está contente?

PACO- Não venha com truque.

TONHO- Vai ser tudo meio a meio.

PACO- E daí! Eu sou Paco Maluco, o Perigoso. Uso sapato que eu quero.

TONHO- Mas é só pra me dar uma colher de chá.

PACO- Mas que colher de chá? Não sou Igreja!

TONHO- Poxa, não custa nada trocar de sapato.

PACO- Você pensa que é muito malandro, mas na escola que você andou eu fui expulso. Quando você está indo, eu estou voltando. ~~Eu~~ sou vivo Paca.

TONHO- Ninguém quer te enganar.

PACO- E mesmo que quisesse, não ia conseguir, bichona. Você é malandro lá pros teus machos, mas comigo, não!

TONHO- Em que você acha que eu quero te enganar?

PACO- Está na cara, bichona. A gente troca o pisante, você/ se manda. Quando os tiras te pegam, você ~~sai~~ bem não tem nada com o assalto. E eu vou andando pela rua com essa droga, a mulher com cara de fuinha vê o pisa, bo ta a boca no trambone e é o fimdo Paco Maluco, o Perigoso.

PACO- (PAUSA) Que diz, bichona? Queria me levar no bico, mas não deu, né?

PACO- Só tem uma saída. É fazer o novo assalto. (PACO ENCHE BEM O SACO DE TONHO.) Agora, se a bichona não quiser, se tiver medo dos tiras, vai acabar andando descalço por aí. Poxa, vai ser gozado paca ver a bichona descalça, de brinco na orelha, rebolando o bundão. Quando ela passar no mercado então é que vai ser legal. / Pára tudo. A moçada vai se divertir. Eu, então vou ca gar de rir de ver a bichona. Todo mundo vai gritar: (FALA COM VOZ FINA.) Tonha! Tonha, Bichona! Maria To nha, bichona louca! (RI) Tonha Bichona, arruma um co ronel velhusco, ele pode te dar um sapatinho dex sal to alto. (RI.) Poxa, está aí uma saída pra você, Tonha Bichona. (PACO SACODE TONHO.) Estou falando com você, bichona. Falei que você pode arrumar um coronel velhusco e ele te dá um sapatinho de salto alto. (RI) Não vai arrumar? Você vai ficar uma boneca de salto alto e / brinco na ~~orelha~~ orelha. Poxa, Maria Tonha Bichona Louca, você não agradece?

(TONHO ÉSTÁ CONTIDO, MAS BEM NERVOSO.)

TONHO- Pelo amor de Deus, Paco, me deixa em paz! Me deixa em paz!

PACO- Ai, ai, como a bicha é nervosa!

(TONHO JOGA O BRINCO EM CIMA DE PACO.)

TONHO- Acabou sua malandragem. Bota essa droga na orelha!

PACO- Poxa, Tonho... Isso é sacanagem.

(TONHO ENCOSTA O REVÓLVER NA TESTA DE PACO.)

TONHO- Não conversa e faz o que eu mando.

(PACO PÕE O BRINCO.)

TONHO- Agora anda pra lá e pra cá. Anda! É surdo desgraçado?

(PACO ANDA.)

TONHO- Rebola! Rebola, miserável, rebola!

PACO- Escuta; Tonho... Isso não!

TONHO- Rebola! Rebola, filho-da-puta!

(PACO ANDA REBOLANDO. ESTÁ QUASE CHORANDO.)

TONHO- Bicha! Bicha sem-vergonha! Ria, bicha! Ria!

(PACO RI. A SUA RISADA MAIS PARECE CHORANDO.)

TONHO- (SEM RIR.) Estou cagando de rir de você, bicha louca!

(PACO COMEÇA A CHORAR.)

PACO- Poxa, Tonho, não faz isso comigo. Poxa, Tonho! Pelo amor de Deus! Não faz isso comigo!

TONHO- Cala a boca!

PACO- Tonho...eu...

TONHO- Fecha o bico.

(PAUSA)

TONHO- Cadê o alicate?

(PACO TREMÊ.)

TONHO- Da' o alicate.)

(PACO ENTREGA O ALICATE.)

TONHO- (FRIO.) Vou acabar com você. Mas te dou uma chance. Prefere um tiro nos cornos ou um beliscão? Só que o beliscão vai ser no saco com o alicate. Enquanto eu aperto, você vai ter que tocar gaita.

TONHO- (PAUSA.) Anda, escolhe logo.

(PACO CAI DE JOELHOS.)

PACO- Pelo amor de Deus, não faz isso comigo. Pelo amor de Deus... Juro... Eu juro... eu não te encho mais o saco... Nunca mais... Pelo amor de Deus, deixa eu me arrancar... Eu... Eu... eu juro...

TONHO- Cala a boca! Você me dá nojo. (TONHO COSPE NA CARA DE / PACO. TONHO ENCOSTA O REVÓLVER NA CARA DE PACO 'E FUZILA.)

TONHO- Se acabou, malandro. Se apagou. Foi pras picas.

(PACO VAI CAINDO DEVAGAR. TONHO FICA ALGUM TEMPO EM SILÊNCIO, DEPOIS COMEÇA A RIR E VAI PEGANDO AS COISAS DE PACO.)

Serviço de Censura de Diversões Públicas do  
Departamento de Polícia Federal

MEMORANDO para o Sr. Chefe da Turma de Censura de Teatros e  
congêneres

Revalidação do Certificado Liberatório

Comparando os textos da peça "Dois perdidos  
numa noite suja", de autoria de Plínio Marcos, relativamente  
à revalidação do Certificado Liberatório, à luz do "script" |  
com prazo de exibição vendido, não constatei nenhuma modifica-  
ção, no que toca ao conteúdo, que pudesse modificar a classifi-  
cação anterior,

Assim sendo, sou pela liberação da peça com  
impropriedade para menores de 18 (DEZOITO) anos, sem cortes ou  
interdições parciais. (Proibido para televisão).

Respeitosamente,



CÉSAR ADED PAZ - Cart. nº 064

Tec. Cens. Credenciado

f) Personagens: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

g) Valor educativo: \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

III) Conclusão \_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

Brasília, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 19 \_\_\_\_\_

Técnico de Censura - Cart. n° \_\_\_\_\_

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA,

ANEXO, ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA COM O VOTO DO TÉCNICO DE CENSURA CREFENCIADO CESAR ADED PAZ, QUE A EXAMINOU:

TÍTULO : " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "

AUTOR : - PLINIO MARCOS

REST. : - 18 ANOS

EM. 03-02-70

CTC-SC-SCDP

A Chefe do SCDP

TRATA-SE DE NOVELA  
COM TÊXTO PORNO-  
GRÁFICO LIBERADA  
ANTERIOREMENTE C/  
CORTEZ.

DEIXAMOS A SOLUÇÃO  
A CRITÉRIO DA SIG.  
NA CHEFIA.

3.2.70

Existe contradição  
no parecer. Designe  
outro Técnico de  
Censura.

03/02/70

*[Handwritten signature]*

EXM<sup>o</sup> SENHOR  
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
BRASÍLIA-DF.

REQUERIMENTO

Vimos por intermédio dêste, requerer a liberação das cópias da Peça Teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", que deverá ser encenada pelo "Grupo Independente de Amadores". Os textos são de autoria de PLÍNIO MARCOS.

Nêstes têrmos,  
pede deferimento.

Goiânia, 28/abril/1969.

Selmo Alves Costa

SELMO ALVES COSTA -

EXM<sup>o</sup> SENHOR  
CHEFE DO SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
BRASÍLIA-DF.

REQUERIMENTO

Vimos por intermédio dêste, requerer a liberação das cópias da Peça Teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", que deverá ser encenada pelo "Grupo Independente de Amadores". Os textos são de autoria de PLÍNIO MARCOS.

Nêstes têrmos,  
pede deferimento.

Goiânia, 28/abril/1969.

*Selmo Alves Costa*

SELMO ALVES COSTA -



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "
- b) Título original: -
- c) Autor: PLÍNIO MARCUS
- d) Tradutor: -
- e) Diretor: -
- f) Produtor: -
- g) Companhia: GRUPO ENDEPENDENTE DE AMADORES
- h) Classificação da Censura: 18 ANOS SEM CORTES  
PROIBIDA PARA TELEVISÃO

II) Análise

- a) Gênero: DRAMA PORNOGRÁFICO
- b) Argumento: Relata como vivem dois malandros, moradores de um quarto terceira categoria, os quais trabalham num mercado. O desejo dos dois melhorar de padrão de vida. A busca de dinheiro, pois o que recebem pouco, fazem com que cometam um assalto, despojando as vítimas, um cas de namorados, de seus pertences. Na hora da divisão do material roubado eles se desentendem, terminando um assassinando o outro.
- c) 1 - Mensagem: A mensagem do autor Plínio Marcus é fazer com que o público tome conhecimento de tais fatos, sem contudo apresentar nenhuma solução.
- 2 - Impressão final: O que vemos é que o viajante que veio tentar a vida na cidade grande, por força das circunstâncias, tornou-se um assassino portanto maléfico para a sociedade.
- d) Diálogos: Contém bastante palavras pornográficas e gírias.
- e) Cenas: Comuns

f) Personagens: O poder de sugestão dos personagens, pelas palavras e atitudes, pode influenciar o público infantil ou juvenil, entretanto, como a peça vem sendo exibida com impropriedade para menores de 18 anos, o público acima desta idade tem bastante capacidade para discernir e chegar as suas próprias conclusões.

g) Valor educativo: nehum a ressaltar

III) Conclusão Tendo em vista conter a peça " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA " enorme quantidade e variedade de palavras pornográficas, repleta de maus exemplos, opino por sua liberação com impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos, e proibida para TELEVISÃO.

Brasília, 4 de junho de 1969

SR. CHEFE DA SEÇÃO DE CENSURA

*Eduardo Carlos Pedrosa*  
Técnico de Censura - Cart. nº 057

EDUARDO CARLOS PEDROSA

= CREDENCIADO =

ANEXO, ENCAMINHO A PEÇA ABAIXO INDICADA, COM O VOTO DO TÉCNICO DE CENSURA CREDENCIADO EDUARDO CARLOS PEDROSA, QUE A EXAMINOU.

TÍTULO:- DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

AUTOR:- PLÍNIO MARCOS

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 (DEZOITO)

EM, 04/JUNHO/1969

*Jose Sampaio Braga*  
JOSE SAMPAIO BRAGA  
TCTC-SC/SCP

*Manoel Felipe de Souza Leão Neto*  
MANOEL FELIPE DE SOUZA LEÃO NETO  
CHEFE DA S. DE CENSURA

*do a Expresso certificar  
do Censur.*

*Aloysio Muhlethaler de Souza*  
ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA  
CHEFE DO SCP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, P-85

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO



Certificado Nº 1214/69

PEÇA -/!!! DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA !!!/-

ORIGINAL DE PLÍNIO MARGOS

APROVADO PELO S. C. D. P. VÁLIDO ATÉ 09 de JUNHO de 19 74

CLASSIFICAÇÃO Brasília, 09 de JUNHO de 19 69

**IMPRÓPRIO  
ATÉ 18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P. *Carla*  
**ALOYSIO MÜHLETHALER DE SOUZA**

ad/

M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**  
BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 03001 p. 86

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 38, de registro de peças

**-DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA-**

teatrais, o assentamento da peça intitulada \_\_\_\_\_

**LINGUAGEM DO TEXTO: P O R N O G R Á F I C A**

Original de PLÍNIO MARGOS

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de GRUPO INDEPENDENTE DE AMADORES (GOIÂNIA-GO)

Tendo sido censurada em 04 de JUNHO de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS :::::

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL E À AFIXAÇÃO DE CARTAZ, CONFORME

§ 2º DO ART. 1º DA LEI 5536/68.

**OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SÓ TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 09 de JUNHO de 19 69

JOSE SAMPAIO BRAGA

Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres



Chefe do SCDP

: Sr. Delegado do DPF/80

Providências (solicita)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam providas pelo Chefe da TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico deste / Serviço:

1. Assistir ensaio geral ou VT, se for o caso da peça " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA ";

2. Enviar a este SCDP, relatório minucioso a respeito do espetáculo e,

3. entregar a documentação (scripts e certificados) anexa ao interessado - com nome no verso dos certificados - somente após autorização desta Chefia, via rádio.

Atenciosamente,

ALOYSIO MUHLETHALER DE SOUZA

Chefe do SCDP.

Recebi  
Ant. M.  
14-6-69



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA <sup>LAUDO CENSÓRIO</sup>

Título: \_\_\_\_\_

Nome do Autor: \_\_\_\_\_ Plínio Marcos

Nome do Tradutor: \_\_\_\_\_

Gênero: \_\_\_\_\_ Drama

Entrecho: \_\_\_\_\_ Dois personagens, em um baixo ambiente, vivem os dois atos que compõem a peça, mostrando a recíproca inamistuosidade entre eles, através de uma linguagem apropriada ao meio.

No primeiro ato, os personagens transmitem a sua identificação, o seu status, as suas condições de vida e o seu indonfor - mesmo, após o que planejam um assalto que, no momento, lhes pareceu o meio mais indicado para solucionar alguns de seus problemas.

No segundo ato, consumado o assalto, vem o diálogo sobre a partilha do fruto do roubo, que resulta numa acirrada discussão, palavões, ofensas, ameaças e coação, culminando com um assassinato.

Apreciação ~~moral~~ \_\_\_\_\_ Tema de uma realidade crua, não contendo nenhuma mensagem específica. A linguagem de gíria desabrida e o uso do palavão são exigidos pelo ambiente. A impressão final que se tem é que o autor quis mostrar algumas causas de que decorrem os dramas sociais, roubos, crimes, etc., não conseguindo plenamente o seu intento. A peça em pauta, anteriormente censurada por esse SCDF, pode ser liberada com impropriedade máxima, sem cortes, obedecido o que dispõe a legislação vigente no que diz respeito a propaganda.

Observações: \_\_\_\_\_ Este script contém rasuras feitas pelo interessado, que pretende substituir alguns termos por outros, tais como "encagaçado" por "embaralhado", "cagão" por "medroso", etc, não tendo sido anexada a competente autorização do autor para isto. Assim, chamamos a atenção da DD Chefia para este detalhe que poderá condicionar a liberação desta peça.

Classificação final: \_\_\_\_\_ Pelo script, com a observação, 18 (DEZOITO) ANOS.

Brasília-DF. em 15 de abril de 1969

*Padua Carvalho*  
Censor Federal - matrícula n.  
Antonio de Padua Carvalho Alves - Credenciado

Cart. 058-DF

Senhor Chefe da Seção de Censura

Em anexo, encaminho a peça abaixo indicada, com o voto do Censor ANTONIO DE PAZUR, que procedeu o exame da mesma.

NOME DA PEÇA: DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

AUTOR: PLÍNIO MARCOS

RESTRIÇÃO SUGERIDA: 18 ANOS

C/OBSERVAÇÃO SOBRE SUBSTITUIÇÕES

OBS. \_\_\_\_\_

Em 15/4/69

[Signature]  
Chefe da TCTC

VISTO: \_\_\_\_\_

Encaminhe-se o presente processo à apreciação do Senhor Chefe do SCDP, para a decisão final.

Em 16/4/69

[Signature]  
Chefe da seção de Censura

DESPACHO

Expedir os certificados de Censura de acordo com voto do Censor a classificação em "inferior".

Em 18.4.69.

[Signature]  
CHEFE DO SCDP



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, p.90

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 1153/69

PEÇA - / : : : DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA : : : / -

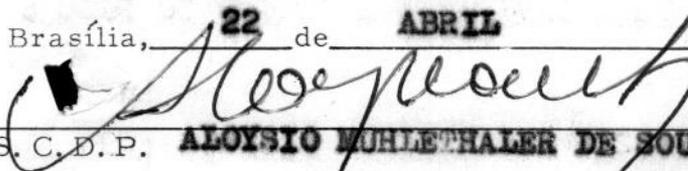
ORIGINAL DE PLINIO MARCOS

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 22 de ABRIL de 19 74

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 22 de ABRIL de 19 69

  
Chefe do S. C. D. P. ALOYSIO MUELHENTHALER DE SOUZA

IMPRÓPRIO  
ATÉ 18 ANOS

M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**  
BR DFANBSB NS. CPR. TEA. PTE. 03004 p. 91

Certifico constar do livro nº 01 fôlha nº 36, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada - DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA -  
LIGUAGEM DO TEXTO: PORNOGRÁFICA

Original de PLINIO MARCOS

Tradução de \_\_\_\_\_

Adaptação de \_\_\_\_\_

Produção de AMADORES - (GB)

Tendo sido censurada em 15 de ABRIL de 19 69 e recebido

a seguinte classificação: IMPRÓPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS, CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

**OBS: O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE SERÁ VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADA DO SCRIPTS DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.**

Brasília, 22 de ABRIL de 1969

**JOSÉ SAMPATO BRAGA**

chefia Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres

22/04/69

Chefe do SCDP

Sr. Delegado Regional do DPF/GB  
Providências (SOLICITA)

Sr. Delegado,

Solicito vossas providências no sentido de que sejam cumpridas pelo Chefe da TCDP dessa DR, as seguintes determinações de caráter técnico desse Serviço.

1. assistir ensaio geral da peça "DCIS PERDOD NUMA NOITE SUJA", autoria de Flínio Marcos;

2. Enviar a este SCDP, relatório minucioso a respeito do espetáculo e,

3. Entregar a documentação anexa e certificados ao interessado Amadores - após autorização desta Chefia, via Rádio.

Atenciosamente,

*Aloysio Muhentahler de Souza*  
ALOYSIO MUHENTAHLER DE SOUZA  
Chefe do SCDP

*Deceli*

*M. T. M.*

*22-11-69*



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Goiânia,

Of. nº 75/69

Em Goiânia, 03 de julho de 1.969

Do : Chefe da Turma de Censura de Diversões Públicas/SDR/Go.

Ao : Chefe de Polícia de Segurança

Assunto : ENSAIO GERAL SOBRE "PEÇA TEATRAL" (ENCAMINHA)

PEÇA: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

AUTOR: Plínio Marcos

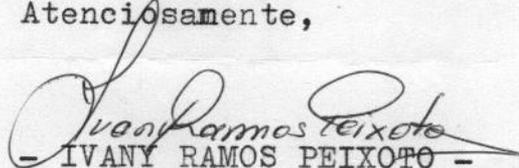
Senhor Chefe:

Em cumprimento as determinações de V.Sa., /  
contidas no Memº. nº 386/69 desse serviço, comparecemos ao Teatro  
Inacabado, ontem ás 20,00 horas, afim de assistirmos ao Ensaio Ge-  
ral da peça acima mencionada.

Quanto ao conteúdo da peça em sí, não cabe  
comentários, por ser a mesma, já do conhecimento público e do SCDP.  
Resta-nos comentar os esforços desses jovens que procuram fazer te-  
atro em Goiânia, cidade pequena, que somente agora, após o advento  
da Revolução Vitoriosa, é que começa a tomar impulso, e creio que  
dentro em breve será uma das mais belas e prósperas Capital do Pa-  
ís. É impressionante o realismo que esses dois jovens CELMO ALVES  
COSTA e JOSÉ TOMAZETTE, dão a interpretação de " DOIS PERDIDOS NU-  
MA NOITE SUJA". Elementos desse quilate, deveriam se dedicar a ou-  
tros gêneros de teatro, em que o público pudesse apreciar os dois/  
extremos de uma verdadeira obra literária, " O ATOR" e "O TEXTO" .

Quanto ao guarda-roupa, indumentárias, ges-  
tos, marcarão, etc., foi tudo rigorosamente obedecido como determi-  
na o regulamento, estando, os candidatos aptos a levar referida en-  
cenação ao público conservando-se o limite-etário até aqui clasifi-  
cado.

Atenciosamente,

  
- IVANY RAMOS PEIXOTO -

- Ch. da TCDP/SDR/Go. -



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES

## DEPARTAMENTO FEDERAL DE SEGURANÇA PÚBLICA

SEÇÃO DE CENSURA FEDERAL = DPF - DR - GB.

Of. nº 28

Em 29 de janeiro de 1968.

Do Chefe da Seção de Censura Federal - DR/GB

Ao Sr. Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas-DPF.

Assunto : remete expediente sôbre peça teatral

Senhor Chefe,

Encaminho a V.Sa. o expediente referente ao pedido de liberação da peça teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", com o parecer do Exmº Sr. Diretor-Geral do DPF.

2. A referida peça já havia sido censurada por esta Seção de Censura, em 21/06/67, sendo liberada com a impropriedade para menores até 18 anos, com representação, sômente, restringida ao Estado da Guanabara. Em razão disso, o Sr. Nelson Xavier requereu ao Exmº Sr. Ministro da Justiça, a liberação para todo o território nacional, cujo expediente foi enviado ao Exmº Sr. Diretor-Geral do DPF.

3. Após o exame do "script", o Exmº Sr. Diretor-Geral deu parecer favorável à liberação para todo o território nacional, com a impropriedade para menores até 18 anos, com cortes e substituições propostos pelos censores que haviam, anteriormente, examinado a aludida peça.

4. Determinou, ainda, S. Excia. que o certificado fôsse expedido por esta Seção de Censura, o que foi feito, assim como, também, a distribuição para tôdas as Delegacias Regionais/ de cópia do parecer que autorizou a liberação.

5. Como V.Sa. poderá verificar na cópia do certificado, êste só é válido quando acompanhado do roteiro. Os cortes e observações foram os seguintes:

1º ato - pg.7-peido;

pg.9-sua velha pode trepar com qualquer /  
um;

pg.10-enrabar;

SRA. - DA. - D. F. S. P

RECEBI *Jan 30/2* 1968 AS *14* HS

ASS

CHEFE SUBSEÇÃO RECEBIMENTO (SSER)

cont...

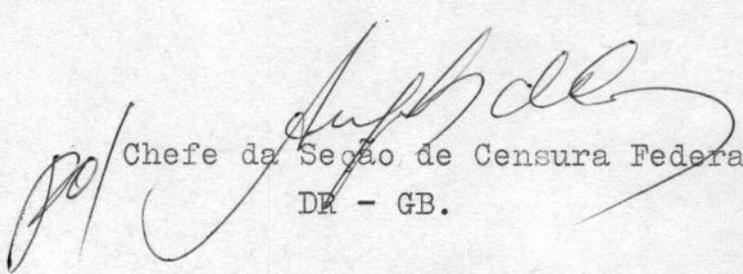
M. J. N. I. — D. P. S. P. — DELEGACIA REGIONAL — GB

Continuação  
1º ato.

pg. 23 - porra louca

2º ato- pg. 3 - obs: marcação suave na cena em que Paco an  
tevé o assalto e descreve a curra; e,  
pg. 4 - no seu rabo não vai nada?

Ao ensejo renovo a V.Sa. os protestos de minha elevada  
estima e distinta consideração.

  
Chefe da Seção de Censura Federal  
DR - GB.

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

M. J. — DEPARTAMENTO DE POLÍCIA REGIONAL

## DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Gabinete do Diretor-Geral /GB

## D E S P A C H O

Suja, nesta "coisa", não é somente a noite. Tôda ela não passa de um amontado de sujeira.

E pretendem impingir isto como arte, num acintoso desrespeito ao público e ofensa aos verdadeiros artistas.

Dizer e escrever pornografias e palavrões não nos parece exigir grandes dotes artísticos, é tanto mais fácil quanto mais baixo fôr o nível ou a intenção de quem o faz.

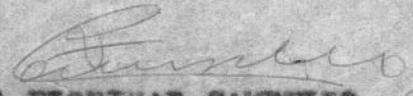
Deixamos ao público adulto e esclarecido o julgamento desta e outras peças semelhantes.

Os autores e exibidores que arquem com os prejuízos morais e materiais que lhes serão certamente impostos pelo repúdio público a tal mistificação. Poupe-se entretanto aos menores de 18 anos da influência maléfica de tantas sujeiras.

Defiro o pedido do requerente, liberando-a para apresentação teatral em todo território nacional com proibição para menores de 18 anos, e os cortes e substituições propostas pelos censores.

Ao SCDF para expedição do competente certificado.

Em 17 de janeiro de 1968

  
Coronel FLORIMAR CAMPELLO  
Diretor-Geral

Ao Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas  
Brasília - DF.

*Indeferido*  
*Em 15/5/68*  
*[Signature]*

Hélio Rodrigues Alves, brasileiro, residente na cidade do Rio de Janeiro, Estado da Guanabara, vem mui respeitosamente requerer de Vossa Senhoria, 3(treís) cópias de segunda vias da Peça " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de autoria de Plínio Marcos, por se encontrar em "Tournée", em todo o Território Nacional, e não ser aceita pelos Censores Federais nos Estados.

TÊRMO EM QUE PEDE E  
ESPERA DEFERIMENTO

BRASÍLIA, 13 de Maio de 1968

*Hélio Rodrigues Alves*  
Heilo Rodrigues Alves

M. J. D. P. F.  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
Protocolo N.º 370  
Em 14 / 05 / 1968  
*[Signature]*  
Protocolista

RECEBI O PROGRAMA ANEXO  
Em \_\_\_ de \_\_\_ de 19\_\_\_

**Cópia**



REGISTRADO NO LIVRO Nº I DE PEÇAS  
**MINISTÉRIO DA JUSTIÇA**  
**DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL**

**CENSURA FEDERAL**

**TELEVISÃO**

Certificado Nº. **001-68**

PROGRAMA **PEÇA TEATRAL-DOIS PERDIDOS NUMA NOITE**

PRODUTOR **PLINIO MARGOS**

EMISSOR **XXXXX**

**PROIBIDO PARA MENORES ATÉ: 18 ANOS**

VÁLIDO ATÉ **23 DE JANEIRO DE 1969**

**GUANABARA, 23 de JANEIRO de 1968**

*[Assinatura]*

CHEFE DA CENSURA FEDERAL

**POMPEU DA SILVA OLIVEIRA**

Certifico que o programa REGISTRADO NO LIVRO Nº 1 DE PEÇAS TEATRAIS,  
 foi examinado e aprovado para APRESENTAÇÃO em todo o Território Nacional, de acôr-  
 do com o disposto no 1 Item XIX, Art. 2º do Decreto nº 1023, de 17 de maio de 1962,  
 bem como a letra "d", Ítem VII, Art. 8º da Constituição do Brasil.

PROGRAMA "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

GÊNERO PEÇA TEATRAL

QUADROS 2 ATOS COM 6 QUADROS.

PRODUTOR PLINIO MARCOS

~~DIRETOR~~ LIBERADA P/TODO TERRITÓRIO NACIONAL DE ACÔRDO COM DESPACHO DO  
EXMO. SR. DIRETOR GERAL DO D.P.F., DE 17.01.68, COM A PROIBI-  
~~EMISSORA~~ ÇÃO P/MENORES DE DEZOITO(18)ANOS E CORTES E OBSERVAÇÕES ASSI-  
NALADOS NO ROTEIRO NAS PGS.7,9,10 E 23 do 1º ATO e PGS. 3 e 4  
~~HORÁRIO~~ do 2º ATO. ESTE CERTIFICADO SÓ É VÁLIDO QUANDO ACOMPANHADO DO  
ROTEIRO.

GUANABARA em 23 de JANEIRO de 1968

*Supl. do Com. Federal*

051/GB

XXXXXXXXXXXXXXXX DA PEÇA: DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

XXXXXXX AUTOR : PLINIO MARCOS

PROIBIDO PARA MENORES 21 JUNHO 68  
ATE 18 ANOS E PARA 21 JUNHO 67  
TELEVISÃO.

A. ROMERO LAGO

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

0300, p. 901

051/GB

PEÇAS TEATRAIS

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

051/GB

- 1 -

a xxxx PEÇA

a DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

XXXXXXXXXXXXX AUTOR: PLINIO MARCOS

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX PRODUTOR: TEATRO NACIONAL DE COMEDIA

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX 01

21 JUNIO

67

a a xxx PEÇA

XXX

XXX ITEM 7, PARÁGRAFO 1º, DA PORTARIA SCDP, 11/67, FOSSE LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO SOMENTE NO ESTADO DA GUANABARA, COM A PROIBIÇÃO PARA MENORES ATÉ 18 ANOS E PARA TELEVISÃO.

ESTADO DA GUANABARA

XXXXXXX

21

JUNIO

67

JOSÉ LEITE OTTATI  
CHEFE DA SCF/DR/GB/DPF



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA

DEP. FEDERAL SEC. PÚBLICA  
SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES  
SETOR - CENTRO DE MENSAGENS  
Recebido 4 6 68 Hr. 1045  
Encaminhado - / / Hr. 0945  
AS-

DE: JPessoa NR. 5 Pls. 77 Dt. 4-6

RECEBIDO DE: DFP/6 As 041040 Por HF/XB SB

Endereço

URGENTE  
CHEFE SCDP DPF  
BRASILIA=DF

Texto e Assinatura

107 GAB SDR/PB DE 4-6-68 CONSULTO VS PEDINDO RESPOSTA URGENTE VG SE PEÇA "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA" DE PLINIO MARCOS VG PODERÁH / SOFRER CORTES NOSSO CRITERIO VG CONSIDERANDO PRETENDEM EXIBIR A MESMA CIDADE INTERIOR VG CUJA MENTALIDADE DO POVO EH DIFERENTE POPULAÇÃO // GRANDES CAPITAIS PTVG OU DEVEREI LIBERA-LA OBSERVANDO SOMENTE RESTRIÇÕES JAH FEITAS POR ESSE SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSOES PUBLICAS PT SDS

ANTONIO EMILIO ROMANO  
SUBDEL REG DPF/PB

6 (seis) cortes.

24

Informo vs ref. seu os de 04/06 de  
 que apesar reconhecer peculiaridades  
 cada estado ter de ser levada a  
 peça com os cortes feitos et consta  
 competente certificado censura of sem  
 interferência esta Delibacia Refusaria  
 Cordiais Saudações, Aloysio Junqueira  
 SOUZA CAPEPE SCDP.

2/04/06 (cont)



BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, p.104

POLÍCIA DO DISTRITO FEDERAL

D S G - SERVIÇO DE COMUNICAÇÕES

CÓPIA PARA ARQUIVAMENTO EM ORDEM CRONOLÓGICA

ANTÔNIO EMÍLIO ROMANO  
SUBDELEGADO REGIONAL DO DPF/PARAÍBA  
RUA ALMIRANTE BARROSO 36 - JOÃO PESSOA

208            5    6    68

INFORMO VOSSA SENHORIA REFERÊNCIA SEU TELEX 5 de 04/06  
que APESAR RECONHECER PECULIARIDADES CADA ESTADO VG TERAH SER LEVADA  
PEÇA " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA " COM CORTES FEITOS ET CONSTANTES  
CERTIFICADOS CENSURA PT OUTROSSIM VG PARA NOVAS ALTERAÇÕES HAE  
POSSIBILIDADE APLICAÇÃO ARTIGOS 52 § 1º ET 3º DECRETO Nº 20 493 VG  
ACARRETANDO REMESSA SCRIPT PARA ÊSTE SCDP PT SDS Ten. Cel. R/1 ALOYSIO  
MUHLETHALER DE SOUZA CHEFE DO SCDP



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

LAUDO CENSÓRIO

Título: Dois Perdidos Numa Noite Suja :::::

Nome do Autor: Plínio Marcos :::::

Nome do Tradutor: \_\_\_\_\_

Gênero: Drama :

Entrecho: ENSAIO GERAL: Cumprindo determinação da Chefia foi examinado o escrito, já aprovado e liberado por êste, SCDP, mantendo-se os atôres fiéis ao seu texto, pelo que proponho ~~aprobado~~ seja concedida a autorização requerida para a encenação da peça nesta cidade, s.m.i. :::::

Apreciação moral \_\_\_\_\_

Observações: \_\_\_\_\_

Classificação final: Impróprio para menores de 18(dezoito) anos. :::::

Brasília-DF. em 18 de outubro de 1968

Censor Federal - matrícula n. Carlos Lucio

Ob. Obedesindo  
Costa

Ilmo. Sr. Chefe do Serviço de Censura

Venho por meio deste, requerer de V.S. a recen-  
sura da peça de Plínio Marcos, "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE  
SUJA", que a minha companhia está apresentando em todo o  
território nacional.

Nestes Termos

Pede deferimento

*João Muly*

*Beleza os textos em anexo,  
devidamente corrigidos  
Quarta  
11/11/57*

R. 854 L-1 F. 27



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

Brasília, 13 de Novembro de 1.968

Exmo. snr.

Cél. Aloysio M. de Souza

M.D. Chefe do SCDP/DPF

Levamos ao conhecimento de v.Excia., que a EMPRESA OCTAVIOALVES DA GRAÇA MELLO, está devidamente autorizada pela SBAT a representar em TODO TERRITÓRIO NACIONAL, a peça de PLINIO MARCOS DE BARROS " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"., conforme contrato firmando legalmente.

atenciosamente|

p.p. SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS

Edson Falbo - Representante geral p/  
BRASILIA E ESTADO DE GOIÁS.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, P.100

# CENSURA FEDERAL TEATRO



Certificado Nº 854/68

PEÇA / DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA /

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS

APROVADO PELO S. C. D. P.

VÁLIDO ATÉ 26 de NOVEMBRO de 19 68

CLASSIFICAÇÃO

Brasília, 26 de NOVEMBRO de 19 68

**IMPRÓPRIO  
ATÉ 18 ANOS**

*Aloystio Muhlenthaler de Souza*  
\_\_\_\_\_  
Chefe do S. C. D. P. - **ALOYSTIO MUELTHALER DE SOUZA**

**COM CORTES**

M - D.P.F.  
CERTIFICADO DO S.C.P.

Certifico constar do livro n° 01 fôlha n° 27, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

Original de PLINIO MARCOS

Tradução de X+X

Adaptação de X+X

Produção de EMPRESA OCTAVIO ALVES DA GRAÇA MELLO

Tendo sido censurada em 29 de JANEIRO de 19 68 e recebido a seguinte classificação: IMPROPRIA PARA MENORES ATÉ 18 (DEZOITO) ANOS, COM /

CORTES DAS PALAVRAS E EXPRESSÕES ASSINALADAS E RUBRICADAS ÀS FÓLHAS 11 (ONZE), 14 (QUATORZE), 34 (TRINTA E QUATRO) E 43 (QUARENTA E TRÊS).

OBSERVAÇÕES : MARCA ÇÃO SUAVE NA CENA EM QUE PACO ANTEVÊ O ASSALTO E DESCREVE A CURRA. (INÍCIO FLS. 41 E TÉRMINO FLS 42).

O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE TEM VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DA PEÇA DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP E COM OS CORTES / RUBRICADOS.

Brasília, 26 de NOVEMBRO de 19 68

*Jose Sampaio Braga*  
JOSE SAMPAIO BRAGA

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, p. 109

\_\_\_\_\_  
Chefe da Turma de Censores  
de Teatro e Congêneres

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

Brasília, 21 de fevereiro de 1969.

Do: Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao: Senhor Chefe do Gabinete do D.P.F.

Assunto: Informação (presta)

Senhor Chefe,

A propósito de representação feita por forças representativas de Adamantina, SP, ao Conselho de Segurança / Nacional, contra a encenação da peça teatral de Plínio Marcos intitulada "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", temos a informar o seguinte:

2. A peça em aprêço foi inicialmente liberada por este SCDP, em grau de recurso, em 17 de janeiro de 1968, conforme despacho do então Diretor-Geral do DPF, documento / constante do respectivo processo.

3. Enquanto vigorou o art. 41 do Decreto nº 20 493, de 24.01.1946, o órgão censório podia negar autorização para espetáculos que contivessem "ofensa ao decôre público"; "cenas de ferocidade" ou fossem capazes "de sugerir a prática de crimes"; ou ainda, que "divulgassem ou induzissem aos / maus costumes".

4. Contudo, após o advento da Lei nº 5 536, de 21 de novembro de 1968, foge à competência da Censura impor cortes estribados em princípios merais, eis que a norma em questão dispõe:

"Art. 1º A Censura de peças teatrais será classificatória, tendo em vista a idade do público admissível ao espetáculo, o gênero dêste e a linguagem do texto, com as exceções previstas nesta lei".

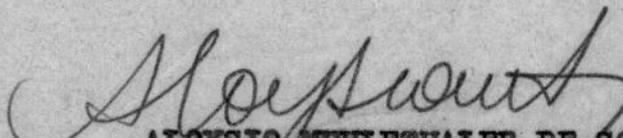
5. São, pela mesma lei, passíveis de interdição, parcial ou total, as representações teatrais que:

a) atentam contra a segurança nacional e o regime representativo e democrático;

b) ofendam às coletividades, às religiões ou incen-  
tivism preconceitos de raça ou luta de classes; e

c) prejudiquem a cordialidade das relações com outros povos.

Tendo em vista os dispositivos acima aludidos, esta Chefia não encontra meios legais para dar guarida à representação em tópico.

  
ALOYSIO MUELETHALER DE SOUZA  
Chefe do SCDP

# GRUPO DE TEATRO INDEPENDENTE

TEATRO DE ARENA  
TEATRO EM REVISTA

Av. Borges de Medeiros, 835 (altos do Viaduto) - Caixa Postal, 4015  
PÔRTO ALEGRE - RGS

III-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DA-SEÇÃO DE ATOS ADMINISTRATIVOS

28 DEZ 1300 46513

RECEBIDO POR: *Quinch*

Ao

Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas D.P.F.  
Departamento de Polícia Federal  
Ed. B.N.D.E. - 4º andar  
BRASILIA

Solicito de V.S. o reexame das peças teatrais "Dois Perdidos Numa Noite Suja" da autoria de Plínio Marcos e "Um, Dois, Três de Oliveira Quatro" de autoria de Lafayette Galvão, destinada a encenação pelo Grupo de Teatro Independente em temporada de verão no Teatro de Arena e Teatro de Câmara.

Encareço a urgência da liberação, visto a situação de compromissos em que se encontra a Companhia.

Segue em anexo as cópias exigidas pela lei, devidamente autorizadas pela S.B.A.T.

N. Termos

P. Deferimento

Pôrto Alegre, 22 de dezembro de 1970

*Jairo de Andrade*  
Jairo de Andrade - Diretor



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

- a) Título em Português: — 0 —
- b) Título original: "Dois Perdidos Numa Noite Suja"
- c) Autor: Plínio Marcos
- d) Tradutor: — 0 —
- e) Diretor: — 0 —
- f) Produtor: Grupo de Teatro Independente
- g) Companhia: Teatro de Arena - RGS
- h) Classificação da Censura: Liberado para maiores de 18 (dezoito) anos — Obs.: Restrição fundamentada exclusivamente no texto apresentado ao SCDP.

II) Análise

- a) Gênero: Drama em dois atos e seis quadros.
- b) Argumento: Tonho e Paco são descarregadores de caminhões no mercado e companheiros de quarto numa "espeleuxca". O primeiro, embora tenha alguma instrução, não tem coragem de procurar emprego melhor porque é oitima da psico que está sempre a usar. Paco é mais estúpido, mas faz esteve melhor de vida quando possuía um flauta e vivia a tocar de bar em bar, até o dia em que foi surtado de seu instrumento, ao dormir alucinado na calçada. Tonho recebe a incumbência de vender um revólver pertencente a motorista de caminhão. Enquanto está com a arma, ele e seu companheiro resolvem efetuar assalto a mão armada, com
- |   |  |
|---|--|
| 1. Mensagem: <u>A sociedade de mesma</u>  | a finalidade de de ambos resolverem seus problemas. No momento da partilha do fruto do roubo, há uma desinteligência entre os dois e Tonho termina matando Paco. |
| 2. Impressão final: <u>Peça impactante, que procura despertar a sociedade para o problema da delinqüência infantil, mas falha por não propor solução.</u> |  |
- c) Diálogos: Condições com a ambientação e os personagens — moleques de rua e carregadores de caminhão — razão pela qual apresenta vários termos de baixo calão.
- e) Cenas: Somente poderão ser avaliadas em seu uso geral.

f) Personagens: Paco e Tonho, colegas de quarto e,  
no final, de assalto.

g) Valor educativo: Nihil

III) Conclusão Os diálogos do texto apresentado ao signatário em  
têm expressões vulgares, que embora necessárias para a au-  
tenticidade dos personagens - semi-analfabetos e pertencen-  
tes à classe social mais baixa - já motivam (~~justificam~~) a res-  
tição etíica máxima. A tal fator acresce a maturida-  
de da temática, de desinteresse para público gen-  
eral.

Brasília, 12 de Janeiro de 1971

Chafes de  
Técnico de Censura - Ass. nº 2095823



SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS  
TURMA DE CENSURA DE TEATROS E CONGÊNERES

P A R E C E R

I) Documentação

a) Título em Português: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

b) Título original:

c) Autor: PLÍNIO MARCOS.

d) Tradutor:

e) Diretor:

f) Produtor:

g) Companhia:

h) Classificação da Censura: INTERDIÇÃO.

II) Análise

a) Gênero: DRAMA.

b) Argumento: A estória de dois homossexuais, que trabalhavam no mercado da cidade e moravam num mesmo quarto de uma penção. Um deles, era estudado e queria arrumar um par de sapato novo para conseguir um emprego melhor. O outro, queria conseguir dinheiro para comprar uma flauta e sair tocando nas ruas. Certo dia, eles resolvem assaltar casais de namorados e com os frutos dos mesmo teriam o almejado. No primeiro assalto tudo saiu bem, mas depois na divisão dos mesmos se desentenderam e um mata o outro.

c) 1 - Mensagem: Totalmente negativa. Por despertar o espectador para o homossexualismo e a prática de crimes.

2 - Impressão final: Péssima. Pois acho que será difícil para o espectador ver e ouvir dois homossexuais em um palco só usando pornografia o tempo todo. É realmente um festival de pornografia.

d) Diálogos: Pornográficos.

e) Cenas:

f) Personagens: Dois homossexuais. Infelizes e criminosos.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

g) Valor educativo: Nenhum.

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_

III) Conclusão Trata-se de uma peça de péssima qualidade, com mensagem totalmente negativa, que usa a pornografia em excesso e que ao meu ver infringem as normas censórias vigentes. Apesar de já haver sido liberada anteriormente, conforme notificações existentes nos arquivos / dêste órgão, opino pela sua interdição, face ao acima exposto.

OBSERVAÇÃO: Contém pornografia em quase tôdas as fôlhas.

Brasília, 11 de janeiro de 19 71.

Técnico de Censura - Cart. nº 399

*Roberto Antonio Coutinho*  
Roberto Antônio Coutinho.

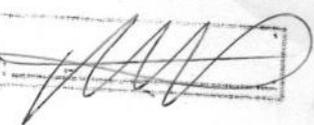
EM TEMPO

INFRINTEM AS NORMAS CONTIDAS NO DEC. LEI Nº. 1.077 DE 16 DE JANEIRO DE 1970, ART. 18. E 7º.

RJ-DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DA-SEÇÃO DE RELAÇÕES ADMINISTRATIVAS

16 SET 09 10 36619

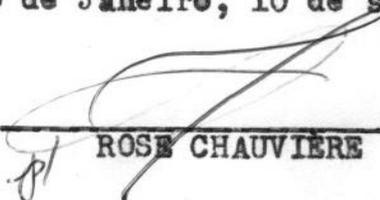
ILMO. SR. CHEFE DA CENSURA FEDERAL

RECEBIDO POR: 

"OS OUTROS", grupo teatral amador, no intuito de participar do IX Festival Mundial de Teatro de Pelotas (Rio - Grande de Sul), como um dos representantes do Brasil, vem por meio dêste solicitar a V.S. se dêgne fazer a censura da peça "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA" de Plinio Marcos, numa montagem feita por Roberto de Britte.

Esta peça sòmente será apresentada no Referido Festival, que se inicia no dia 01/10/71.

Rio de Janeiro, 10 de setembro de 1971

  
ROSE CHAUVIERE

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA SEGUNDO R. DE B."

de Plínio Marcos

adaptação de Roberto de Britto

MÚSICA:

MUNDO MAU  
 TERRA DE NINGUÉM  
 MUNDO MAU  
 TERRA QUE ME VIU NASCER,  
 LEVANTA, E SE REVOLTA  
 NÃO DEIXA O SEU FILHO MORRER.

MUNDO SEM PAIXÃO  
 MUNDO DE ILUSÃO  
 TERRA TÃO DESCRENTE,  
 QUE FAZ A GENTE DIZER NÃO.  
 TERRA DISCLICENTE  
 QUE JOGA IRMÃO CONTRA IRMÃO;

PRÓLOGO

- 1º QUADRO - O VÍCIO  
 2º QUADRO - O SEXO  
 3º QUADRO - A EXPLORAÇÃO

MULHER - Será que você não se manca? Será que você não compreende que eu venho da zona cansada prá xuxu. Ainda mais hoje foi um dia de las car... andei o quarteirão de cima prá baixo mais de mil vêzes, e só pequei um trouxa que pesava mais de mil quilos... bufou, bufou, babou, babou e no fim de tudo ainda veio com histórias... me contou tôda a história da puta da vida dêle, da puta da mulher dêle, da puta da filha dêle e da puta que o pariu, tudo gente bem instalada na puta da vida. É isso que cansa a gente. A gente só quer chegar em casa, encontrar o homem da gente de cara legal, tirar aquê le sarro e se apagar prá desferrar de tôda a sacanagem desse mundo de merda que está aí: resultado, você está sempre de saco cheio por qualquer coisinha... então apronta bate na gente e na hora do bem bom tira o corpo fora. Eu ás vêzes fico pensando...será que eu sou gente? Será que eu, você e o Veludo somos gente? Chego até a duvidar...eu duvido que gente de verdade viva assim, um aporrinhando o outro, um se servindo do outro...Não isso não é vida! Isso é um monte de bôsta, fedida!fedida!fedida!

1º ATO

Paco está deitado em uma cama. Toca muito mal uma gaita, de vez em quando para de tocar, olha para os seus pés que estão calçados com um lindo par de sapatos, completamente em desacôrdo com a sua roupa. Com as mangas do paletó limpa os sapatos. Paco está tocando, entra Tonho, não dá bola para Paco. Vai direto para sua cama. Senta nela e com as mãos a examina.

TONHO - Ei, pare de tocar essa droga. (Paco finge não ouvir)

TONHO - (gritando) Não escitou o que eu disse. Pare com essa zoeira. (Paco não para).

TONHO - É surdo, desgraçado? (Tonho vai até Paco e o sacode pelos ombros) Você não escuta a gente falar?

PACO - Oi, você está aí?

TONHO - Estou aqui prá dormir.

PACO - E daí, quer que eu toque uma canção de ninar?

TONHO - Quero que você não faça barulho.

PACO - POxa, por que?

TONHO - Porque eu quero dormir.

PACO - Ainda é cedo.

TONHO - Mas eu quero dormir.

PACO - E eu tocar.

TONHO - Eu paguei pra dormir.

PACO - Mas não vai conseguir.

TONHO - Quem disse que não?

PACO - As pulgas. Esta estrebaria está cheia de pulgas.

TONHO - Disso eu sei. Mas eu quero que você não me pertube.

PACO - Então para de berrar e dorme.

TONHO - Está bem, mas não se meta a fazer barulho. (Tonho volta para sua cama. Paco começa a tocar).

TONHO - Pare com essa música estúpida. Não entendeu que eu quero dormir?

PACO - E daí? Você não manda.

TONHO - Quer encrenca? Vai ter. Se soprar mais uma vez essa droga, quebro essa porcaria.

PACO - Estou morrendo de medo.

TONHO - Se duvida toca êsse troço. (Paco sopra a gaita, Tonho pula sobre Paco e os dois lutam com violência. Tonho leva vantagem e tira a gaita)

PACO - Filho da puta.

TONHO - Avisei, não escitou se deu mal.

PACO - Deixa de onda e me da essa merda prá cá.

TONHO - Se tem coragem vem pegar.

PACO - Prá que fazer fôrça você vai dormir mesmo.

TONHO - Antes de dormir joga essa merda na privada e puxo a bomba

PACO Se você fizer isso eu apago.

TONHO - Experimenta

PACO - Então joga

TONHO - Jogo e daí

Paco -É melhor me dar essa merda.

Tonho-Não enche o saco.

Paco -Anda me da isso.

Tonho-Não vou dar. (PACO PULA SOBRE TONHO. ESSE MAIS UMA VEZ LEVA VANTAGEM, JOGA PACO LONGE COM UM EMPURRÃO) Está vendo palhaço, comigo só entra bem.

Paco -Quero minha gaita.

Tonho-Se você ficar bonzinho amanhã de manhã eu dou.

Paco -Eu quero a gaita, já.

Tonho-Não tem acôrdo. (PAUSA. TONHO DEIXA E PACO FICA ONDE ESTÁ OLHANDO)

Tonho-Vai ficar aí me invocando?

Paco -Já estou invocado a muito tempo.

Tonho-Pôxa, Paco, vê se me esquece.

Paco -Então me da a gaita.

Tonho-Você não toca?

Paco -Não vou tocar.

Tonho-Palavra?

Paco -Eu juro.

Tonho-Então toma. (JOGA A GAITA PARA PACO) Se tocar já sabe, pego e quebro.

Paco -Você arranhou meu sapato. Meu pisante é legal prá xuxu, você não acha?

Tonho-Onde é que você roubou?

Paco -Roubou o que?

Tonho-O sapato.

Paco -Não roubei.

Tonho-Não mente.

Paco -Não sou ladrão.

Tonho-Você não me engana.

Paco -Nunca roubei nada.

Tonho-Pensa que sou bôbo?

Paco -Você está enganado comigo.

Tonho-Deixa de onda e dá logo o serviço.

Paco -Que serviço?

Tonho-Está se fazendo de otário? Onde você roubou esse sapato?

Paco -Esse?

Tonho-É.

Paco -Mas eu não roubei.

Tonho-Conta logo onde roubou?

Paco -Eu não roubei.

Tonho-Ladrão, mentiroso.

Paco -Eu não roubei. Eu não roubei.

Tonho-Confessa logo, canalha.

Paco -Eu não roubei, eu não roubei. Eu nunca roubei nada, não sou ladrão, juro que nunca roubei nada.

Tonho-Para com isso.

Paco -Você sabe que eu não afanei nada.

Tonho-Sei lá?

Paco -O pisa é bacana mais não é roubado.

Tonho-Você achou?

Paco -Não achei.

Tonho -Onde conseguiu, então?

Paco -Trabalhando.

Tonho -Pensa que sou bôbo ou trexa?

Paco -Parece. (ri)

Tonho -Idiota, nós dois trabalhamos no mesmo serviço. Vivemos de biscates no mercado. Ei sou mais esperto que você e trabalho muito mais e nunca consegui mais do que o suficiente para comer mal e dormir nesta espelunca. Como então você conseguiu comprar êste sapato?

Paco -Eu não comprei,

Tonho -Então roubou

Paco -Ganhei

Tonho -De quem?

Paco -De um cara....

Tonho -Quem é êsse cara?

Paco -Você não manja.

Tonho -Nem você.

Paco -Não manjo mais êle me deu o sapato.

Tonho -Por que alguém havia de dar um sapato bonito dêsses a uma bêsta como você?

Paco -Você também acha meu pisante legal?

Tonho -Acho e dai?

Paco -Já morei.

Tonho -De que?

Paco -De toda tua bronca.

Tonho -Que bronca?

Paco -Você bota é ôlho grande no meu pisante.

Tonho -Você está louco .

Paco -Louco nada. Agora sei porque você sempre se invoca comigo.

Tonho -Você é bêsta.

Paco -Bêsta é você que tem um sapato velho e inveja o meu que é bacana pacas.

Tonho -Eu não.

PACO -Invejoso.

Tonho -Gala essa boca !

PACO -De ~~KYKKE~~ manhã eu saí com o meu sapato você fica aí forrando a sua troga com jornal velho, deve ficar cheio de bronca.

Tonho -Palhaço.

Paco -(RINDO) Por isso você fica azêdo. Deve ficar uma vara quando pisa num cigarro aceso. (REPRESENTA UMA PANTOMIMA) Lá vem o trochão todo cheio de banca, dai um cara joga uma ponta de cigarro, o trochão não vê e pisa em cima. O sapato do cara é furado, êle queima o pé e cai da pança. Ai, ai, ai (Paco Ri)

Tonho -Para com isso (CAI EM CIMA DE PACO E BRIGAM ATÉ QUE PACO FICA ESTENDIDO NO CHÃO) Paco, Paco? Desgraçado, será que morreu?

Paco -(LEVANTA) Ai, Ai, Ai.

Tonho -Ainda bem que não morreu.

Paco -Você me machucou.

Tonho -Quando d'pô é prá valet .

Paco -Você me paga

Tonho -Quer mais?

Paco -Você não perde por esperar

Tonho -Deixa isso prá lá não foi nada.

Paco -Não foi nada porque não foi na sua cara. Mais, isso não fica assim não.

Tonho -Não. Vai inchar prá xuxu.

Paco -Está muito alegre. Ri por ultimo quem ri melhor.

Tonho -Agora cala essa bôca. Fiquei cansado de bater em você. Quero dormir.

Paco -Se tem coragem de dormir, dorme .

Tonho -Que quer dizer com isso?

Paco -Nada. Dorme.

Tonho -Vai querer me pegar dormindo é?

Paco -Não falei nada.

Tonho -Não pense em me atacar. Não esqueça a surra que te dei.

Paco -Não esqueço facil.

Tonho -Acho bom. E fique sabendo que posso dar outra a hora que eu ~~XXXXXXXX~~ quiser.

Paco -Duvido muito.

Tonho -Fecha essa latrina de uma vez, paspalhão.

Paco -Falo quanto quiser.

TONHO -Você só sabe mesmo é resmungar.

PACO -Você sabe muita coisa.

TONHO -Mais que você eu sei.

PACO -Muito sabido. Porque em vez de carregar caixa no mercado, você não vai ser presidente da República.

TONHO -Quem pensa que sou? Um estúpido da sua laia. Eu estudei, estou aqui por pouco tempo. Logo eu arranjo um serviço legal.

PACO -Vai ser lizeiro?

TONHO -Não sua besta, vou ser funcionário publico ou outra coisa qualquer mas vou. Eu estudei.

PACO -Bela merda, estudar para carregar caixa no mercado.

TONHO -Só preciso ganhar uma grana para me ajeitar um pouco. Não posso me apresentar todo rôto, e com esses sapato.

PACO -Se tivesse estudado, nunca ia ficar jogado fora.

TONHO -Fiquei assim, porque vim do interior. Não conhecia ninguém nessa terra, foi difícil me virar. Porém logo me acerto tudo.

PACO -Vai ser difícil. Você é muito trouxa.

TONHO -Você é que pensa. Eu fiz até o ginásio, sei escrever à máquina e tudo. bastava eu ter um sapato assim como o seu. Sabe, as vezes eu penso que se o seu sapato fosse meu, eu já tinha me **livrado** dessa vida, e é verdade. Eu só dependo do sapato. Como eu posso chegar a algum lugar com um pisante dêsse. Todo mundo, a primeira coisa que faz é olhar para o pé da gente. Outro dia me apresentei para fazer teste num banco, precisava de funcionários. Tinha um monte de gente querendo o lugar, nós entramos numa sala para fazer o exame, o sujeito, que parecia o chefe, botou os olhos em mim, me mediu de baixo em cima, quando viu o meu sapato, deu uma risadinha, me invoquei. Fiquei nervoso pacas; Se não fosse isso, claro que era aprovado. Mas por causa daquêles jeito encabulei e errei tudo. E era coisa fácil que caiu no exame. Eu sabia responder aquêles problemas, só que por causa do meu sapatos eu me afobei e errei tudo. Me afobei e entrei bem.

- TONHO - Que diz Paco?
- PACO - Digo que quando você começa a falar enche o saco.
- TONHO - Com você a gente não pode falar sério.
- PACO - Você só sabe chorar.
- TONHO - Eu estava me abrindo como amigo.
- PACO - Quem tem amigo é puta de zona.
- TONHO - É ( pausa longa. Paco tira a gaita do bolso e fica brincando com ela).  
Quer tocar toque.
- PACO - Posso tocar ?
- TONHO = Faça o que der na telha.
- PACO - Não vou prtubar seu sono ?
- TONHO - Não, pode tocar.
- PACO - Tocarei em sua honrra. (Paco começa a tocar, tonho acende um cigarro e dá uma longa tragada)

FIM DA PRIMEIRA CENAPRIMEIRO QUADRO

- BICHA - Uai...! Escuta menina, ja limpeu os quartos? já botou água nos vasilhames? Sai, sai daqui. Vá juntar as toalhinhas, vá ver se tem alguém na portaria. Sai, sai mulher viada.

SEGUNDA CENA

(Paco está deitado, entra Tonho. Paco para de tocar)

- TONHO - Pode continuar tocando.
- PACO - Eu toco quando quero.
- TONHO - Pensei que tinha parado por minha causa.
- PACO - Paro só quando quero. Ninguém manda em mim.
- TONHO - Esqueceu de ontem?
- PACO - Não esqueço de nada.
- TONHO - Então devia saber que a hora que me encher o saco eu faço você parar na marra.
- PACO - Não pense que todo dia é dia santo. Ontem foi ontem.
- TONHO - E hoje é a mesma coisa.
- PACO - Se quiser eu toco e você não faz nada.
- TONHO - Você é muito valente, mas parou quando eu cheguei. Ficou com medo?
- PACO - Eu com medo de Homem? NO dia em que eu tiver medo de homem não uso calça de barguilha e não saio na rua.
- TONHO - Então porque parou quando eu cheguei?
- PACO - Parei porque eu ia te dar um aviso.
- TONHO - Dar um aviso pra mim?
- PACO - Não pra sua wó.
- TONHO - O que você quer me avisar?
- PACO - O que o negrão mandou te avisar?

- 7
- TONHO - Que negrão?
- PACO - Que negrão. Aquêle lá do mercado.
- TONHO - Como vou saber quem é? Lá tem tanto negro.
- PACO - Êsse você manja. É um que usa gorrinho de meia de mulher para alisar o cabelo.
- TONHO - O que êle quer comigo?
- PACO - Êle mandou te avisar que vai te da tanta porrada que é capaz de te arriar.
- TONHO - Mas que foi que eu fiz para êle?
- PACO - Sei lá. Só sei que êle disse que você é muito fresco, e que êle vai a cabar com essa frescura. Que você é um cara que não aguenta um peido e que êle vai te encinar a não atravessar na vida dos outros.
- TONHO - Quando êle te falou isso?
- PACO - Hoje no bar. me chamou e disse tudo. Disse que eu era um cara legal, mas que você é o fim da picada.
- TONHO - Acho que você fez alguma fofóca.
- PACO - Logo eu? Eu não sou disso.
- TONHO - Por que o negrão foi se envocar comigo se eu não fiz nada com êle?
- PACO - Se você não sabe eu que vou saber?
- TONHO - Alguém apontou pra mim.
- PACO - Azar o seu. O negrão é fogo numa briga.
- TONHO - Eu só queria saber por que êle ficou com bronca de mim.
- PACO - Sei que êle está uma vara com você. (pausa) Agora você não vai poder carregar caixa no mercado.
- TONHO - Por que não?
- PACO - Vai me enganar que você vai encarar o negrão? Êle come tua alma. Você não conhece êle. Briga pacas. Uma vez êle pegou um chofer que dava dois de você. Quase matou o desgraçado de tanta porrada que deu. (pausa) Você tem medo do negrão?
- TONHO - (Sem convicção) Eu não.
- PACO - Boa Tonho. Assim é que é. Homem macho não tem medo de homem. O negrão é grande mas não é dois. (pausa) Você vai encarar êle?
- TONHO - Você só pensa em brigas.
- PACO - Eu não. Mas se um cara começa a dizer pra todo mundo que eu sou fresco e os cambaus, eu ferro o miserável. Comigo é assim, pode ser quem for. Como é vai fazer como eu ou vai dar pra trás?
- TONHO - Você podia quebrar o meu galho com o negrão.
- PACO - Em briga dos outros eu não me meto.
- TONHO - Bastava saber o que fiz prá êle.
- PACO - Pôxa. Em que caminhão você trabalhou hoje?
- TONHO - No caminhão de peixe.
- PACO - Era o caminhão do negrão. Êle sempre trabalha lá.
- TONHO - Mas o negrão não estava no mercado.
- PACO - E da daí? Só porque êle não estava você foi pondo o bedelho?
- TONHO - O chofer é que quiz.
- PACO - Deixa querer, quando é assim.
- TONHO - êles não iam ficar esperando a vida tôda prá descarregar.

- PACO - Isso não é problema seu.
- TONHO - Se eu não pegasse, outro pegava.
- PACO - E pegava também a bronca do negrão. O que é que você vai fazer?
- TONHO - Vou falar com ele.
- PACO - Olha que ele te capa. Ele não é de dar arrego.
- TONHO - O que é que vou fazer então?
- PACO - Sei lá. O negrão zangado é espêto.
- TONHO - O único jeito é falar com ele.
- PACO - Não vai dar pé.
- TONHO - Então não tem remédio.
- PACO - Quando ~~x~~ você ver ele, antes de conversar dá uma porrada nêle.
- TONHO - Depois ele me mata.
- PACO - Mata ele primeiro. Você não e macho?
- TONHO - Não estou a fim de matar ninguém.
- PACO - Pôxa. Você é um cagão. O negrão não é bicho.
- TONHO - Disso sei eu.
- PACO - Quer que eu avise o Negrão que você vai topar ele?
- TONHO - Não precisa. Não precisa avisar nada.
- PACO - Limpa a sua barra. Não tenha medo.
- TONHO - A única saída é eu bater um papo com ele.
- PACO - Homem de merda que é você
- TONHO - Eu não posso brigar com o Negrão. Será que você não se manca?
- PACO - Ele anda dizendo que você é fresco. Deixa barato, vai deixando. Um dia aturma começa a passar a mão no seu rabo, daí você vai querer gritar. Mas aí é tarde, ninguém mais respeita.
- TONHO - O negrão é um cara sem eira nem beira. Não tem onde cair morto, para ele tanto faz como tanto fêz que não conta com o azar entenden?
- PACO - Você está com o rabo na mão
- TONHO - Não é medo é que posso evitar encrencas. Falo com o negrão e acerto os ponteiros. Se eu faço uma besteira qualquer minha mãe é quem sofre. Ela já chorou pazas no dia que eu sai de casa.
- PACO - Vai me enganar que você tem casa?
- TONHO - Claro. Como todo o mundo.
- PACO - Então que veio fazer aqui? Encher o saco dos outros. Pôxa ficava lá na sua casa.
- TONHO - Eu bem que queria ficar, mas minha cidade não tem emprêgo. Quem quer ser alguma coisa tem que sair de lá. Foi o que eu fiz. Quando acabei o Exército, vim prá cá. Papai não pode me ajudar.
- PACO - Quem tem pai é bicha.
- TONHO - Você não tem pai por acaso?
- PACO - Claro que eu tive pai. Não sou filho de chocadeira. Só que não sei quem é. Pai pode ser qualquer um. Mãe é que a gente sabe quem é.
- TONHO - Eu sei quem era meu pai.
- PACO - Quem é?
- TONHO - Quem você queria que ~~xxxx~~ fôsse. Meu pai é meu pai.
- PACO - Sei lá se é. Sua velha pode trepar com qualquer um.
- TONHO - Olha lá miserável. Minha mãe é uma santa, eu não admito que você fale mal dela.

PACO -Guarde seus gritos para o Negrão.

TONHO-Não vou enfrentar Negrão algum.

PACO -Então volta para o rabô de sua mãe.

TONHO-Vou voltar.Mas só quando eu me arrumar na vida.

PACO -Então nunca mais vai ver sua côroa.

TONHO-E porque não?

PACO -Não força a paciência.Você nunca mais vai ser ninguém .

TONHO-Eu só preciso de um sapato.Uma bôa apresentação zbre a porta.Se eu tivesse dado sorte de me ajeitar logo que chegueira essa hora estaria longe daqui. Mas dei azar e o sapato estragou.Eu não tenho coragem de ir procurar emprêgo com essa droga no pé.Tenho que desafogar aqui no mercado.Quando escrevi para casa,digo que tudo vai bem,para socegar o pessoal.Sei que êles não podem me ajudar.Vou me aguentando,um dia eu me firmo.

PACO -Vou te dar um alô.Volta para casa ,aqui você só vai entrar bem.

TONHO-Vontade de voltar não me falta.

PACO -Então vai logo e já vai tarde.

TONHO-Não,meu negocio é aqui.

● -Pôxa não escutou eu dizer que aqui não vai dar pé?

TONHO-Não sei porque eu não vou me dar bem?

PACO -Você é muito escamoso.Tem Medo de pedir emprêgo por caüsa do sapato,tem medo de encarar o Negrão.Dêsse geito só pode tubular.

TONHO-Você podia me ajudar.

PACO -~~XXXXXXXXXX~~ Ninguém me ajuda,porque que eu vou te ajudar?

TONHO-É só você me emprestar o seu sapato?Eu arranjo emprêgo depois se eu puder fazer alguma coisa por você eu faço.

PACO -Eu,te emprestar o meu sapato?Não tenho filho do teu tamanho.

TONHO-É só um dia.

PACO -Sai prá lá se vira de outro geito.

TONHO-Pôxa,Paco.Me quebra êsse galho.Amanhã mesmo ia procurar emprego.

● -Quem gosta de você é o Negrão.Êle vai ficar muito triste se você não baixar mais no mercado.

TONHO-Você até parece que quer ver a minha caveira.

PACO -Quero ver você se pegar com o Negrão.É isso que eu quero ver.Se o Negrãote pega,não vai adiantar chamar pela mamãe.Êle vai te arrebentar.

TONHO-Amanhã a gente vê como vai ficar.

PACO -Vou cagar de rir.

TONHO-Não vai acontecer nada.

PACO -Vai fugir?

TONHO-Eu não.

PACO -Pôxa ,o cara é machão.

TONHO-Não sou mais valente que ninguém.

PACO -Se pensa que vai engrupir o Negrão,está enganado.ONegrão é vivo.Êle vai te arrebentar.(PACO SAI DE CENA ,PORÉM ANTES MECHE COM A PROSTITUTA DO LADO)

MULHER-Escuta.Porque você não vai mecher com a sua mãe?

PACO -Fala,galinha velha!

MULHER-Galinha velha é a puta que o pariu.

BICHA -Da nêle.Da nêle.

PACO -Você é um trouxa.

TONHO -Você não tem nada a ver com a minha vida.

PACO -Afinou com uma bicha.Pôxa que papelão.

TONHO -O Negrão está legal comigo.Até tomamos uma s pingas juntos.

PACO -Muito bonito para sua cara.O sujeito te cafetina e você ainda paga bebida para êle.Você é um otário,deu a grana do peixe pro Negrão.Quem trabalha para homem é relógio ou bicha.Depois que você se arrancou êle tirou um bom sarra as suas custas.Todo mundo mijou de rir.

TONHO -O Negrão contou que eu dei dinheiro para êle?

PACO -Claro.Você é um troxa.E todo mundo sabe.

TONHO -Só dei a metade.Foi para evitar brigas.Eu estudei,não preciso me meter em encrencas.

PACO -E acha que livrou sua cara?

TONHO -Então.Agora está tudo certo.

PACO -Só que todo dia êle vai te dar uma prensa.

TONHO -Não sei porque?

PACO -Porque você é um trouxa.Êle disse que não pega mais no pesado.É só ver num caminhão,êle chega como quem não quer nada e diz que a carreta é dêle.Aí te achaça.Se você acha ruim,te sapeca o braço e leva toda a suz grana.Se você ficar bonzinho é tudo meio a meio.

XXXXX -O Negrão é um sujeito de sorte.Arranjou uma mina.O apelido dêle ficou sendo "Negrão Cafifa",bota as negas dele para se virarem,enquanto êle fica no bem bom enchendo a cara de cachaca.(PAUSA)Você está frito e mal pago.Otário só entra bem.

TONHO -O Negrão está enganado comigo.

PACO -Não sei porque?Êle é vivo,conhece o gado dêle.

TONHO -Se êle pensa que vou trabalhar para êle está muito enganado.

PACO -Você já trabalhou um dia.

TONHO -Eu só quiz evitar encrenca.

PACO -Se deu mal.Porisso eu te falei que você tinha de encarar...não escutou,é metido a malandro,caiu do cavalo.Homem não corre do pãu.

TONHO -Eu não quero nada disso.Eu estudei,Paco.Amanhã eu compro um sapato,arrumo um emprêgo de gente.e nunca mais quero saber de mercado.

PACO -Não vai ser mole.Não vai ser mole.Se antes de trabalhar não dava,agora então é que não da mesmo.

TONHO -O Negrão não pode fazer isso comigo.Não é direito.

PACO -Quem mandou você afinar?Agora é duresa fazer a moçada pensar que você é de alguma coisa.Seu apelido agora,no mercado é "boneca do Negrão".

TONHO -Boneca do Negrão é a mãe.

PACO -A mãe de quem?

TONHO -Sei lá.De quem falou.

PACO -Veja lá em boneca do Negrão,não folga comigo,não.Já tenho bronca sua porque inveja meu sapato.Se me enche o saco,te dou umas porradas,depois não adianta contar pro teu macho que eu não tenho medo de Negrão nenhum.

TONHO -Calá essa boca.

PACO -Está confiando na sorte,boneca do Negrão?

TONHO -Não quero mais conversa com você.

PACO -Agora a boneca só fala com o Negrão. Mina certinha é assim. O Negrão está bem servido.

TONHO -Poxa Paco, vê se me esquece, (PAUSA)

PACO -Volta prá casa do papai Boneca, lá ~~XXXXXXXXXX~~ o Negrão não pega você. Lá no mercado ~~XXXXXXXXXX~~ você está de barra suja. Se eu fosse você não ia mais lá. Amanhã vai ser fogo para você.

TONHO -Amanhã eu não vou ao mercado.

PACO -Vai procurar emprêgo com êsse sapato jogado fora?

TONHO -Não. Tenho um negocio pra vender. Vou andar por ai. Se passar pra frente pego um bom dinheiro.

PACO -O que é?

TONHO -Um troço que o chofer deu pra vender pra êle.

PACO -Mas que troço é?

TONHO -Não é da sua conta.

PACO -Mais você pode falar pôxa.

TONHO -Pra que falar? Você da azar.

PACO -Não sou você que seca o sapato dos outros.

TONHO -Eu não seco nada.

PACO -Vive invejando meu pisante.

TONHO -Não é nada disso, eu só queria o sapato emprestado por um ou dois dias. Isso não é secar.

PACO -Não? Não é? Você se invoca toda hora comigo porque? Inveja.

TONHO -Invoco porque você só sabe encher o saco.

PACO -Tentar te abrir o olho é encher o saco? Té bom. Daqui pra frente não te aviso mais.

TONHO -Você estica tudo. Um trocinho assim você deixa dêsse tamanho.

PACO -Esta bem, eu estico. Aparece ~~XXXXXX~~ amanhã no mercado pra você ver. Todo mundo vai chamar você de Boneca do Negrão.

TONHO -Deixa chamar.

PACO -Você vai gostar?

TONHO -Claro que não.

PACO -Então o que você vai fazer?

TONHO -Finjo que não é comigo.

PACO -Bela coisa não vai adiantar nada.

TONHO -Mas você não acha nada?

PACO -Acho que você devia brigar com o Negrão.

TONHO -Já disse que não posso.

PACO -Só porque êle é grande? Quanto mais alto maior o tombo.

TONHO -Não é isso, Paco, eu estudei. Uma briga com o Negrão não acaba nunca. Se eu acertar hoje, êle me pega de faca amanhã. Se escapo amanhã êle me pega depois. Só acaba com um morto.

PACO -Mata êle.

TONHO -Eu estudei, meu chapa. Não estou afim de apodrecer na cadeia por causa de um desgraçado qualquer.

PACO -Então volta pra casa de teu pai.

TONHO -Também não posso. Preciso acertar minha vida aqui. Naquela cidade não tem o que fazer. Os emprêgos já estão ocupados, ou então pagam menos que o mercado. Preciso acertar logo para ajudar a minha familia. Já fizeram um puta sacrifi-

- 12 -cio pra eu estudar. Não sei como fui ficar nessa fossa.
- TONHO -É. Você está perdido e mora longe.
- RACO -Pra você ver, minha situação não é mole. Porisso é que as vezes perco a esportiva com você.
- TONHO -Não venha com essa. Seu negócio comigo você falou outro dia. É a brenga do meu pisa que você acha legal pacas. Até começou dizer que eu tinha roubado.
- TONHO -Não é nada disso.
- PACO -É inveja. Porisso que você se invoca quando eu toco gaita.
- TONHO -Deixa de bobagens Paco.
- PACO -Bobagem? Inveja é um troço que atrapalha a vida dos outros.
- TONHO -Meu problema é outro. Eu fico pensando na minha casa, no meu pessoal.
- PACO -Corta essa onda. Essas suas história me dão um puta sono. Só sabe falar papai, mamãe. Depois não quer que a moçada te ache fresco.
- TONHO -É, acho que você tem razão. Eu acho que é isto mesmo. Eu implico com você por causa do sapato.
- PACO -Confesa que você tem inveja de mim. Eu já sabia desde outro dia.
- TONHO -Não é inveja de você que é um coitado. É por causa dos meus sapatos que são velhos. Eu tenho vergonha deles.
- PACO -O meu pisante é novo e bonito.
- TONHO - Um pouco grande para você.
- PACO - Boto um pouco de jornal e fica uma luva.
- TONHO - Para mim que sou mais alto que você, êle deve servir direitinho.
- PACO - Mas é meu.
- TONHO - Eu sei... eu sei... (PAUSA LONGA. PACO COMEÇA A TOCAR SUA GAITA. TONHO FUMA. DEPOIS PEGA SEU PALETÓ QUE ESTA EMBAIXO DO TRAVESSEIRO e um REVOLVER)
- TONHO - Sabe Paco, eu as vezes até achô que você é um bom chapa.
- PACO - Está afindo paspalho?
- TONHO - ( TONHO APONTA O REVOLVER PARA PACO) Estou pensando em arranjar um sapato igual ao seu.
- PACO - Peço para o Negrão. ( PACO VÊ O REVOLVER NA MÃO DE TONHO E PARA DE RIR) Que é isto? Não venha com idéia de gerico para cima de mim. Que é?... Vai roubar meu sapato?
- TONHO - Não precisa ficar com medo. Não vou roubar seu sapato. O berro está sem bala.
- PACO - Pra que isto então?
- TONHO - Foi um cara no mercado que me deu para passar nos cobres.
- PACO - Poxa, pensei que você ia afanar o meu sapato.
- TONHO - Não tinha pensado nisso. Até que é uma boa idéia.
- PACO - O revolver está sem bala, lembra? Você mesmo disse.
- TONHO - É, esta sem bala.
- PACO - É bom esquecer isto, que sem arma ninguem bota a mão no meu pisante.
- TONHO - Pode ficar sossegado, não vou tentar.
- PACO - ( PEGA UM ALICARE) Agora fique sabendo de uma coisa. Se vier com parte de besta vai levar ferro.
- TONHO - Você é muito valente.
- PACO - Não tem nenhum Negrão para tomar dinheiro de mim.
- TONHO - Corta esse papo.
- PACO - Então não se meta comigo.
- TONHO - Só queria saber onde você conseguiu essê sapato.
- PACO - Já falei, um cara me deu.
- TONHO - A troco de nada.

PACO -Ele me viu tocar, gostou e me deu.

TONHO -Pôxa, não mente.

PACO -Não estou mentindo.

TONHO -Você vai querer que eu engula essa conversa?

PACO -Se não quiser acreditar, se dane.

TONHO -Pôxa, você toca mal pacas.

PACO -Gaita eu toca mal. Mas na flauta eu sou cobra.

TONHO -Você toca flauta?

PACO -Eu tiro tudo que é chorinho (PAUSA)

TONHO -Quer fumar?

PACO -Vai me dar um ?

TONHO -Pega (Joga um cigarro para Paco)

PACO -Putá milagre. (OS DOIS FUMAM EM SILÊNCIO)

TONHO -Onde você aprendeu a tocar flauta?

PACO -No asilo. Lá eles ensinam a gente.

TONHO -Onde foi parar a sua flauta?

PACO -Você é tira?

TONHO -Deus me livre.

PACO -Você faz tanta pergunta.

TONHO -Só para ter conversa.

PACO -Tá bom. Passaram a mão nela.

TONHO -E o etário deixou? Onde estava o seu alicate?

PACO -Eu estava chapado pacas. Me apaguei na calçada mesmo. Quando acordei, cadê flauta? Algum desgraçado passou a mão nela. E eu me estrepei do primeiro ao quinto.

TONHO -Por que não compra outra?

PACO -Como? Ganhava a grana com a flauta, tocando ai pelos bares. Sem ela tabulei Me virando ai pelo mercace estou perdido e mal pago.

TONHO -É.

PACO -Mas quando eu aprender gaita, adeus mercace. Dou um pinote. Me large na vida de nôvo. Não quero outra coisa, só ai no bem bom. Pelos bares enchendo a caveira de cachaça, às custas dos trouxas. Você precisava ver. Se arruma cada jogada. Sentava nas mesas dod bacas e bebia, tocava, tocava e metia o ôlho nas côxas da mulherada. Era de lascar. Vida legal que eu levava.

TONHO -Se quiser treinar nessa gaita, treine.

PACO -O negócio é êsse. (PACO COMEÇA A TOCAR)

TONHO -Eu só preciso de um par de sapatos.

-Eu as vezes fico morto de vergonha quando eu olho para os pés das pessoas que passam. Tô das calçam um pisante legal, só eu é que uso essa porcaria nos pés, ~~XXXX~~ todo furada. Isso me deixa na fossa...Chego até em pensar em me matar. (PACO RI)

TONHO -Qual é a graça?

PACO -Você é cheio de piadas.

TONHO -Você é um bêsta.

PACO -Posso ser um Bêsta, mais tenho um puta sapato bacana.

TONHO -Toca essa merda ai. Enquanto toca não fala besteira. (PACO TOCA E BATE OS PÉS NO CHÃO) Pare com essa pata.

PACO -Você manda, chefe.

TONHO -Eu ando bronqueado, é por causa destes sapatos. Se eu tivesse os sapatos, tudo podia ser facil. Eu arranjava um bom emprêgo. (PAUSA) Sabe, Paco, eu estive pensando de que você podia me emprestar seu sapato.

PACO -Ficou goiaba?

TONHO -Só até eu arranjar um emprêgo.

PACO -Olha prá minha cara. Vê se eu tenho cara de ~~XXXX~~ trouxa?

TONHO -É só para me ajudar. Depois que estiver trabalhando eu te ajudo a comprar a flauta.

PACO -Olha prá você.

TONHO -Pôxa, você não entende nada.

PACO -Te manje vagabundo. Te empreste meu pisante, ~~XXX~~ você se manda e eu fico ai na hora veja.

TONHO -Não é nada disse. Eu só pensei...

PACO -Pensando morreu um burro.

TONHO -Que devia ser seu pai.

PACO -Que dormiu com a sua mãe.

TONHO -Chega, pompas.

PACO -Chega uma eva.

TONHO -É melhor calar a boca.

PACO -Cala a sua primeira.

TONHO -Está bem. (FICAM QUIETOS )

PACO -Só preciso de um sapato. Eu estudei, pôxa. Podia até ser alguém na vida. Sou inteligente, podia ter uma chance. Não precisava viver nessa bêsta, como um vagabundo qualquer. Tenho que aturar desafôgo.

PACO -Você fala demais.

TONHO - Só preciso de um sapato.

PACO - E eu de uma flauta.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, p.131

TONHO - Estou pensando...

PACO - Você pensa muito, vai acabar queimando a mufa.

PAUSA LONGA

TONHO - Já dormiu, Paco?

PACO - Não.

TONHO - Tá pensando em que?

PACO - Se eu tivesse a minha flauta, me mandava agora agora mesmo. Não ia te aturar mais. Você é chato pacas.

TONHO - Você pensa que eu te adoro? Se tivesse sapato já tinha me mandado (PACO COMEÇA A TOCAR) Pôxa, você precisa mesmo da flauta. Na gaita você é uma desgraça.

PACO - Sem sapato você não vai longe. Não vai fugir do Negraõ. Só vai entrar bem.

TONHO - É, não sei o que fazer.

PACO - Você está bem estrepado. Não tem sapato, não pode mais dar as caras no mercado. Não quer voltar para casa de papai.

TONHO - Não quero voltar não. Não posso aparecer desse jeito lá em casa.

PACO - Eu sei uma saída para você.

TONHO - Qual é ?

PACO - Você não vai topiar.

TONHO - Fala.

PACO - Compre uma bala e apague o Negraõ.

TONHO - Você é louco. Não sou assassino. Eu estudei

PACO - Eu sei. Tem família e prefere ser boneca de Negraõ.

TONHO - Prefiro nada.

PACO - Então mete o carço na testa do bruto (PAUSA)

TONHO - O crime não resolve.

PACO - Pelo menos o Negraõ não te ferrava a paciência nunca mais.

TONHO - Eu não quero matar ninguém. Só quero me livrar dessa joça de vida.

PACO - Dá um tiro na orelha.

TONHO - Você só diz besteira.

PACO - As saídas que eu encontro, você nunca quer.

TONHO - Tem de haver um jeito direito de me aplumar na vida. (PAUSA)

PACO - Oi

TONHO - Que é .

PACO - Sabe o que você podia fazer para se acertar ?

- 15
- TONHO - Fala .
- PACO - Você tem um ferro e os outros tem o sapato.
- TONHO - E daí ?
- PACO - A razão pode estar do seu lado.
- TONHO - Não entendo. Fale claro.
- PACO - Você é um trouxa. Não manja nada. Vai morrer sendo a boneca do Negrão. Tem a faca e o queijo na mão e não sabe cortar. Poxa, já vi muito cara louco, mas você é o rei. Quero que você se dane. ( PACO VIRA PARA DORMIR. TONHO FICA PENSATIVO. ACENDE UM CIGARRRO E FUMA. )

## QUATRO DO CABELEREIRO

## CENA 4

TONHO ESTÁ DEITADO ENTRA PACO

- PACO - Pôxa, você fez bem em não baixar no mercado. Todo mundo procurou a Boneca do Negrão (RINDO) O Negrão ficou uma vara, não pegou no batente, contando com o achaque que ia dar em você. Não arrumou grana nem para uma pinga. A moçada geizou a cara dele, as pampas. Todo mundo tirou sarro. Falavam. "PÔXA, NEGRÃO, CADÊ A BONECA? A FONTE SECOU? A MINA TE PASSOU PRÁ TRÁZ?" O Negrão não dizia nada, mas se via que ele estava uma vara.

## PAUSA

- PACO - Como é, vendeu o revolver?
- TONHO - Não eu não sai daqui o dia todo.
- PACO - Nem para comer?
- TONHO - Não tenho fome.
- PACO - Assim vai tubular.
- TONHO - Que se dane.
- PACO - Pôxa, mas você não ia sair daqui para vender a arma?
- TONHO - Desisti.
- PACO - Com está pinta aqui, com esse sapato de merda, sair oferecendo a revolver por aí, além de ninguém querer comprar ainda acabava indo preso.
- PACO - Per que?
- TONHO - Eram capaz de pensar que eu era um ladrão que arrumou essa droga em algum assalto. Eles sempre pensam o pior de um cara mal vestido.
- PACO - Tem isse.
- TONHO - Prá você ver.
- PACO - Quem tem que ver é você que está perdido e mal pago. (PAUSA) De jeito que vai a coisa, a única saída sua será voltar para a casa do papai.
- TONHO - Pensei hhhhh bastante nisse hoje. Só não me mandei porque não tenho dinheiro nem para a passagem.
- PACO - E não vai ser mole arrumar. O que você arrumar no mercado o Negrão vai tomar. Ainda agora que a moçada só te chama de boneca do Negrão, ele está cheio de razão.
- TONHO - Não apereço mais naquela droga de mercado. Se for lá sou capaz até de fazer uma bêteira.

PACO - Deves ir e fazer. Homem macho por muito menos desgraça um. E tem que se ser assim. Ou segura as pontas firmas, ou então a canalhada monta. Se eu fôsse você, iria lá hoje mesmo e botava pra jambrar. Começava no Negrão. Chegava nele e dizia: "Quero bater um papo com você, ninguém pode escutar". Enrolava, enrolava e quando êle estivesse entrando na minha, eu mandava êle pro inferno. Se alguém ciscasse, dava uma igual. (pausa). Também tem um negócio. Eu entrava de sola, mas também não sou boneca de nenhum Negrão... Agora, você não sei. Os caras lá me perguntaram o que eu achava de você. Eu disse que não sabia, que comigo você nunca desmunhecou. Também disse que você se entustia comigo porque sabia que só vou de mulher.

TONHO - Você disse isso? Você é negente.

PACO - Negente é você, Boneca do Negrão.

TONHO - Como você pode dizer uma coisa dessa de mim?

PACO - Eu digo mesmo. Não penho a mão no fogo por ninguém.

TONHO - Vida desgraçada. Tem que ser sempre assim. Cada um por si e que se dane o resto. Ninguém ajuda ninguém. Se um sujeito está na merda, ~~ninguém ajuda ninguém. Se um sujeito está na merda, ninguém ajuda ninguém. Se um sujeito está na merda, ninguém ajuda ninguém.~~ não encontra um camarada para lhe dar uma colher de chá. E ainda aparece uns miseráveis para pisar na cabeça da gente.. Depois, quando um cara desses se torna um sujeito estrepado, todo mundo acha ruim. Desgraça de vida.

PACO - Poxa, mas é assim mesmo. O que é que você queria? Que alguém fosse se virar pra você? Se fizer isto está louco. Vai acabar batendo a cuca na poste. Poxa, você acha que eu é que vou andar dizendo que você não é bicha? Quere que você se dane. Se não é boneca do Negrão, vai lá e limpa sua barra.

TONHO - É assim mesmo. ( pausa ) Poxa, uma vez na vida você podia fazer uma coisa decente. Podia ajudar um cara que esta estrepado mesmo,

PACO - Não dou arrego. Mesmo que possa, não dou bandeja pra sacana nenhum. Nunca ninguém mindeu nada.

TONHO - Esse cara que te deu o sapato não te ajudou?

PACO - Ajudou nada. Ele ~~me deu~~ me deu e pisa porque queria que eu me danasse soprando flauta. Se não fesse isto, estava descalse até hoje. Você acha que alguém da alguma coisa pra alguém? Só você que foi da a grana para o Negrão. (pausa)

TONHO - Você deve ter levado uma vida desgraçada pra não acreditar e ninguém.

PACO - Poxa, que onda é esta? Vida desgraçada é a sua. A minha sempre foi legal. Nunca nunguem folgeu com a minha cara. Vida azarada é a sua. Não te pisante, não tem coragem de bater no peito com o negrão. É bicha e tudo. Agora não enche o saco com a minha vida. Ela até que esta bem legal. E ainda pode melhorar. É só eu aprender a tocar gaita.

TONHO - (PAUSA) Hoje pensei muita coisa.

PACO - E daí?

TONHO - Eu sei que você pode conseguir uma flauta.

PACO - Por que você não pensa pra você?

- TONHO - Pensei. E como não posso conseguir o sapato, e você pode conseguir a sua flauta.
- PACO - Como?
- TONHO - Com dinheiro.
- PACO - Poxa, você é Bidu pacas, boneca.
- TONHO - Acontece que eu sei onde tem dinheiro.
- PACO - Eu também sei, no Banco do Brasil.
- TONHO - Dinheiri fácil de pegar.
- PACO - Então conta pra o Negrão. (PAUSA).
- TONHO - Estou falando sério, paspalhão. (PAUSA).
- PACO - Se abre de uma vez. Onde esta a grana?
- TONHO - No parque.
- PACO - Ele nasce nas árvores, né, boneca?
- TONHO - Não imbecil. Nes belses dos trouxas.
- PACO - É só pedir pra eles, que eles dão pra gente.
- TONHO - É só pedir e apontar isto. (TONHO MOSTRA UM REVOLVER. OS DOIS FICAM EM SILENCIO)
- PACO - Um assalto?
- TONHO - É. Um assalto. (OS DOIS SE OLHAM FIXOS NOS OLHOS)
- PACO - Pode ser uma saída.
- TONHO - É a sua também.
- PACO - Não esteu no mate.
- TONHO - Mas precisa de flauta.
- PACO - É... isto é. (PAUSA)
- TONHO - Como é?
- PACO - Como é o que?
- TONHO - Você topa?
- PACO - Topo. (PAUSA) Você está me gozando, poxa?
- TONHO - Não, falei sério.
- PACO - Pode ser boa pedida.
- TONHO - E minha saída.
- PACO - Devia ter pensado nisso antes.
- TONHO - Não gosto disso. Só vou estra nisso porque não vejo outro geito de me a arrumar. Se não fôsse isto aquele maldito Negrão, eu acabava me ajeitando à custa de trabalho. Também, se der certo, não me meto em outra, pode crer.
- PACO - Chegar de ficar aí chorando como uma múmia. Vamos apanhar logo o trouxa.
- TONHO - Devagar com o andar.
- PACO - Devagar nada, vamos firme, que não tem mosquito.
- TONHO - É preciso bolar o plano.
- PACO - Mas, poxa, pra que perder tempo com frescura? Do jeito que vier a gente estraçalha e fim.
- TONHO - Espera aí, Paco. Não se afobe
- PACO - Poxa, mas você é cheio de frescura.
- TONHO - Frescura não. Só que não vou entra aêlho.
- PACO - Vá, então, desembucha logo sua belação de uma vez.
- TONHO - Nós vamos assaltar um casal de namorados.

PACO - Até ai esta legal.

TONHO- É o que tem de mais fácil. A gente fica em um lugar escuro, os namorados vão ali para bolinar, agente ataca.

PACO - Poxa, como você é biduzão. Juro que nunca ia pensar que um troço tão legal desse ia sair da sua cachola. Juro por Deus. Poxa, esse negócio que você bolou é barbaro.

TONHO- Entedeu a jogada?

PACO - Estou inteirinho por dentro, A gente limpa o sujeito, espanta êle, e passa a mulher na cara.

TONHO- Ei, nada disso.

PACO - Não morei nessa.

TONHO- Nada de fazer maldade com a moça.

PACO - Essa que é a sua?

TONHO- Natural. Só estou a fim de arrumar dinheiro.

PACO - E dai? SE podemos tirar um sarro, não vamos dispensar.

TONHO- Assim micha o assalto.

PACO - Boneca é ima desgraça.

TONHO- Boneca, não. Vê lá como fala. Já me encheu o saco com essa História.

PACO - Deixa de onda. Boneca mesmo. Agora tive a prova. Não quer mulher. É o fim da picada.

TONHO- Não sou tarado.

PACO - É bicha.

TONHO- Eu nunca vou agarrar mulher a força.

PACO - Não vai agarrar de geito nenhum. É bicha.

TONHO- Certa esse pape.

PACO - Vai mijar pra tras?

TONHO- Não faço acordo com tarado.

PACO - ~~Não\*faço~~ Nem eu com boneca do Negrão.

TONHO- Então cala a boca e fim.

PACO - Eu calo quanto quero. Não vai ser uma bichona que vai mandar em mim.

TONHO- Então fala sózinho.

PACO - Se me der na telha falo mesmo. (PAUSA) Como é?

TONHO- Nada feito.

PACO - Poxa, mas é sua saída.

TONHO- Mas já vi que não vai dar certo.

PACO - Não seja afinado.

TONHO- Não adianta, ja percebi

PACO -Persebeu? o que?

TONHO-que com você nada vai dar certo, não da pé.

PACO -Comigo? Não sei por que?

TONHO-Você é tarado.

PACO - Você que é bicha.

TONHO- Eu só quero o sapato. Não vou desgraçar ninguém.

PACO - Não quer mulher?

TONHO- Na marra não.

PACO = E você apanha de outro jeito?

TONHO- Claro. Sempre apanhei. Lá na minha cidade eu tinha uma namorada que era um estouro.

- PACO - Lá na tua cidade todo mundo é bicha como você. Aqui nunca te vi com mulher.
- TONHO- Natural. Quem é que vai namorar com um sujeito assim? Com um sapato que é uma droga.
- PACO - Isto é uma desculpa, mas em mim não gruda. eu te manje.
- TONHO- Você fala muito, mas eu também nunca te vi com mulher.
- PACO - Mas...eu...(ENCABULA, DEPOIS FICHA BRAVO) Eu pego sempre mulher. Quando tocava flauta, eu sempre me dava bem. Perguntam pra qualquer um.
- TONHO- Mentira sua. Você é até cabaço.
- PACO - Eu tenho mulher. Estou te dizendo. Tenho a Hora que quiser. Tá bem?
- TONHO- Tem nada.
- PACO = Não sou boneca do Negrão.
- TONHO- Não muda de assunto.
- PACO - Eu quero seber do assalto. Isto è que quero saber.
- TONHO- Não vai ter assalto nenhum paspalhão.
- PACO - Então quem se dana é você.
- TONHO- Problema meu. Agora, que você nunca teve mulher eu sei bem.
- PACO -Juro que tive.
- TONHO- Teve coisa nenhuma.
- PACO - Filho da puta.
- TONHO- O passeioal do mercado precisa saber dessa História.
- PACO - Vai ter coragen de aparecer lá? Vai, boneca do Negrão?
- TONHO -Vou lhe avisar uma coisa. Não me chama mais per apelido. se chamar vai ter.
- PACO - Então não faz onda comigo.
- TONHO- Se você me encher o saco eu encho você. (PAUSA)
- PACO - Esqueceu o assalto?
- TONHO- Vai assaltar sázinhe tarado.
- PACO - Você não vai querer um pisa?
- TONHO- Pode deixar que eu cuido de mim.
- PACO - Então, cuida. Mas no mercado você não pode aparecer.(RI)

LUZ FECHA DEVAGAR.

FINDA QUARTA CENA.

(QUINTA CENA) PACO ESTÁ DEITADO TOCANDO GAITA, ENTRA TONHO

PACO - Poxa, onde você se meteu?

TONHO - Não tenho que lhe dar satisfação.

PACO - Você não apareceu no mercado, eu vim aqui, não te achei, eu precisava falar com você.

TONHO - O que você quer?

PACO - A gente precisa bater um papo sobre o assalto.

TONHO - Nada feito.

PACO - Poxa, a gente pode acertar o pé.

TONHO - Ou se estrepar de uma vez.

PACO - Mais embananado do que vocês está, não pode ficar.

TONHO - Quando se está de azar, tudo dá errado.

PACO - Mas que nada? Tudo é ai direito.

TONHO - Não conte comigo.

PACO - Poxa, mas você está cheio de minhoca na cabeça. Vai ser moleza.

TONHO - Então vai sozinho.

PACO - Mas você está em perigo. O Negrão não te esquece. Hoje ele queria vir aqui te apertar. Eu é que tirei ele da jogada. Disse pra ele que você era um cara legal. Falei do assalto e tudo. Ele achou boa pedida. Vai até fazer um negócio.

TONHO - Então vai com ele.

PACO - Ele me sacaneou. Vai levar o Carecinho no meu lugar. Poxa, aquele Negrão é cheio de chaveco, me passou pra trás direto.

TONHO - Poxa, ele não é teu amigo?

PACO - Amigo o cacête. Eu não sou amigo de homem.

TONHO - Tomara que a polícia pegue ele.

PACO - Pega nada. O Negrão dá uma sorte bárbara. Sempre tem um cara dando moleza pra ele. Arrumeou você pra cafetizar... e hoje o filho da puta me levou no bico. Dei toda a ficha do assalto pro desgraçado e ele não me deixou ir junto. Vai levar aquela besta do Carecinho no meu lugar, um miserável que não é de coisa nenhuma.

TONHO - Bem feito pra você aprender. Mas por que não deixaram você ir junto?

PACO - Nisso ele está certo.

TONHO - Está certo o que?

PACO - Ele é um besta. Aquêlê Carecinho vai entrar bem comigo. Num tinha nada que betar o nariz nessa jogada.

TONHO - Você é metido a malandro, mas todo mundo te leva.

PACO - Deixa isto pra lá, vamos fazer o assalto. Um troço legal pra gente fazer está aí.

TONHO - Vai sozinho.

PACO - Sózinho não dá pé. Se o cara resolve encarar, é um contra um e engrossa tudo. Vamos nós dois. A gente fica mais perigoso que o Negrão e a besta do Carecinho. Daí o Negrão tem que te respeitar.

TONHO - Eu não quero mais ouvir falar neste Negrão.

PACO - Mas como você vai se livrar dele? Só pegando o nome de cara estrepado.

TONHO - É... Sei lá... Este Negrão é minha desgraça.

PACO - Você podia apagar ele. Se você quiser, eu tomo conta do Carecinho.

- TONHO - Não, seu negócio não pode ser este.
- PACO - Vai querer voltar pra casa do papai como uma bichona?
- TONHO - Que merda! (TONHO ANDA NERVOSO DE UM LADO PARA OUTRO)
- PACO - A sua saída tem que ser o assalto. Você pode conseguir o pisante que quiser. Pode até fazer o cara ficar nu e pegar a reupa dele para você. É a sua chance, poxa.
- TONHO - Olha, Paco, meu terno, se eu mandar para o tintureiro ainda quebra o galho. Só preciso mesmo é de um sapato. Você podia me emprestar o seu.
- PACO - Neca, pode tirar isto da chchêla.
- TONHO - Só por umas horas.
- PACO - Não, sua saída é o assalto. Você limpa sua cara, ninguém vai te chamar de boneca do Negrão, nem nada. (PAUSA DONGA) Como é? Vamos fazer este negócio ou não? (PAUSA) Poxa, quem boleu o negócio foi você mesmo. (PAUSA) Não precisa de pisante?
- TONHO - E você de flauta.
- PACO - Então vamos por a cara.
- TONHO - Podia ir, mas se tivesse a certeza de que você não ia bancar o tarado.
- PACO - Logo eu? Mas que isto? (PAUSA) Você esta com bronca de mim atôa. (PAUSA) A gente deixa a mulher pra lá. (PAUSA) Juro que não faço nada pra mulher.
- TONHO - Você jura?
- PACO - Juro por Deus.
- TONHO - Jura que só faz o que eu mandar?
- PACO - Pela alma de minha mãe; (PAUSA) Quero que ela se dane de verde e amarelo no inferno se eu sacanear. (PAUSA) Deixa de frescura e vamos logo.
- TONHO - Ainda não sei se vou.
- PACO - Então resolve logo.
- TONHO - Pode dar azar.
- PACO - Vamos firme. O Negrão já deve esta lá.
- TONHO - Não tenho nada a ver com eles. Quero eles se danem.
- PACO - Eu também. E o Carecinhe que se danem pra deixar de ser abelhudo. (PAUSA)
- TONHO - Está bem. Vamos meter a cara e seja o que Deus quiser.
- PACO - Bôa, Tonho. Vamos nós.
- TONHO - Mas tem um perem...
- PACO - Se abre.
- TONHO - Eu que mando mesmo.
- PACO - Já falei que topo, poxa.
- TONHO - E se você se fizer de besta, te apronte um chaveco.
- PACO - Está bem seu.
- TONHO - Assaltamos os namorados e é só. Eu aponto o revolver e eles se apavoram, limpamos o cara e damos no pé.
- PACO - Mas o revolver esta sem bala. Você mesmo que disse.
- TONHO - Quem vai saber? Só se agente contar.
- PACO - E se o cara puser e não puser o galho dentro? Pode ser um cara de briga e cair no pau. E a mulher pode gritar pagas.
- TONHO - Não grita não. Vai por mim.
- PACO - Se espernearem, dou uma paulada na cabeça do desgraçado.
- TONHO - Ndad disse.
- PACO - Se complicar, dou.
- TONHO - Só faz o que eu mandar.

- PACO - Mas, pôxa, se a mulher betar a boca no trembone? Quer que todo mundo pegue a gente com a boca na betija? Dou uma cuca no cara e fim. Calan e bico na hora.
- TONHO - Não precisa mais disse.
- PACO - Se se assanharem, precisa.
- TONHO - Está bem. Se eu mandar você dá.
- PACO - Se gritarem leva pau.
- TONHO - Só se gritarem, então.
- PACO - Pôxa, claro que é. Se ficarem benzinhos, não precisa perrada.
- TONHO - Vela lá o que vai aprentar.
- PACO - Deixa de frescura e vamos lá. Pôxa vai ficar parado aí
- TONHO - Acho que não há remédio. Vamos nós.
- PACO - Positivo. Vamos prás cabeças. (PARA) Mas que é agora?
- TONHO - Eu é que mando. Entendeu? Você só faz o que eu mandar, entendeu bem? Eu é que mando.
- PACO - Claro, chefe. Você é que manda. Mas vamos logo, chefe.

FIM DO 1º Ato

2º ATO

(PANO ABRE, VAÕ ENTRANDO TONHO E PACO. O PRIMEIRO TRAZ UM PAR DE SAPATOS NAS MAÕS E NOS BOLSOS AS BUGINAGANGAS ROUBADAS. ESTÁ BASTANTE NERVOSO. PACO TRAZ UM PORRETE NAS MAÕS E VEM ALEGRE)

- PACO - Belo serviço.
- TONHO - Você é um miserável.
- PACO - Não começa a encher o saco.
- TONHO - Não precisava bater no cara.
- PACO - Bati e pronto.
- TONHO - Agora a polícia vai pegar no teu pé.
- PACO - Os tiras não sabe quem foi.
- TONHO - O sujeito que levou a porrada sabe.
- PACO - Ele esta estragado.
- TONHO - Vai sarar, dai te entrega.
- PACO - Que nada, aquele sacana acabou de vez
- TONHO - Deus queira que não.
- PACO - Poxa meu. Naquele nem Deus da jeito. Mandei o desgraçado pra picas.
- TONHO - E a mulher ? Esqueceu da mulher.
- PACO - Que tem ela.
- TONHO - Ela também viu o seu fucinho.
- PACO - E dai ? Eu também vi o dela.
- TONHO - Ela se entrega para os tiras.
- PACO - Quero que ela se dane, ela não sabe onde eu more.
- TONHO - Ela descreve o teu tipo e a polícia te acha.
- PACO - POXA, tira não é bidu. Não acham nada.
- TONHO - Não né ? Quero ver quando eles te pegarem:
- PACO - Não me aporrinhe, seu. A mulher tinha uma cara de foinha. Deve ser uma burrona. De corpo ainda quebra o galho, mas de ~~ua~~ cara era um bofe. Não vai descrever ninguém.
- TONHO - O único sabido é você.

PACO - Eu sou mesmo.

TONHO - Espera pra ver. Cai em cana direto.

PACO - Se eu for em cana, quem se estrepa é você.

TONHO-- Quem derrubeu o cara é que se dana.

PACO -Ele desabou como um balão apagado.Foi legal prá XXX xuzu.

TONHO -Pedia ser tudo facil.Você não precisava bancar o valente

PACO -Bancar valente o cacête.Dei prá valer.Sou mau pacas.Pra mim não tem bom. Você viu no parque.O cara se fêz de besta,tomou o dêle.

TONHO -O sujeite não fê nada.Apanhamos o que queriamos.Era só vir embora.Não precisava bater.

PACO -Bati,e daí?Vai se deer por êle?

TONHO -Eu não.Mais a policia vai.

PACO -Você terra o sacco com essa história de policia.

TONHO -Natural.

PACO -Natural o que.Você está cagando de medo.

TONHO -Claro,não quero ser preso.

PACO -Caddia foi feita prá homem .

TONHO -Não prá mim.

PACO -Você é melhor que os outros?

TONHO -Eu estudei.

PACO -Bela merda.Pra levar a vida que ~~XXXXXX~~ você leva tanto faz estar em cana ou sôlto.(PAUSA)E tem outro negócio.Se um cara fresco como você entra em cana,está perdêdo e mal pago.A turma se serve às suas custas.Logo vira boneca.Disse acho que até você vai gostar.É bicha mesmo.

TONHO -Tomara que a policia te pegue logo.

PACO -Se me pegarem azar o seu.

TONHO -Me negócio é leva.Uns três meses.Agora você fica apodrecendo lá.

PACO -Não sei porque eu vou ficar mais tempo que você?

TONHO =Eu sei.Você usou a violência.É perigoso.Fica guardado.

PACO -Você é o chefe.

TONHO -Que chefe?Quem tem chefe é indio.

PACO -No assalto ao parque você era o chefe.

TONHO -Eu não era chefe de coisa nenhuma.

PACO -Claro que era.Pôxa,você ficou ai berrando um cacetão de tempo; Eu que mando N~Na minha terra quem manda é o chefe.

TONHO -Canalha.

PACO -É a mãe.

TONHO -Nogento.

PACO -Nogento é voc ê.Quer tirar o ó da seringa.(PAUSA)

TONHO -Deus queira que você não tenha machucado muito o sujeito.

PACO -Não fica secando.Aquêle morreu e fim.

TONHO =Você quer que o cara morra?

PACO -Claro,pôxa.A paulada que dei nos cornos do bruto era pra matar.

TONHO -Você é um animal.

PACO -Vá a merda.

TONHO -Eu vou dar o fora,Eu estudei.Agora que tenho sapato,posso me arrumar.Posso não.Vou me arranjar.Arrumo um emprêgo de gente e ageite a vida.

PACO -E eu?

TONHO -Quero que se dane.

PACO -Você se ageita e eu fico jogado fora?

TONHO -Problema seu.

PACO -Pôxa, você não vai se arrumar as minhas custas.

TONHO -Deixa de onda. Eu nunca mais vou escutar você falar. Não te aturo mais.

PACO -Mais vai ter que engulir. Vai escutar muito falatório de mim.

TONHO -Essa não.

PACO -Não? Você vai ver. Você não me conhece. Eu sou Paco, cara estrepado, ruim como a peste. Agora vou ser mais eu, Se o cara do parque entrou bem, melhor. Minhas fuças vão sair em tudo que é jornal. Todos vão se apavorar só de lembrar que Paco, o perigoso, anda solto por ai.

TONHO -Você é maluco.

PACO -Boa. Paco maluco, o perigoso. Assim que eu quero que os jornais escrevam de mim. Vai ser fôgo. Os namorados no parque não vão ter secego. E os tiras nunca me apanham. Pode espalhar por ai que Paco maluco, o perigoso, disse que não nasceu policia pra pegar êle. Daqui pra frente vai ser broca. Vamos pegar dois ou três namorados por dia. Agora que seu chefe, não vai ter moleza. Como chefe você era uma droga. Cheio de bafe. Cheio de grito, mas não era de nada. Mas tem um porém. Só pra você não pensar que eu sou sacanageiro, vou te botar de segundo chefe. Você vai ajudar eu a manejar a moçada.

TONHO -Que moçada, paspalhão?

PACO -Dobra a língua, filho de uma vaca. Paspalhão é a tua mãe. Com Paco maluco o parigoso, você tem que ter muito cuidado ou cai do burro. Vou te dar uma colher de chá, mas abra seu olho, se folgar leva ferro. Você vai ser o segundo chefe para ~~XXXX~~ ajudar a tomar conta da moçada que eu vou botar no nosso serviço. Paco maluco, o perigoso vai ser chefe de muita gente.

TONHO -Acabou?

PACO -Não, tem mais. Daqui pra frente não vamos assaltar só por dinheiro, não. Quero a mulher, também. Vai ser legal. Eu vou ter uma faca, um revolver e o meu alicate. Limpo o cara, mando êle ficar nú na frente da mulher: dai eu digo prá êle: que prefere miseravel? Um tiro, uma facada ou um beliscão. O cara tremendo de medo escolhe o beliscão, como uma bicha. Dai eu peço o alicate e aperto o sacco do bruto até êle arrear. Paco maluco, o perigoso, fala macio pra mulher: Agora nós, belezinha. Começo a bolinar a piranha, beijo ela as pampas, deixo ela tarada. Dai derrubo ela ali mesmo, no parque. Legal.

TONHO -Agora acabou?

PACO -Quer mais?

TONHO -Escute bem, então, Paco maluco de merda. Você é negento. E não pensa que ~~XXXX~~ eu sou o sujeito do parque. Se você se fizer de besta comigo eu te acerto. E pra seu governo, não estou disposto a te aturar. E antes que eu esqueça: nunca mais entro em outra fria dessa.

PACO -Vai mijar prá trás? Já sabia. Bicha é assim mesmo.

TONHO -Já te avisei.

PACO -Que é? Vai engrossar por quê? É bicha mesmo.

TONHO -É melhor deixar de frescura comigo.

PACO -Quem tem frescura é você, bichona.

TONHO -Canalha.

PACO -(PAGA UM PORRETE) Vem. Vem. Viado. (TONHO PARA) Como é? Afinou?

~~TONHO~~ -Vamos dividir a moamba. Quero ir embara.

- PACO -Vai cair fora?
- TONHO -Já vou tarde.Já cansei de te aturar.(PÕE AS BUGINGANGAS NA CARA DE PACO)  
Está tudo aí.Vamos repartir de uma vez.
- PACO -Vira o bolso.
- TONHO -Está tudo aí,estou te dizendo.
- PACO -Vira o bolso e não estica o papo.Não adianta querer me engrupir.Tenho noventa anos de janela.
- TONHO -(VIRANDO O BOLSO)Está contente?
- PACO -Não venha com truque.
- TONHO -Vai ser tudo meio a meio.
- PACO -Assim é que é.
- TONHO -Metade da grana prá cada um.A carteira prá mim é relógio prá você.O anel prá mim e a pulseira prá você.Os brincos prá você e a caneta prá mim.(PACO PARA)  
Que é?
- PACO -A canete vale mais.
- TONHO -E daí?O relógio que ficou prá você vale mais que a carteira.
- PACO -É igual.
- TONHO -Não e não.O relógio vale mais.
- PACO -A caneta é minha e o brinco é seu.
- TONHO -O que é que você vai fazer com a caneta,não sabe escrever?
- PACO -Vou vender.
- TONHO -Vende o brinco.
- PACO -Pra quem?
- TONHO -Sei lá.
- PACO -Só se for para alguma bicha.
- TONHO -E daí?Então vende.
- PACO -Como a única bicha que conheço é você.Fica com o brinco e eu com a caneta.
- TONHO -Não faz onda,não dou arrêgo.
- TONHO -Vou te par só pra evitar encrenca.
- PACO -Melhor prá você.
- TONHO -Você fica com o cinto e eu com o sapato.
- PACO -No seu rabo não vai nada?
- TONHO -Que é agora?
- PACO -Pensa que vai me levar no bico?
- TONHO -Não penso nada.Só quero o sapato.
- PACO -Fica querendo.
- TONHO -Mas só fiz o assalto pelo sapato.
- PACO -E eu pela flauta.
- TONHO -Você não ia querer que o cara estivesse namorando com a flauta não não?
- PACO -De longe pensei que a mulher estava segurando a flauta do cara(RI)
- TONHO -Muito engraçado.
- PACO -Agora como vai ser?
- TONHO -O sapato é meu.
- PACO -É a minha flauta?
- TONHO -Sei lá?
- PACO -Você pensa que seu troxa.Você arruma seu pisante e eu fico sem a flauta? Banana prá você.
- TONHO -Vende tudo e compra a flauta.Está vendo,falando e gente se entende.
- PACO -Sempre digo isso mas parece que falo gringo.Você custa pra morar no assunto.

TONHO - Bem ~~XXXX~~ está tudo certinho. (PACO COMEÇA A PEGAR TUDO) Você está pegando às minhas coisas.

PACO - Que suas coisas?

TONHO - Pegou minha carteira e o meu breche.

PACO - Seu uma ova.

TONHO - Mas não ficou acertado tudo?

PACO - Pôxamclaro que ficou.

TONHO - Então deixa as minhas coisas aí?

PACO - Só o sapato é seu. O resto é meu.

TONHO - Não faz ~~XXX~~ de besta.

PACO - Você foi quem quiz.

TONHO - Eu não.

PACO - Como não? Você falou: "Vende tudo e compra a flauta".

TONHO - Tudo o que é seu.

PACO - Muito malandro, você. Mas comigo não. Escutei bem, não sou surdo.

TONHO - Vamos, passe pra cá minha parte.

PACO - Está brincando?

TONHO - Não força a paciência.

PACO - Vou dar arrego só pra encurtar a conversa. Mas não vai ser como você está pensando. Vai ser tudo mano a mano mesmo.

TONHO - Anda logo então.

PACO - Metade da grana para cada um. Relógio, caneta, isqueiro e carteira pra mim. Pulseira, anel, bronche e cinto pra você. Topa?

TONHO - O brinco pra você, o sapato pra mim.

PACO - Não. Um brinco para ~~XXXX~~ você outro pra mim. Um pé de sapato pra você outro pra mim.

TONHO - O sapato é meu.

PACO - Um pé para cada um.

TONHO - Não seja burro, o que eu vou fazer com um pé de sapato?

PACO - Não sei e não quero saber.

TONHO - O sapato é meu. Já falei mil vezes. Só entrei nesta jogada por êle, vou ficar com êle.

PACO - Então o resto é tudo meu.

TONHO - O resto meio a meio.

PACO - Ah, aqui pra você (FAZ GESTO) Ninguém me leva no tapa (PAUZA)

TONHO - Está bem, Paco. Fique com tudo, eu fico com o sapato.

PACO - Se mancou, né? Pega esta droga de uma vez.

TONHO - Você me tapeou. Mas não faz mal. Só não quero que me encha o saco.

PACO - Tapeei não. O sapato vale mais.

TONHO - Vale mais uma ova.

PACO - Está bem, te levei no bico. Mas não fique chorando. Qualquer um é passado pra traz por paco maluco, o perigoso. (PACO EXAMINA SUAS COISAS E TONHO COMEÇA A SE PREPARAR PRA IR EMBORA. PEGA UM JORNAL EMBAIXO DA CAMA, ESTICA E VAI EMBRULHANDO SUAS COISAS) Olha, pega o brinco pra você. (PACO JOGA O BRINCO NA CAMA DE TONHO) Quando for sair de brinco avisa. Quero ver a bichona enfeitada, Vou morrer de rir. (PAUSA) Está ajuntando suas drogas. (TONHO NÃO RESPONDE) Pensa que vai embora?

TONHO - Penso não. Vou embora.

PACO - Você não pode ir.

TONHO - Quem falou?

PACO - Eu

TONHO - Bela merda.

PACO - Pois é. Mas você não vai se mandar.

TONHO - E porque não?

PACO - Porque nós temos que ficar juntos.

TONHO - Você é uma besta. Não te aguento nem masi um minuto.

PACO - Mas tem que aguentar. Onde vai um, vai outro.

TONHO - Não me faça rir. Só de olhar para seu focinho me da vontade de vomitar.

PACO - Você quer me largar para entregar para a polícia. Pensa que não sei?

TONHO - Eu nunca faria isso.

PACO - Não confio em bicha.

TONHO - Bicha é você. E se não confia em mim vai ter que confiar. Vou me largar e não quero nem saber.

PACO - Você esta com pinta de entregador. Veja lá, vagabundo.

TONHO - Pode ficar sossegado. Só vou porque não te aturo mais.

PACO - Nem eu aturo você.

TONHO - Melhor assim. Cada um vai pra seu lado.

PACO - E se você me cagoetar?

TONHO - Você faz o mesmo comigo.

PACO - Faço mesmo.

TONHO - Então pronto.

PACO - Pronto. (PAUSA) Você vai se mandar já?

TONHO - AGORA MESMO.

PACO - Dorme aí hoje. Já pagou o quarto mesmo.

TONHO - Não quero nem saber. Vou já.

PACO - Poxa, mas você não tem lugar nem pra ficar.

TONHO - Me viro.

PACO - Pra onde você está querendo ir?

TONHO - Não é da sua conta.

PACO - Eu sei que não é, mas você pode dizer.

TONHO - Pra que?

PACO - Pra mim ad vezes ir lá bater um papo com você.

TONHO - Pra você me encher o saco ? Nunca.

PACO - Não é isso, alguém pode dar um recado pra min te dar e vou lá te falar. Você não lembra aquele dia que aquele crioula lá no mercado mandou te avisar que ele ia te apagar, porque você tinha furado a vez dêle na fila dos chepas? (PAUSA) Até que daí você foi lá, pediu arrêgo com o negraõ e livrou sua cara, não se lembra? Se eu não te dava a dica, você estava frito Porisso é que é bom eu saber onde você vai .

TONHO - Aquilo era naquêle tempo. Agora não quero mais saber do mercado, nem de fila de chepa, nem de droga nenhuma.

PACO - Sorte sua, então. (PACO SENTA EM SUA CAMA - PAUSA)

TONHO - Escuta Paco, Eu vou cuidar da minha vida. Agora que tenho sapato, vou me acertar. Estou cansado de curtir o pior aqui na rampa. Vê se também se ajeta. Compre a sua flauta e se arranca daqui. Aqui não dá futuro.

PACO - Eu vou comprar um revólver e uma faca para ser o terror dos namorados.

TONHO - Sua cabeça é seu guia. Mas é melhor você comprar a flauta.

PACO - Só se for para atochar em você. Meu negócio é o revólver, que põe a razão do meu lado.

TONHO - Você é quem sabe.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, p. 145

PACO - SEI de mim. E isso é que é. (COMEÇA A TOCAR GAITA) (PAUSA) (TONHO ACABA DE FAZER SEU EMBRULHO E COMEÇA A CALÇAR O SAPATO, QUE NÃO ENTRA POR SER PEQUENO)

TONHO - Poxa, é pequeno pra mim.

PACO - Que é? Não quer entrar?

TONHO - É pequeno.

PACO - (RI) Poxa, molha o pé.

TONHO - Pra que?

PACO - Talvez ~~em~~ seu pé encolha. (RI)

TONHO - Já chega essa droga. Vê se não me enche o saco.

PACO - Poxa, quem manda ter uma patola do tamanho de um bonde. (RI) (TONHO INSISTE MAS NADA CONSEGUE)

TONHO - Só comigo acontece essas coisas.

PACO - Você é pé frio.

TONHO - (BATE NA MADEIRA) Pé frio é o cacête.

PACO - Você usou tanto usa patola naquêle casco furado que esfriou o pé.

TONHO - Pombas.

PACO - Pier é que vai continuar usando pisante velho.

TONHO - Que azar.

PACO - Na próximo assalto pergunta o número que o desgraçado calça (TONHO TENTA MAIS UMA VEZ, NADA CONSEGUE. PACO DIANTE DO NOVO FRACASSO DELIRA DE ALEGRIA) Está brava bichona, por causa do pesaõ? (TONHO FICA EM SILENCIO OLHANDO O SAPATO) Não vai se mandar?

TONHO - Com essa droga não dá.

PACO - A bichona tem pata grande  
A patela da bicha é grande  
Grande, grande, grande  
A pata da bicha é grande  
Ou o sapata que é pequeno?

TONHO - Escuta, Paco.

PACO - Fala patela?

TONHO - Você vê que azar que eu dei?

PACO - Agora você tem que fazer outro assalto.

TONHO - Pra mim não dá mais. Não tenho estomago para essas cousas. Eu estudei, Paco, eu só tive aquela infeliz ideia do assalto porque precisava mesmo do sapato. Eu quiere ser como todo mundo. Ter um emprêgo de gente. Trabalhar.

PACO - Pôxa, se você quer ser otário como todo mundo, vai. Não precisa ficar ai como uma chorona.

TONHO - Mas como eu vou se êsse sapato não me serve?

PACO - Só tenho uma saída.

TONHO - Qual é?

PACO - Fazer outro assalto.

TONHO - Assalto não é saída... A gente faz um agora, sai bem, se mete em outro, acaba de estrepando, vai em cana, quando sôlto está ruim de vida novamente. Tem que apelar novamente, tem que apelar outra vez e nunca mais se apruma na vida. Assalto não resolve. É uma roda viva que não para nunca.

PACO - Então você está estrepado de verde e amarelo.

TONHO - Esteu, mas sei o remédio. Você pode me ajudar.

PACO - Já vou avisando que não sou camêlo.

- TONHO -Eu sei ,nem quebre que você pense que eu estou querendo te enrolar.
- PACO -Então desembucha de vez.
- TONHO -Está bem.Olha,êsse sapato aqui é pequeno prá mim.
- PACO -Já sei disso.
- TONHO -Tenho o pé maior que o seu.
- PACO -Pouco maior o cacête.Sua patola só entra em uma lancha.
- TONHO -O que interessa é que,êsse sapato deve servir em você.
- PACO ~~XX~~Quer vender?Mas eu já tenho um pisa.
- TONHO -Eu sei,mas seu sapato é um pouco grande para você,prá mim êle deve servir.
- PACO -E dai?
- TONHO -A gente podia trocar de sapato.
- PACO -Você é leuco?Pôxa,eu acho que você ficou goiaba.
- TONHO -Mas que tem?É uma grega legal.Você me ajuda,os dois ficam com o sapato,e eu posso ir cuidar de minha vida.
- PACO -Quero que sua vida se dane.
- TONHO -Mas,Paco,êsse sapato serve direitinho em você.
- PACO -Eu seu Paco maluce,o perigoso,use o sapato que quiser.
- TONHO -Mas é só para me dar uma colher de chá.
- PACO -Mas que colher de chá?Não seu igreja.
- TONHO -Pôxa,não custa nada trocar de sapato.
- PACO -Você pensa que seu malandro,mas na escola que você andou eu fui expulso,quando você est´a indo eu estou voltando,Sou vivo pacas.
- TONHO -Ninguém quer te enganar.
- PACO -Não ? Pôxa,bicha,você não consegue nunca me engrupir.Se quiser outro sapato pegue o teu revolver e vai assaltar .Mas não se meta a sabido comêgo.
- TONHO -Em que você acha que eu quero te enganar?
- PACO -Esta na cara bichona:A gente troca o pisante,Você se manda,quando os tiras te pegarem você sai bem,não tem nada com o asalto e eu vou andandp narua com essa droga.A mulher com cara de fuinha vê o pisante ,bêta a boca no trombone e é o fôm de Paco maluco,o perigoso.(PA USA)O que me diz bichona? Querias me levar no bico,mas não eu né?(TONHO FICA SENTADO NA CAMA OLHANDO ) Só tem uma saida é fazer novo assalto(PACO ENCHE TONHO)Agora,se a bichona não quiser,se tiver medinho dos tiras vai acabar andando descalso por ai. Pôxa.vai ser gosado pacas,ver a bichna descalsa de brinco na orelha rebo- lando o bundão.Quando ela passar no mercado,então é que vai ser legal. Para tudo.A moçada vai se duvertir,eu vou cagar de rir de ver a bichona Maria tenham,bichona louca.(RI)Tenha bichona,arranja um coronel velhusco , êle pode te dar um sapatinho de salto alto.(RI)Pôxa,está ai uma saida pra vaocê.Tonha bichona(PACO SACODE TONHO)Estou falando com você,bichona. Falei que você pode arranjar uma saida.Não escuteu,Maria Tonha.Mandei você arrumar um coronél,prá êle te dar um sapatinho de salto.(RI)Você vai arru- mar?Você vai ficar uma boneca de salto alto,e brinco na orelha.Pôxa,Maria Tonha,bichona louca.Você não me agradeçe?(TONHO BERRA)
- TONHO -Pele amor de Deus,Paco,me deixa em paz.Me deixa em paz,
- PACO -Ai,ai,tenha bichona.
- TONHO -(NERVOSO)Estou te pedindo,Paco.Pelo amor de Deus me deixa em paz.(CHORANDO) Minha vida já é uma merda.Eu não aguento mais me esqueçe.Não quer trocar o sapato,não troca.Mais cala essa bôca.Será que você não compreende,eu estudei posso ser alguma coisa na puta dessa vida.

-Esteu cansado de tudo isso. De comer mal, de dormir nessa choça, de trabalhar no mercado, de te aturar, estou farto. Me deixa em paz, é só o que te peço. Pelo amor de Deus me deixa em paz. (SACODE A CABEÇA E CHORA)

PACCO -Ai, ai como a Tonha bichona está nervozinha.

TONHO -Por favor, Paco, chega, chega.

PACO -Chega uma ova. Não tenho que aturar sua choradeira. Para de chorar, anda. (TONHO PARA DE CHORAR) Assim bicha, tem que obedecer. Não gosto de choradeira de bicha. Não gosta de sua droga de vida. Se dane. Da um tiro nos cornos e não enche mais o saco dos outros. Quer continuar respirando, continua, mas ninguém tem nada com a sua aporrinhão. Precisa de alguma droga, desaperta de arma na mão. Pra que serve êsse revolver que você tem aí? Usa essa porcaria. Ou se mata, ou aponta o feçinho de alguê e toma o sapato. Mas eu não mais escutar a sua choradeira. (PAUSA)

TONHO -Você tem razão. (PEGA O REVOLVER) Você nunca mais vai escutar eu chorar. Nem você nem ninguém. Pra mim não tem escôlha o que tem de ser é. (OLHANDO A ARMA)

PACO -Êsse revolver não tem bala.

TONHO -Eu sei. Mais é facil meter uma bala no tambor. (TIRA DO BOLSO UMA BALA E OLHA-COLOCANDO NO TAMBOR) Como Vê, Paco, não falta nada. (PACO ESTA SENTADO NA CAMA)

PACO -Que vai fazer?

TONHO -Estou pensando,

PACO -Você vai se matar? Vai acabar com você mesmo?

TONHO -Vou acabar com Você, Paco.

PACO -Comigo? Pôxa, comigo? Mais eu não fiz nada?

TONHO -Você disse que eu era bicho.

PACO -Eu estava brincando.

TONHO -Pois é. Mais seu brinquedo enchia o saco.

PACO -Pôxa, mas se você não gosta micha a brincadeira e pronto.

TONHO -Você é muito chato. Paco.

PACO -Eu juro. Juro por Deus que certo essa ~~onda~~ onda. Juro.

TONHO -Bem, preciso de um par de sapates. O que eu tenho não serve prá mim.

PACO -O meu lhe serve? Agente troca de sapato.

TONHO -Eu não preciso disso paco. Basta eu apontar o berre para algum cara e êle ~~vira~~ vira o rabo, é só eu querer.

PACO -Pôxa, Tonho, nós sempre fomos parceiros. Você sempre foi um cara legal, não vai fazer um papelão comigo agora.

TONHO -Paco, você é um monde de merda. Você fede. Você é ~~negento~~ negento.

PACO -Você quer me gosar é ?

TONHO -Vou acabar com a sua raça, desgraçado.

PACO -Mas, pôxa... pôxa...

TONHO -Vou te apagar, canalha.

PACO -Escute, Tonho... Eu... pôxa... eu... não te fiz nada.

TONHO -Vai se apagar aqui, Paco.

PACO -Tonho, você não pode se sacanear... não, ...pode... (TONHO AVANÇA) Mas, Pôxa, Tonho... nós sempre fomos amigos...

TONHO -Quem tem amigo é puta de zona.

PACO -Tonho... escuta...

TONHO -Cala a Bôca. (PAUSA) Assim. Agora acabou a sua bôca dura. Vamos ver como esta a sua malandragem. Cadê o dinheiro, a caneta, o esqueiro, o cinto, o relógio, o anel o bro che e a pulceira? Anda. Quero tudo. Não escutou (PACO PÔE TUDO NA CAMA)

Tira o sapato, vamos.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.0300, p.148

PACO - Meu sapato...

TONHO - Passa pra cá. (PACO TIRA O SAPATO) Agora vamos dividir tudo meio a meio.

PACO - Poxa, assim é que tem que ser.

TONHO - Tudo pra mim, e o brinco pra você. Acabou sua malandragem. Bota essa droga na orelha.

PACO - Poxa Tonho, isso é sacanagem.

TONHO - Não converse e faz o que eu mando. (PACO PÕE O BRINCO) Agora ande de lá pra cá. É surdo? Desgraçado? Rebola, rebola miserável.

PACO - Escuta Tonho, isso não...

TONHO - Rebola filho da puta. Bicha. Bicha sem vergonha. Ria bicha, ria. Eu estou cagando de ri de você, bicha louca.

PACO - Poxa Tonho, não faça isso comigo. Poxa Tonho, pelo amor de Deus, não faça isso comigo.

TONHO - Cala a boca.

PACO - Tonho, eu ...

TONHO - Feche o bico. Cade o alicate? Vou acabar com você, mas te dou uma chance, prefere um tiro nos cornos ou um biliscaõ? Só que o biliscaõ vai ser no saco, com o alicate. Enquanto eu aperte, você vai ter que tocar gaita. Anda, escolha logo. (PACO CAI DE JOELHOS)

PACO - Pelo amor de Deus, não faz isso comigo, Pelo amor de Deus juro que não te encho mais o saco, nunca mais, pelo amor de Deus. Deixe eu me arrancar, eu juro...

TONHO - Cala a boca., você me dá nojo. (TONHO ENCOSTA O REVÓLVER EM PACO E FUZÍLA-O Se acabou malandro. Se apagou, foi pras picas. Porque você não ri agora paspalhaõ, porque você não ri? Eu não estou estourando de ri, eu até danço de alegria. Eu sou mais eu. Sou o Tonho, maluco e perigoso, mal pacas.

F I M

OBS. DEPOIS QUE TONHO MATA PACO, TODOS OS PERSONAGENS DEVEM CAIR DA MESMA MANEIRA QUE PACO.

NOTA: O PRESENTE ESPETÁCULO NÃO PODERÁ ENTRAR EM TEMPORADA SEM AUTORIZAÇÃO DO AUTOR, SÓ SERÁ APRESENTADO UMA VEZ PARA O FESTIVAL INTERNACIONAL DE PELOTAS SOB A RESPONSABILIDADE DA SRTA. ROSE CHAUVIÈRE.

Rio - Setembro de 1971



TÍTULO DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA - PLINIO MARCOS

PARECER

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS COM CORTES

FEITA A COMPARAÇÃO DOS TEXTOS DA PEÇA EM EXAME, CONSTATEI TER O AUTÔR FEITO ALTERAÇÃO NO TEXTO ORIGINAL, ONDE ME FAZ SUGERIR CORTES, ALÉM DOS QUE JÁ HAVIAM SIDO FEITOS QUANDO DO PRIMEIRO EXAME .

SUGIRO A LIBERAÇÃO COM A CLASSIFICAÇÃO ANTERIOR OBSERVANDO OS SEGUINTE CORTES: 1ª FOLHA DESDE SERÁ ATÉ FEDIDA; 6ª FOLHA DESDE UAI... ATÉ SAI MULHER... 16ª FOLHA DESDE POXA ATÉ VARA;

BRASÍLIA, 27 DE SETEMBRO DE 1971

*Carlos Alberto Braz de Souza*

CARLOS ALBERTO BRAZ DE SOUZA

*De acordo  
Car. Alberto Braz de Souza  
27/9/71*

À Seção de Censura:

Trata-se de texto já liberado pelo SESP. O Sec. Censura mantém a mesma impropriedade, opinando pela imposição de cortes censura-  
dos em vermelho nas páginas 1, 6 e 16.

30.9.71

Paulista  
RM

DE ACÓRDO.

Em: 10/10/71.

Wilson M.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA  
Chefe da Seção de Censura

fizer-se com a máxima  
etária máxima com os  
cortes assinalados.

J. Salgado  
Em 4.10.71

OK  
MS



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, p.151

# CENSURA FEDERAL

## TEATRO

Certificado Nº 4266/71

PEÇA "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

ORIGINAL DE PLÍNIO MARCOS.

APROVADO PELO S. C. D. P.  
CLASSIFICAÇÃO

VÁLIDO ATÉ 08 de OUTUBRO de 19 76

Brasília, 08 de OUTUBRO de 19 71

**PROIBIDO  
PARA MENORES DE  
18 ANOS**

Chefe do S. C. D. P.

*Wilson de Queiróz Garcia*  
WILSON DE QUEIRÓZ GARCIA  
SUBST.

M. J. - D. P. F.  
**CERTIFICADO DO S. C. D. P.**

Certifico constar do livro nº 02 fôlha nº 34, de registro de peças teatrais, o assentamento da peça intitulada "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

Original de PLÍNIO MARCOS  
Tradução de \_\_\_\_\_  
Adaptação de \_\_\_\_\_  
Produção de "OS OUTROS"

**COM CORTES**

Tendo sido censurada em 27 de SETEMBRO de 19 71 e recebido a seguinte classificação: PROIBIDA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS, C/ CORTES NAS PÁGS. 1,6 E 16.

CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL.

O PRESENTE CERTIFICADO SÔMENTE TERÁ VALIDADE, QUANDO ACOMPANHADO DE SEU SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELO SCDP.

*Paulo Leite de Lacerda*  
PAULO LEITE DE LACERDA  
CHEFE SUBST. DA SEÇÃO DE CENSURA.

Brasília, 08 de OUTUBRO de 19 71

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX  
Chefe da Turma de Censores  
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX  
de Teatro e Congêneres

Mem. nº 866

/71

Em 01

/ 11

/72

Do: Sr. Chefe do TCTC do SODP

Do: Sr. Chefe do TCBP-DR-DPE/  
GB

As: Providências - Solicita -

Senhor Chefe:

Solicito as suas providências no sentido de que seja assistido o encargo geral da peça teatral abaixo discriminada, podendo ser entregue a documentação no interesse, caso a classificação estabelecida por este SODP esteja de acordo com o observado no ensaio, devendo, posteriormente, ser remetido minucioso relatório a respeito.

Peça : "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "  
Autor: PLINIO MARCOS  
Intros: OS OUTROS  
Endreç: RIO DE JANEIRO-GB

Atenciosamente,

PAULO LEITE DE L. CERDA

-TCTC-

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA RECEBIDO

RECEBI NO DIA \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_  
AS \_\_\_ HRS.  
Assinatura Legível

CONTROLE  
MJ - DPF - SRA/BSB  
Nº

12 SET 1974 056/08



DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
RADIOGRAMA RECEBIDO

33901

DIVISÃO DE TELECOMUNICAÇÕES  
SEOP - CMG

INDICAÇÕES  
DE SERVIÇO

PREÂMBULO: CURITIBA NR 140 40 1209 1700  
RECEPÇÃO: C-552 121714 LE-EDU

RECEBIDO EM \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ AS 1620  
ENCAMINHADO DCDP  
EM \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_ AS  
RUBRICA: A

END.

0234

DCDP-DPF-BSB

FICHADO  
S. A. DCDP

TEXT  
E  
ASSINATURA

NR - 2375-SCDP-SR-PR DE 120974 PT ATEND PEDIDO DA REITORIA DA UNIV ESTADUAL DE PONTA GROSSA VG SOLICITO INF SE PEÇA TEATRAL "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA" VG AUTOR PLINIO MARCOS VG ESTA LIBERADA PARA REPRESENTAÇÃO PT SR-7

Sr. Diretor,

A peça supracitada está liberada para maiores de 18 / (dezoito) anos, com cortes, / certificado válido até 08/10/76.

Em, 13/09/74.

P/Chefe do Arquivo

Arquivo  
Verificado  
em 12.9.74

ROGERIO  
Diretor da DCDP

# RADIOGRAMA

Nome e cargo do expedidor fechando o texto. Escrever separando as linhas com 2 espaços



## MINISTÉRIO DA JUSTIÇA DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300/p.155

PARA USO DA ESTAÇÃO

Nº

PREÂMBULO

Espécie: OFICIAL

Número..... Data:.....

Origem.....

Palavras..... Hora:.....

ENDEREÇO

SR/PR

POSIÇÃO:

QUITAAÇÃO

HRS:

OPR:

TEXTO A TRANSMITIR

Nº 437-DCDP de 13\_09\_74 RERA NR 2375/SCDP INFO PEÇA " DOIS PERDI-  
DOS NUMA NOITE SUJA " ESTAH LIB IMPROP 18 ANOS CERTIF VAL ATEH 081076  
PT DIR DCDP

DPF-SA.v.84

Assinatura ou rubrica do expedidor.....

SRA, FICHADO



MJ - DPF - SRA/BSB

DEZ 10 30 76 045341

RECEBIDO POR: [Signature]  
SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Of. nº 927 /76 - SCDP-SR/RJ 03 / 12 /1976  
Em

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas  
Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas  
Assunto : encaminhamento (faz)

Ref. prot. nº50.937 /1976 - SR/RJ

*no e ordem  
a S C  
em 03.12.76  
M. Martin*

FICHADO  
& A. DCDP

Peça: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA" ..  
.....  
.....  
.....  
Autor: Plinio Marcos ..  
.....  
Requerimento: SBAT ..

Senhor Diretor:

Para cumprimento do que dispõe o sub-ítem 1.1 da Portaria nº 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a Vossa Senhoria um exemplar do texto da peça acima referenciada.

Renovo-lhe, neste ensejo, os protestos de mi nha consideração e distinguido apreço.

*[Signature]*  
Chefe do SCDP-SR/RJ

*no e ordem  
a S C T C  
em 09.12.76  
Oscar Soares*

23/77-SCTC/SC/DCDP

05

janeiro

77

no Rio de Janeiro

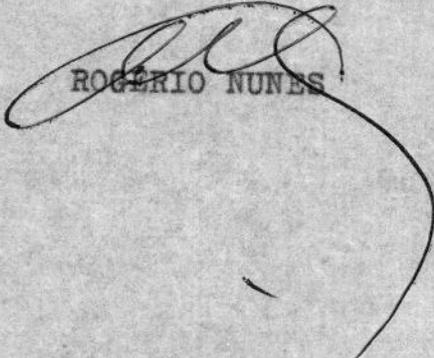
927/76-SCDP/SR/RJ

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

Plínio Marcos

18 anos com cortes.

854

  
ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

COIZ PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLÍNIO MARCOS

854/77

ACUS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

IMPRÓPRIO PARA MEMÓRIAS DE (DEZITO) ANOS. CORTEZ AS

PLÍNIO MARCOS

RAJ. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TEM VALOR DURANTE ACOMPANHADO DO

"REGISTRO" DEVOAMENTE CARINADO PELA DOP.

IMPRÓPRIO PARA  
MEMÓRIAS DE  
**18**  
DEZITO ANOS

29 MARÇO 82  
29 MARÇO 77  
*Roberto Nunes*  
ROBERTO NUNES

: DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

: PLÍNIO MARCOS

COM CORTES

29

MARÇO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ÀS  
FLS.: 02-09-12-15-31-33-39-40-42-52-53- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GE-  
RAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO  
"SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

*[Handwritten signature]*  
MARÇO 77

29

MARÇO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 ANOS  
*Arésio T. Peixoto*  
ARÉSIO T. PEIXOTO

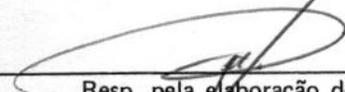
## TEATRO

TÍTULO DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJAPlínio Marcos

1) S.C.T.C.

Clas. Anterior 18 ANOS / cortesPraça RJ-RJ

Obs.:

DF. 1 05 10 1977
  
 Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

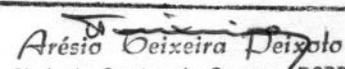
Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

 \_\_\_\_\_  
 Resp. pela Programação

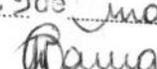
4) SERVIÇO DE CENSURA

 À consideração do Senhor Diretor da DCDP,  
 tendo em vista tratar-se de peça teatral para  
 o qual os censores propõem a classificação  
 etária de 18 (dezoito) anos  
/ corte.
Brasília-DF, 29 de maio de 1977
  
 Arésio Veixeira Deixoto  
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP  
 SUBSTITUTO

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E., para se emitirem dois certificados,  
 com a classificação: impróprio para menores  
 de dezoito anos, com cortes e  
 com os dados constantes do requerimento de  
censura, condicionada ao exame  
 do ensaio geral. Obs.: art. 12, 09, 12, 15,  
31, 33, 39, 40, 42, 52 e 53.

Brasília-DF, 29 de maio de 1977
  
 Maria Antêle R. Gama  
 Ch. SCTC-SC/DCDP

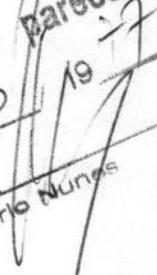
Brasília - DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

**LIBERE-SE**  
 na forma do parecer  
 Em, 29 / 3 / 1977

  
 Rogério Nunes



PARECER Nº 1129 / ff

TÍTULO: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plínio Marcos

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ANOS (DEZOITO), com corte

Confrontando o presente texto com os apreciados em exames anteriores, constatei, entre ambos, identidade de conteúdo e linguagem. Assim, sou de parecer que seja mantida a mesma classificação anterior: 18 anos.(Dezoito). Todavia, embora tenha indicado os mesmos cortes assinalados nos textos censurados anteriormente, em virtude do contexto em que certas palavras e/ou frases aparecem e da impropriedade máxima aplicada à peça, su jiro que sejam mantidos apenas os cortes assinalados nas páginas 2,9,12,15,31,33,39,40,42,52 e 53.

Brasília, 25 de março de 1977

*Moacir das Dores*  
Moacir das Dores

Ofício nº 443/77-SCTC/SC/DCDP

28/03/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

: Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

Encaminhamento - faz -

Ref. Of. nº 927/76-SCDP/SR/RJ

Senhor Superintendente:

De acordo com a Portaria nº 042/75-DCDP, de 26.11.75 e em atenção ofício em referência, encaminho a V.Sa. , as anexas 1ª e 2ª vias do certificado de censura da peça teatral / intitulada "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plinio Marcos.

Na oportunidade, renovo a V.ªa. protestos de estima e consideração.

*Roberto Nunes*  
51/ ROGERIO NUNES  
Diretor DCDP

Ofício nº 1477/77-SCTC/SC/DCDP

22/09/77

: Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

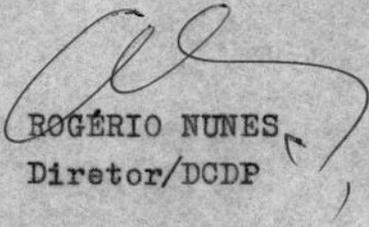
: Sr. Superintendente Regional do DPF no Rio de Janeiro

Encaminha - faz -

Senhor Superintendente:

Em atendimento à solicitação dessa SCDP/SR/RJ, estamos encaminhando a V.Sa. fotocópias das páginas em que constam cortes da peça teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de autoria de Plínio Marcos.

Na oportunidade, reiteramos a V.Sa. protestos de estima e consideração.

  
ROGÉRIO NUNES  
Diretor/DCDP

SRA/FICHADO

234  
JUNTA  
FICHADO  
SA DCDP



MJ-DPF-SRA/BSB

29 JUL 10 25 = 023879

077-SRA  
A.A.  
Rok

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Of. .... 710/77-SCDP/SR/RJ

Em 27 de julho de 1977

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto : Encaminhamento (faz)

De ordem  
ao S. Censura  
em 01-8-77  
Wegally

Senhor Diretor:

Em aditamento ao ofício 927/76-SCDP/SR/RJ, para fins do disposto do sub-ítem 1.4 da Portaria 42/75-DCDP, de 26.11.75, encaminho a V.Sª. cópias dos pareceres do relatório do ensaio geral da peça teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plínio Marcos, liberada com a impropriedade para menores de 18 (dezoito) anos, com cortes nas páginas 2, 9, 12, 15, 31, 33, 39, 40, 42, 52, e 53 de acordo com o certificado nº 854/77 encaminhado a este Serviço pelo Of. 443/77 - SCTC/SC/DCDP.

Ao ensejo, apresento a V.Sª. protestos de estima e consideração.

cc SCTC  
11/8/77

ROGERIO FREITAS FROES  
Chefe do SCDP/SR/RJ  
- em exercício -

APGF/LSL.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

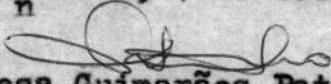
ILMO.SR.  
CHEFE DO SCDP/SR/RJ

PARECER Nº 2884  
ASSUNTO: DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA  
AUTOR: PLINIO MARCOS  
CLASSIFICAÇÃO: VETADA

Dois rapazes moram em um quarto de hospedaria de última categoria. Mantêm um diálogo de desafio e agressão mútua. Um quer os sapatos do outro, para, decentemente ir a procura de emprego, já que os seus estão em estado deplorável. O outro diz que, só teve uma vida boa quando tocava flauta, até que lhe roubaram o instrumento. Ambos trabalham no Mercado e o rapaz do sapato é obrigado "por força" a dar o que ganha ao seu valente colega "Negrão". Devido as chacotas dos demais colegas e do companheiro de quarto, não conseguem mais digo, não consegue mais trabalhar e desesperado simula um assalto a um casal no parque. O companheiro adere à idéia, porem pretende abusar da mulher. Este discorda. No final, executam o combinado. Trazem os pertences dos assaltados para o mísero quarto e, porque, na hora de repartir o rapaz da flauta não concorda com a divisão em parte iguais, o outro termina matando-o com uma bala no crâneo.

A peça, além de eivada de palavrões, traduz mensagem negativa, ao dar como meio de salvação, um assalto para resolver problema de pessoas pobres, portanto, opinamos pela sua interdição, com base no Decreto nº 20.493 del946, art. 41, alíneas, b e c.

Rio de Janeiro, 7 de dezembro de 1976

  
Teresa Guimarães Paternostro  
Tec.Cens. Mat. 2.415.822

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ilmº Sr.

Chefe do Serviço de Censura e Diversões Públicas - SR/RJ

ASSUNTO : Leitura de Texto  
TÍTULO : " DOIS PERDIDOS EM UMA NOITE SUJA "  
AUTOR : Plinio Marcos  
CLASSIFICAÇÃO : VETADA  
PARECER Nº 2920

A peça acima referida apresenta dois personagens desesperados, que por várias circunstâncias foram levados a planejar um assalto. Entretanto, na hora da divisão do material roubado os dois não entram em um acordo e um termina por assassinar o outro.

Cheia de palavras, a peça traz um mensagem negativa, quando tenta colocar o assalto como q uma solução das dificuldades materiais que o indivíduo enfrenta.

Opino pelo seu veto, por contrariar o que dispõe o Art. 41, alíneas a, b, e c do Decreto - Lei nº 20493/46.

RJ, 13 de dezembro de 1976

*Maria Cecília Martins O. Costa*

Maria Cecília Martins O. Costa

Tec. de Cens. - Mat. 2415816

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DPT/SCDP/SR/RJ

Referência: Peça teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

Autor: Plinio Marcos

Req de: Empresa Oswaldo Loureiro e Juca de Oliveira

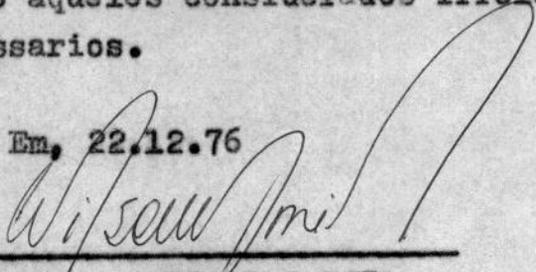
DESPACHO:

A presente peça está liberada pela Divisão de Censura de Diversões Públicas, já tendo sido encenada em várias partes do país, inclusive nesta cidade.

Este SCDP consultou a DCDP sobre a mesma, tendo aquela Divisão nos encaminhado a relação de cortes efetuados no texto ali arquivado, e que foram anexados ao processo.

Diante do exposto e não obstante os votos dos censores, libero o texto com a classificação que lhe foi dada anteriormente - 18 anos e // cortes -, autorizando seja procedido o exame de ensaio geral pelos mesmos censores, quando novo parecer deverá ser exarado, homologando aquela decisão da DCDP ou, se for o caso, aduzindo razões que contra- indiquem a liberação e, ainda, sugerindo novos cortes ou tornando sem efeito aqueles considerados irrelevantes e desnecessarios.

Em, 22.12.76

---

WILSON DE QUEIROZ GARCIA  
Chefe do SCDP/SR/RJ

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

Ilmo. Sr. Chefe do  
Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

TÍTULO : DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA  
AUTOR : PLINIO MARCOS  
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA : 18 ANOS C/CORTES  
ENSAIO GERAL  
PARECER Nº 1269/77

Peça já examinada por diversas vezes e liberada conforme certificado nº 854/77, em anexo, com a classificação 18 anos com cortes.

Procedendo ao exame do ensaio geral, consta te que o grupo cumpriu exatamente o script, portanto opino pela liberação do espetáculo com a impropriedade máxima, mantendo os cortes assinalados no certificado (acima mencionado) quer sejam fls.: 02, 09, 12, 15, 31, 33, 39, 40, 42, 52, e 53.

Outrossim, relato que, o cenário, marcação, vestuário e iluminação estão adequados ao gênero drama.

Rio de Janeiro, 13 de junho de 1977

  
Teresa Guimarães Paternostro  
Tec. Censura- Mat. 2.415.822



MJ - DPF - SRA/BSB



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDENCIA REGIONAL EM M.G.-B.H.

RECEBIDO POR: *[Signature]*

1547 029997

SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SRA/FICHAO

*De ordem  
ao arquivo  
em 06/10/77*

OFÍCIO Nº 073/77 SCDP/SR/MG Em 03 de outubro de 1977

ASSUNTO: Encaminhamento ( faz )

Senhor Diretor,

FICHADO  
S. A. DCDP

Com este encaminhamento a Vossa.Senhoria a peça teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA" de autoria de Plínio Marcos em três vias, juntamente com a autorização da SBAT, solicitando seja enviado com a possível urgência o respectivo certificado.

Ao ensejo, renovo os meus protestos de estima e consideração.

*Francisco de Moraes*

CHEFE DO SCDP/SR/MG

ILMO SR.

DIRETOR DA DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS DO

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

BRASÍLIA

DF

*Sociedade Brasileira de Autores Teatrais*

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT-RIO

Rio de Janeiro — Brasil.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, P-170

Belo Horizonte, 15 de setembro de 1977

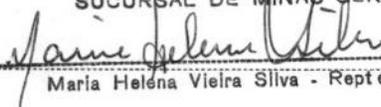
Ilmo. Sr.  
Diretor do Departamento de Censura Federal  
(Departamento de Polícia Federal)  
Brasília D F

Saudações atenciosas:

Com a presente, temos a satisfação de encaminhar a V. Sa.  
para fins de CENSURA, tres copias da peça: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE  
SUJA".....  
Original de Plinio Marcos .....  
Tradução de .....  
Próxima apresentação de TEDOMS- Teatro Estudantil Dom Silvério...  
Teatro da Escola Politécnica A.F. Lisboa Cidade Congonhas .....  
Estado Minas Gerais .....  
A estréia está prevista para 1ª quinzena de novembro de 1977.

Sem outro assunto, subscrevemo-nos com a devida con-  
sideração,

Pela SBAT,  
SOCIEDADE BRASILEIRA DE AUTORES TEATRAIS  
SUCURSAL DE MINAS GERAIS

  
-----  
Maria Helena Vieira Silva - Rept e Geral

## TEATRO

TÍTULO Dois Perdidos numa noite SuyaPlínio Marcos1) S.C.T.C. ArquivoClas. Anterior 18 e 1 ePraça Belo Horizonte - MG

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 07/10/1977\_\_\_\_\_  
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

A S. E. para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, com cortes e com os dados constantes do requerimento de claus., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: cortes à fls. 02, 08,

12, 15, 31, 32, 33, 39, 40, 42 e 52.  
Brasília-DF, 17 de out de 1977

Bama  
Maria Adelaide R. Gama  
Ch. S.C.T.C.-SC/DCDP

Brasília -DF

de

de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE  
COM O PROCESSO ANTERIOR  
Classificação: dezoito (18)

anos: \_\_\_\_\_  
Brasília-DF, 19 de out de 1977

Carlos A. Molinari de Carvalho  
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

PARECER Nº 4383 177TÍTULO: " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) ANOS C/ CORTES

AUTOR: PLÍNIO MARCOS

Confrontamos o texto, ora apresentado para exame censório, com outro já liberado e constatamos a identidade entre ambos. Assim sendo, ratificamos a classificação anterior, observando-se os cortes discriminados nas páginas 02, 08, 12, 15, 31, 32, 33, 39, 40, 42 e 52.

Brasília; 14 de outubro de 1977.

  
Jussara França Costa

1614/77-SCTC/SG/DCDP

17/10

7

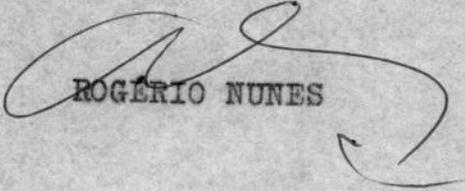
Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

Plinio Marcos

Superintendente:

BELO HORIZONTE-MG

  
ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLÍNIO MARCOS

854/77

TEODOS - M

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

77

OUTUBRO

17

PLÍNIO MARCOS

29 MARÇO 62

82

18 OUTUBRO

77

IMPROPRIO PARA  
MEMBROS DE  
DEZOITO ANOS

*Rogério Nunes*  
ROGÉRIO NUNES

: DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

COM CORTES

PLÍNIO MARCOS

TEDOMS - MG

17 OUTUBRO

77

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CORTES ÀS FLS.:

02-08-12-15-31-32-33-39-40-42-52- CONDICIONADO AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DE VIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18 OUTUBRO

77

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

FICHADO  
S. A. DCDP



MJ-DPF-GR/BSB

25 NOV 09 1977 034476



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Ofício nº 1241/77-SCDP/SR/RJ

Em 22.11.77

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

*de ordem  
ao arquivo  
em 25-11-77  
Wojales*

Senhor Diretor:

Para fins de substituição no texto da peça "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plínio Marcos, objeto dos ofícios 927/76 e 720/77-SCDP/SR/DPF/RJ, encaminho a V.Sª. às páginas nrs. 13, 18, 19, 21, 22, 25 e 50, uma vez que as anteriores estão em desacordo com o certificado respectivo.

Ao ensejo, apresento a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

WILSON DE QUEIROZ GARCIA  
Chefe do SCDP/SR/RJ

APGF/LSL.

FICHADO  
S.A. DCDP

Ilmo. Sr. Diretor da DCDP/DPF:

*Arquivo  
Vesp. e manhã  
em 18/12/77*

*Rogério Nuno*

FRANCISCO ARNALDO MATOS DO NASCIMENTO, brasileiro, solteiro, filho de Expedito Geronimo de Matos e de Adelaide Matos do Nascimento, portador da Carteira de Identidade nº 703.110, expedida pela SSP/CE em 23/NOV/77, residente e domiciliado à Rua Barros Leal, nº 2464, Bairro São João do Tauape, nesta Capital, vem mui respeitosamente requerer a V.Sa. a liberação do texto anexo (três vias): "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA, autoria de Plínio Marcos.

Nestes Termos,

Pede Deferimento.

FORTALEZA/CE, 09 de Dezembro de 1977

*Francisco Arnaldo Matos do Nascimento.*  
FRANCISCO ARNALDO MATOS DO NASCIMENTO

## TEATRO

TÍTULO DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

## 1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 anos / cortes  
 Praça FORTALEZA - CE  
 Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 14, 12, 1977

Qualificacão  
 Resp. pela elaboração do Processo

## 2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_  
 Técnico de Censura \_\_\_\_\_  
 Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_  
 DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
 Resp. pela Programação

## 4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

## 3) CHEFE DA S.C.T.C.

A C. E., para se emitirem dois certificados,  
 com a classificação: impróprio para menores  
 de dezoito anos, com cortes e  
 com os dados constantes do requerimento de  
 \_\_\_\_\_ cens., condicionada ao exame

do ensaio geral. Obs.: cortes à ls. 02, 10,

14, 15, 17, 21, 24, 35, 36, 40, 43, 44, 45,  
53, 55, 56. Brasília-DF, 23 de dez. de 1977

Paura  
 Maria Arlete L. Gama  
 Ch. SCTC-SC/DCDP

Brasília-DF de \_\_\_\_\_ de 1.97

## 5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE  
 COM O PROCESSO ANTERIOR  
 Classificação: 18 anos

com cortes  
 Brasília-DF, 26 de dez de 1977  
 CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO  
 Chefe do Serviço de Censura - DCDP



PARECER Nº 54861 / 77

TÍTULO: DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 anos com cortes

Espécie: peça teatral

Procedendo ao confronto de textos da peça em apreço, verifiquei a identidade do texto ora examinado com outro, existente em nossos arquivos, razão pela qual sugiro sua liberação com cortes, assinalados no script.

Cortes: páginas: 2,10,14,15,17,21,24,35,36,40,43,44,45,53,55,56-/

Brasília, 20 de dezembro de 1977

*Teresa Cristina dos Reis Marra*

Teresa Cristina dos Reis Marra

2182/77-SCTC/SC/DCDP

23.dezembro 7

Superintendente Regional do DPF no Ceará

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLINIO MARCOS

Superintendente,

nesse Estado.

A large, stylized handwritten signature in black ink, likely belonging to Plínio Marcos, is written across the lower half of the page. The signature is fluid and cursive, with a prominent loop at the end.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE.

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, p.181

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

COM 854/77 ORTES

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLINIO MARCOS

IMPRÓPRIO PARA  
MEMORIAS DE  
DEZOITO ANOS

29 MARÇO  
23 DEZEMBRO  
ROGERIO NUNES

82

77

010

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLÍNIO MARCOS

COM CORTES

CE

23

DEZEMBRO

77

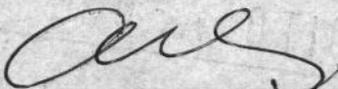
IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. C/CORTES AS FLS. 02, 10, 14, 15, 17, 21, 24, 35, 36, 40, 43, 44, 45, 53, 55, 56. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

23

DEZEMBRO

77

OFB

  
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO



Visto: A DCDP  
Em 4.1.78  
Assinado  
Chefe do DCDP

PEÇA TEATRAL: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"  
LOCAL: "TEATRO DO CENTRO COMUNITÁRIO PRESIDENTE MÉDICI"  
CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: MENORES DE 18 ANOS (IMPRÓPRIA)  
DIA DA APRESENTAÇÃO: 02/JANEIRO/1978  
ASSUNTO: ENSAIO GERAL

R E L A T Ó R I O

Por determinação desta chefia, compareci no dia 02 de Janeiro de 1978 ao Teatro do Centro Comunitário Presidente Médici, para assistir o Ensaio Geral da Peça Teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA".

O tema central da estória é a miséria e a impotência frente ao mundo de dois rapazes pobres, sem caráter, que vivem marginalizados, e fracos, procuram a maneira mais fácil de conseguir bens ou o que eles julgam uma vida melhor: o crime. É através de assaltos à casais de namorados que conseguem ter relógio, dinheiro e, principalmente, um par de sapatos, a meta mais importante para o personagem Tonho.

Os dois personagens, únicos em todo espetáculo, mantêm uma relação muito estranha de convivência, baseada apenas em troca de ofensas, sem demonstrar em nenhum momento carinho ou pelo menos amizade.

O cenário é composto de duas camas, mesinha e outros objetos que compoem o quarto pobre que dividem.

Os atores usam roupas comuns: calças tipo Lee e camisetas.

Considerando que os cortes determinados pela DCDP foram obedecidos, concordo com sua liberação e classificação etária: Imprópria para menores de 18 anos.

FORTALEZA/CE, 03 de Janeiro de 1978

*Maria Eunice Meira Mayer*  
MARIA EUNICE MEIRA MAYER  
Técnica de Censura



J - DPF - SRA/BSB

DPF - SRA  
Fl. nº  
Rub.

FICHADO  
S.A. DCDP

20 JUN 1978 016356

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SUPERINTENDÊNCIA REGIONAL NO PARANÁ  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

SRA/FICHADO

Of. nº 2552/78-SCDP

Curitiba, 19 de Junho de 1.978

Do Chefe do SCDP/SR/PR  
Ao Sr. Diretor da DCDP/DPF  
Assunto: Encaminhamento (faz)

*Handwritten notes:*  
do  
12/6/78

Senhor Diretor

Para o competente exame dessa Divisão estamos encaminhando 03 ( tres ) cópias do texto da peça teatral intitulada " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA ", de Plinio Marcos.

Na oportunidade, renovamos nossos protestos de consideração e alta estima.

TC - José Augusto Costa  
Chefe do SCDP/SR/PR

*Large handwritten signature*



ESTADO DO PARANÁ  
FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
REITORIA

Av. Colombo, 3690 - Campus Universitário - Caixa Postal 331  
DDD 0442 - Fones: 22-4242, 22-4297, 22-4325, 22-4745, 22-4782, 22-4831, 22-4851, 22-4983  
CEP 87.100 - MARINGÁ - PARANÁ

SUPERINTENDÊNCIA ACADÊMICA

DIRETORIA DE ASSUNTOS CULTURAIS E DE INTERCÂMBIO

Ofício nº 113/78 - DCI

Maringá, 12 de junho de 1978

Prezado Senhor:

Pelo presente solicitamos os bons ofícios de Vossa Senhoria no sentido de determinar providências para a censura da peça de teatro - "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA" de Plínio Marcos.

Para tanto estamos encaminhando, em anexo, três vias do texto da referida peça.

Tal solicitação prende-se ao interesse pela apresentação da peça pelo grupo de teatro desta Universidade.

Agradecemos antecipadamente por esse gesto de colaboração que Vossa Senhoria venha a ter para com esta Universidade e colocamos os nossos préstimos ao seu inteiro dispor.

Com sentimentos de muito apreço e consideração, firmamo-nos.

Cordialmente

*Juzvago*  
Prof. Ary Pereira Braga  
DIRETOR

Ao

Ilustríssimo Senhor

DD. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Polícia Federal

70.000 - BRASÍLIA - DF

TÍTULO Dois Perdidos numa Noite Suja

1) Arquivo  
Clas. Anterior Baus e cortes  
Praça Curitiba - PR  
Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 23, 06, 78  
Geraldo  
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO  
Técnico de Censura \_\_\_\_\_  
Técnico de Censura \_\_\_\_\_  
Data prazo Exame de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.  
A S. E., para se emitirem dois certificados, com a classificação: impróprio para menores de dezoito anos, com cortes e com os dados constantes do requerimento de cens., condicionada ao exame do ensaio geral. Obs.: cortes a fls. 02, 08, 12, 15, 31, 32, 33, 39, 40, 42, 52.  
Brasília-DF, 17 de julho de 1978  
Maria Arlete R. Gama  
Ch. SCTC-SC/DCDP  
Brasília-DF de 1.97

4) SERVIÇO DE CENSURA  
LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR  
Classificação: 18 anos  
Brasília-DF, 17 de 78  
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO  
Chefe do Serviço de Censura - DCDP

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.



MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
DIVISÃO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300, p.187

PARECER Nº 2.409 / 78

TÍTULO: " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (DEZOITO) anos- com cortes

Realizamos o confronto dos textos e constatamos que este agora examinado não difere dos outros integrantes do processo.

Ratificamos os cortes assinalados às páginas 02- 08-12-15-31-32-33-39-40-42-52.

Brasília, 13 de julho de 1978.

Yêda Lúcia Netto Peles

1035/78-SCTC/SC/DCDP

14 de Julho 78

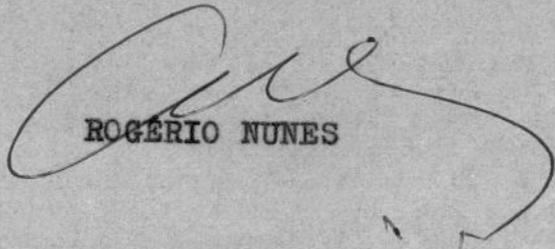
Superintendente Regional do DPF no Paraná

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

Plínio Marques

Superintendente:

em Maringá-PR.



ROGÉRIO NUNES

BR DFANBSB NS.CPR.TEA.PTE. 0300/P.189

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLINIO MARCOS

854/78

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - PR  
DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLINIO MARCOS

17 JULHO

IMPÉRIO PARA MENORES DE 18 (DEZITO) ANOS...  
AS FOL. 02, 08, 12, 15, 21, 22, 23, 29, 30, 42, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100

IMPRÓPRIO PARA  
MENORES DE  
**18**  
DEZITO ANOS

29  
18 JULHO 78  
*Rogério Nunes*  
ROGERIO NUNES

18

ofp

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLÍNIO MARCOS

COM CORTES

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - PR

Prof. ARY PEREIRA BRAGA

17 JULHO

78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. C/CORTES

AS FLS. 02,08,12,15,31,32,33,39,40,42,52. CONDICIONADA AO EXAME DO EN-  
SAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPA-  
NHADO DO SCRIPT DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

18

JULHO

78

CARLOS A. MOLINARI E CARVALHO

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE DEZOITO ANOS

801/FIC100

DPF - SR  
Fl. nº  
Rub.



MJ - DPF - SPA/BSB

FICHADO  
S. A. DCDP

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
MJ - DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL 1031 022472  
Superintendência Regional em Santa Catarina

Of. nº 1186/SCDP Florianópolis, 10 de agosto de 1978.

*Assunto  
Pedido de liberação  
de peças teatrais*

Senhor Diretor:

Com o presente, encaminhamos a V.Sª. Script em 03 (três) vias da Peça Teatral 'DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA', de autoria de Plínio Marcos, para competente liberação dessa / DCDP.

Atenciosamente,

*Ant. P. Gesser*  
NEI DE OLIVEIRA  
Chefe da SCDP/SR/SC

Ilmo. Sr.  
Dr. Rogério Nunes  
DD. Diretor da DCDP/SR/SC  
Brasília - DF

# TEATRO

TÍTULO Dois Perdidos numa Noite Suja

Plínio Marcos

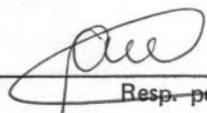
1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 e/c

Praça Itororópolis - SC

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 16, 08, 1978



Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ a \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

DF. \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

D. Augusto

Considerando-se do peça,  
que, anteriormente, já foi de  
alvo de representações junto  
ao S. A. S. e, dado as  
condições conflitantes que  
ainda perduram em rela-  
ção ao autor, mesmo sob  
que os cortes devem per-  
manecer.

Carlos A. Malinari de Carvalho  
Chefe de Serviço de Censura - D.C.P.

20/9/78

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Sr. chefe do SC,  
Submetida esta peça teatral  
a confronto, o TC, confirmou  
a classificação etária 7/maiores  
e os cortes. Acharnos, todavia,  
q não se justificariam as supres-  
sões de fls. 02, 07, 10, 12, 15, 17, 31, 34,  
41 e 44, dada a classif. do  
espetáculo.

A sua consideração.

Brasília-DF 18 de setembro de 1978

  
Maria Arlete R. Gama  
Ch. SCTC-SC/DCDP

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

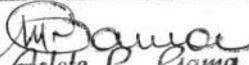
De acordo. Libere-se as  
formas propostas pela  
chefia do SC.  
26.9.78

**ROGERIO NUNES**  
Diretor da D.C.D.P.

A S. E., para se emitirem dois certificados,  
com a classificação: impróprio para menores  
de dezoito anos, com cortes e  
com os dados constantes do requerimento de  
lens., condicionada ao exame  
do ensaio geral. Obs.: cortes indicados

no parecer nº 3.287/78

Brasília-DF, 27 de set. de 1978

  
Maria Arlete R. Gama  
Cb. SCTC-SC/DCDP



PARECER Nº 3.287, 78

TÍTULO: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 (dezoito) anos

Autor: Plínio Marcos

Realizando o confronto do texto da peça teatral "Dois Perdidos Numa Noite Suja" com o constante do processo, verificamos a semelhança de ambos.

Somos, portanto, pela liberação do texto atual com a classificação etária de dezoito anos, indicando os mesmos cortes que foram aplicados anteriormente, marcados às págs: 02, 07, 10, 11, 12, 15, 17, 26, 31, 34, 41 e 44.

Brasília, 31 de agosto de 1978

*Maria das Graças Sampaio Pinhati*  
Maria das Graças Sampaio Pinhati

SERVICO PUBLICO FEDERAL

" DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "

PLINIO MARCOS

854/78

" DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "

PLÍNIO MARCOS

PROIBIDO PARA  
MENORES DE  
DEZOITO ANOS

29 MARÇO 82  
27 SETEMBRO 78  
*Rogério Nunes*

ROGERIO NUNES

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

" DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "

PLÍNIO MARCOS

/SC

18

SETEMBRO

78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (dezoito) ANOS. COM CORTES  
A FLS. 02, 07, 10, 12, 15, 17, 31, 34, 41 e 44, DO "SCRIPT". CONDICIONADO AO  
EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE  
QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

27

SETEMBRO

78

CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1349/78- SCTC/SC/DCDP      BSB/      01/9 / 78

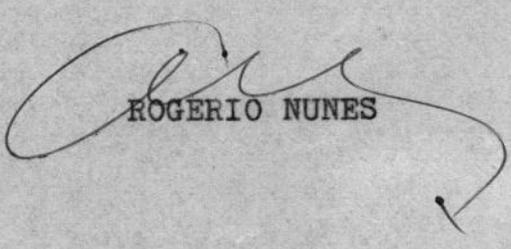
Superintendente Regional do DPF em Santa Catarina

" DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA "

Plínio Marcos

Superintendente

em Florianópolis/SC

  
ROGERIO NUNES

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

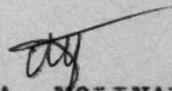
OF. nº 1511/78-SCTC/SC/DCDP      BRASÍLIA, 24 de outubro de 1978

Do        : Sr. Diretor da Div. de Censura de Div. Públicas  
Ao        : Sr. Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais  
Assunto: Encaminhamento (FAZ)

Senhor Superintendente

Estamos encaminhando a V.Sa. as xerocópias, do certificado e da página 7 do "SCRIPT" da peça teatral " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plínio Marcos.

Na oportunidade reiteramos os protestos de estima e consideração.

  
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO  
Diretor Substituto /DCDP

SRA/BSB



MJ - DPF - SRA/BSB

26 DEZ 09 48 2 035418

DPF - SRA  
FL nº 1  
Rub. 66

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL

Ofício nº 718/79-SCDP/SR/RJ

Em 18.12.79

FICHA DO  
S.A. DCDP

Do Chefe do Serviço de Censura de Diversões Públicas/RJ

Endereço

Ao Sr. Diretor da Divisão de Censura de Diversões Públicas

Assunto: Encaminhamento (faz)

De ordem,  
ao Agente,  
H. A. Providência  
E 26.12.79  
Arésio Teixeira Delgado  
Matr. 2.405.306

Senhor Diretor:

Encaminho a V.Sª. texto, parecer e o ensaio geral da peça "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de autoria de Plínio Marcos, liberada com impropriedade para menores de 18 anos.

Para efeito de expedição de certificado definitivo, esclareço que o exame da obra foi requerido por Roberto de Brito.

Na oportunidade, renovo a V.Sª. protestos de consideração e apreço.

AUGUSTO DA COSTA  
Chefe do SCDP/SR/RJ

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
SERVIÇO DE CENSURA DE DIVERSÕES PÚBLICAS

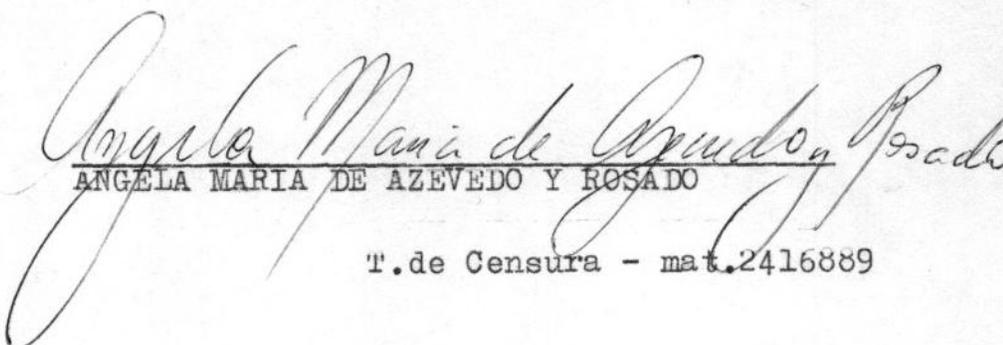
2285

TÍTULO : "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"  
AUTOR : PLINIO MARCOS  
GÊNERO : TEATRO - COMPARATIVA  
CLASSIFICAÇÃO : 18 anos

O texto trazido a este órgão para ser comparado ao original é fiel, não lhe tendo sido acrescentado ou subtraído nada.

Em vista disso, ratifico a classificação etária, sendo os cortes previamente determinados desnecessários.

Rio de Janeiro, 19 de novembro/79

  
ANGELA MARIA DE AZEVEDO Y ROSADO

T.de Censura - mat.2416889

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

PEÇA TEATRAL: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

AUTOR: PLINIO MARCOS

PRODUÇÃO: ROBERTO DE BRITO

CLASSIFICAÇÃO ETARIA: 18 ANOS

ENSAIO GERAL: DISPENSADO - DECº 20.493/46 artº 52 § 2º

## EXPOSIÇÃO DE MOTIVOS:

Com base no parecer da Técnica de Censura Angela Maria de Azevedo Y Rosado, responsável pelo exame comparativo dos textos apresentados a esta SCDP/DPF/NI e o original da peça teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de autoria de Plínio Marcos, que revigora a faixa etária de 18 anos, sem as restrições impostas pelo Certificado de Censura Federal;

Considerando as diversas encenações da referida peça teatral, por isso mesmo conhecidíssima para nós Técnicos de Censura; e

Considerando o artº 52 § 2º do Decº 20.493/46, esta Chefia houve por bem dispensar o ensaio geral da citada peça.

Diante do exposto, solicito a expedição do Certificado de Censura Federal com a impropriedade de 18 ANOS, da peça teatral "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", para o Sr. Roberto de Brito, interessado na reencenação da referida obra.



MARIA SELMA MIRANDA CHAVES  
Chefe de S. C. D. P. - DPF/NI

## TEATRO

TÍTULO Das Perdidos numa noite SujaPlínio Marcos

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 c/cPraça Rio de Janeiro - RJ

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 27 / 12 / 1979 /Calina Nascimento Gomes  
Resp. pela elaboração do Processo

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_  
Resp. pela Programação

4) SERVIÇO DE CENSURA

LIBERE-SE  
na forma do parecer  
Em, 07 / 01 / 1980pl Bleiz José De Sousa  
Matr. 2 095 666

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de 18 (dezoito) anos, sem cortes, condicionada ao exame do ensaio geral.Obs.: Parecer do chefe da SEDP-DPE/MIBrasília-DF, 02 de Janeiro de 1979R. Prudente  
Rellé Prudente Carvalho  
Matr. 2 415 791

Brasília-DF de \_\_\_\_\_ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

854/80

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

PLÍNIO MARCOS

IMPRÓPRIO PARA  
MEIORES DE  
DEZOITO ANOS

04 JANEIRO 85

04 JANEIRO 80

*Jose V. Madeira*  
JOSÉ VIEIRA MADEIRA

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA

PLÍNIO MARCOS

ROBERTO DE BRITO

-

RIO DE JANEIRO/RJ

02

JANEIRO

80

IMPRÓPRIA PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

04

JANEIRO

80

ELIENE DE SOUSA

*[Handwritten signature]*

Of. nº 013/80-DCDP

04 de janeiro de 1980

RJ

723-718/80-SCDP/SR/RJ

- 1 - "EM ALGUM LUGAR FORA DESSE MUNDO", de José Wilker.
- 2 - "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plínio Marcos.

Na oportunidade, reitero a V.Sa. protestos de estima e consideração.

ELIEL JOSÉ DE SOUSA  
Chefe do SC/DCDP



MJ - DPF - SRA / BSB

DPF - SRA  
Fl. nº *1*  
Rub. *12*

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA  
DEPARTAMENTO DE POLÍCIA FEDERAL  
Superintendência Regional na Paraíba 032621

Of. nº 1797 /78-SCDP

*Assunto: 1797  
requisição  
de 21.11.78*

SRA/FICHADO

JOÃO PESSOA-PB-Em 17-novembro-78

Senhor Diretor

FICHADO  
S. A. DCDP

ROGÉRIO NUNES  
Diretor da DCDP

De ordem, junto com o presente encaminho a V.S.a., três textos da Peça Teatral: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plínio Marcos, visando o competente exame censório. No ato, Senhor Diretor, muito grato ficaria se, essa Direção, devolvesse a este Órgão a peça em questão até o dia 30 do corrente, vez que tem encenação marcada para o dia 03-12-78, às 21H00 no interior do Teatro Municipal "Severino Cabral", sediado em Campina Grande/PB.

Na oportunidade, renovo a V.S.a, protestos de atenção e respeito.-

Bel. PEDRO FERNANDES DE SOUZA  
Chefe da Censura Federal/PB

Ao Ilmo. Senhor  
Dr. ROGÉRIO NUNES  
DD. Diretor da DCDP/DPF/BSB  
VIA MALOTE



# Sociedade Brasileira de Autores Teatrais

Fundada em 27 de Setembro de 1917 — Reconhecida como de Utilidade Pública Federal pelo Dec. 4.092, de 4-8-1920

Filiada à Confederação Internacional das Sociedades de Autores e Compositores de Música.

Sede: Av. Almirante Barroso, 97 - 3º andar — End. Teleg. SBAT - RIO

Rio de Janeiro — Brasil

## A quem interessar

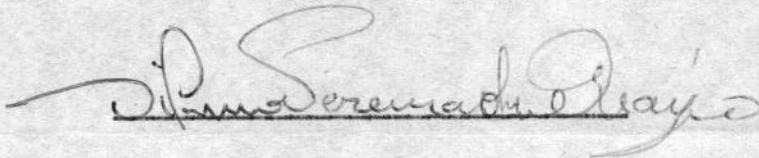
Declaro pelo presente, que o GRUPO TEATRAL

"OS MANSOS" SEDIADO nesta cidade nada devem a SBAT=-

Local, pode encenar a peça "Dois Perdidos numa noite suja" de autoria de Plínio Marcos, no Teatro Municipal SEVERINO CABRAL.

Sem outro assunto sou.

Atenciosamente

  
Plínio Marcos

Do " GRUPO TEATRAL OS MANSOS " de Campina Grande, PB.  
Ao Departamento de Policia Federal ( D C D P ) PB.

Campina Grande, em 5 de novembro de 1978.

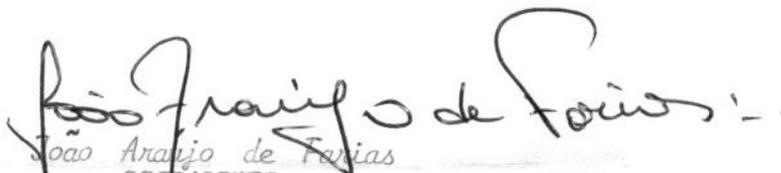
1.º Sr.

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL  
( D C D P ) S/R PB;  
JOÃO PESSOA : PB.

Prezado Senhor,

Estou encaminhando a V. Sa. o texto em tres vias da  
peça teatral " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA " de Plinio Marcos. Afin  
que seja censurada por V. Sa. para que possamos encenar em nosso estado  
pelo " GRUPO TEATRAL OS MANSOS " no 3 de dezembro de 1978.

Na certeza que serei atendido,  
subscrevo-me atenciosamente.

  
João Araújo de Farias  
PRESIDENTE  
G DO  
GRUPO TEATRAL OS MANSOS

Do " GRUPO TEATRAL OS MANSOS " de Campina Grande, PB.  
Ao Departamento de Policia Federal ( DCDP ) PB.

Campina Grande, em 5 de novembro de 1978.

1<sup>mo</sup>. Sr.

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE POLICIA FEDERAL  
( DCDP ) S/R PB;  
JOÃO PESSOA : PB.

Prezado Senhor.

Estou encaminhando a V. Sa. o texto em tres vias da  
peça teatral " DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA " de Plinio Marcos. Afin  
que seja censurada por V. Sa. para que possamos encenar em nosso estado  
pelo " GRUPO TEATRAL OS MANSOS " no 3 de dezembro de 1978.

Na certeza que serei atendido,  
subscrevo-me atenciosamente.

  
João Araújo de Farias  
PRESIDENTE  
DO

GRUPO TEATRAL OS MANSOS

# TEATRO

TÍTULO Dois Perdidos numa Noite Suja

Plínio Marcos

1) ARQUIVO

Clas. Anterior 18 c/c

Praça João Pessoa - PB

Obs.: \_\_\_\_\_

DF. 22 / 11 / 78 /

Salma N. Jones  
Resp. pela elaboração do Processo

4) SERVIÇO DE CENSURA

Em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 1.97

2) PROGRAMAÇÃO

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Técnico de Censura \_\_\_\_\_

Data prazo Exame de \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_ a \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

DF. \_\_\_\_ / \_\_\_\_ / \_\_\_\_

\_\_\_\_\_ Resp. pela Programação

3) CHEFE DA S.C.T.C.

Emita-se o certificado, de acordo com requerimento de censura e com a classificação: imprópria para menores de dezoito anos, com cortes, condicionada ao exame do ensaio \_\_\_\_\_.

Obs.: corte indic. Parecer 4295/78

Brasília-DF, 30 de nov. de 1978

Matia Adelaide L. Gama  
Ch. S.C.T.C./DCDP

Brasília-DF de \_\_\_\_\_ de 1.97

5) DIRETOR DA D.C.D.P.

LIBERE-SE DE CONFORMIDADE COM O PROCESSO ANTERIOR

Classificação: 18 (DEZOITO) ANOS, COM CORTES

Brasília-DF 30 / NOV / 78

Carlos A. Molinari de Carvalho  
Chefe do Serviço de Censura - DCDP



PARECER Nº 4295 / 78

TÍTULO: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITA SUJA"

CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA: 18 ( DEZOITO ) ANOS C/CORTES

TEXTO PARA TEATRO - AUTORIA: PLÍNIO MARCOS

Cõnfrontado o presente texto com o original do processo, observei tratar-se do mesmo enfoque já desenvolvido e liberado, sendo sugerida a sua liberação com a impropriedade máxima, com cortes, condicionada ao ensaio geral.

Brasília, 29 de novembro de 1978

*Maudiale*  
Ivelice G. de Andrade

CORTES: fls. 02, 08, 11, 12, 13, 16, 18, 26, 31, 34, 41, 44 e 45 do texto.

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

1.674/78-SCTC/SC/DCDP

30 - NOV - 78

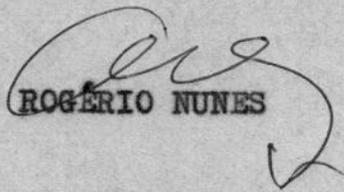
Superintendente Regional do DPF na Paraíba

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

PLÍNIO MARCOS

Superintendente:

em Campina Grande-PB.

  
ROGÉRIO NUNES

854/78

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

PLÍNIO MARCOS

29

MARÇO

82

30

NOVEMBRO

78.

*Rogério Nunes*

ROGÉRIO NUNES

PROIBIDO PARA  
MENORES DE  
DEZOITO ANOS

"DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA"

PLINIO MARCOS

COM CORTES

GRUPO TEATRAL OS MANSOS - PB

GRUPO TEATRAL OS MANSOS - PB

30

NOVEMBRO

78

IMPRÓPRIO PARA MENORES DE 18 (DEZOITO) ANOS. COM CORTES

ÀS FLS. 02,08,11,12,13,16,18,26,31,34,41,44 e 45 DO TEXTO. CONDICIONADA AO EXAME DO ENSAIO GERAL. O PRESENTE CERTIFICADO SOMENTE TERÁ VALIDADE QUANDO ACOMPANHADO DO SEU "SCRIPT" DEVIDAMENTE CARIMBADO PELA DCDP.

*[Handwritten signature]*

30

NOVEMBRO

78

*[Handwritten signature]*  
CARLOS A. MOLINARI DE CARVALHO

*[Faint rectangular stamp]*

SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL

OF. nº 095/79-SCTC/SC/DCDP

16 de fevereiro de 1979

: Diretor da Div. de Censura de Diversões Públicas  
: Sr. Superintendente Regional do DPF em Minas Gerais  
: Encaminhamento (FAZ)

Senhor Superintendente

Em atenção à solicitação de V.Sa., estamos encaminhando o parecer e os cortes da peça teatral: "DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA", de Plínio Marcos.

Valemo-nos do ensejo para reiterar a V.Sa. protestos de estima e consideração.

*RG*  
R/ ROGERIO NUNES  
Diretor/DCDP